

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
CAMPUS CENTRO OESTE DONA LINDU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM
ENFERMAGEM**

LIDIANI VANESSA DA SILVA

**SUICIDALIDADE LGBTQ+: NARRATIVAS DE VIDA DE DIFERENTES
GERAÇÕES**

DIVINÓPOLIS

2019

LIDIANI VANESSA DA SILVA

**SUICIDALIDADE LGBTQ+: NARRATIVAS DE VIDA DE DIFERENTES
GERAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Enfermagem – PPGENF da Universidade Federal de São João Del Rei para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Enfermagem

Linha de Pesquisa: Processo de Cuidar em Saúde e Enfermagem

Orientadora: Nadja Cristiane Lappann Botti

DIVINÓPOLIS

2019

**AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.**

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586s Silva, Lidiani Vanessa.
SUICIDALIDADE LGBTQ+ : NARRATIVAS DE VIDA DE
DIFERENTES GERAÇÕES / Lidiani Vanessa Silva ;
orientadora Nadja Cristiane Lappann Botti. --
Divinópolis, 2019.
138 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem) -- Universidade Federal de São João del
Rei, 2019.

1. suicídio. 2. gênero. 3. sexualidade. 4. história
oral. I. Botti, Nadja Cristiane Lappann, orient.
II. Título.

Nome: Lidiani Vanessa da Silva

Título: Suicidalidade LGBTQ+: narrativas de vida de diferentes gerações.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Enfermagem da Universidade Federal de São João del-Rei para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Enfermagem.

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora

Orientador Prof^a Dr^a Nadja Cristiane Lappann Botti

Instituição: Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ – CCO

Assinatura: _____

Prof^a Dr^a. Sheila Ferreira Miranda

Instituição: Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ – CDB

Assinatura: _____

Prof. Dr. Marco José de Oliveira Duarte

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Serviço Social - UFJF

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao começar a escrever os agradecimentos lembro de toda a trajetória desses anos de mestrado. Foram muitos dias de aprendizado, de crescimento pessoal, e profissional. Não sei se chegaria até o final, se não tivesse Deus na minha vida, meus pais, minha irmã Kênia, meu marido que me apoiaram nos melhores e piores momentos dessa caminhada. A essas pessoas devo o meu agradecimento ETERNO, possivelmente sem vocês não teria chegado até aqui.

Agradeço minha amiga e orientadora Nadja, sempre com braços abertos, cuidadosa com os seus. Ela me ensinou a ver as possibilidades de prevenção do suicídio e valorização da vida através da música, das histórias, da arte e principalmente da empatia e do cuidado. Foram muitas tardes de orientação, de cafés, de histórias, de risos e lágrimas, que no dia-a-dia me mostraram a pessoa especial que você é, e o quanto tem o desejo de viver e ajudar o próximo. Sempre atenta aos nossos medos e dificuldades, apoiando e incentivando nosso crescimento.

Agradeço a minha sobrinha Nadinha por existir e me inspirar, essa pessoa linda, corajosa, que enfrenta o mundo para deixar sua marca e viver livre.

A minha sobrinha Duda, que deu uma nova chance a vida, e está superando dia após dia as dificuldades de um tratamento em saúde mental. Ao meu sobrinho Henrique que com sua delicadeza e alegria ilumina meus dias.

Aos meus amigos e amigas do mestrado, que dividiram comigo, as aulas, os cafés, as risadas, as lágrimas, as caronas, os memes, o desespero (risos), e me ajudaram em muitos momentos.

A minha amiga Li Lás, que me entende, me coloca pra cima nos momentos difíceis, e me diz umas verdades quando preciso ouvir.

Aos meus colegas LGBT do mestrado Matheus, Matheus, (os dois parteiros) e Gaby.

Aos meus amigos e amigas do Teia Vita.

A UFSJ e o Programa de Mestrado em Enfermagem que me possibilitaram realizar meu sonho de ser mestra e estudar em uma universidade pública e gratuita.

Ao Adam Pitter que me apoiou nessa pesquisa, e me ajudou sempre que precisei. Aos participantes da pesquisa que abriram suas casas, corações e dividiram suas histórias comigo. Quão rica se tornou minha vida após conhecer cada um de vocês...

“O segredo, querida Alice, é rodear-se de pessoas que te façam sorrir o coração. É então, só então que você encontrará o País das Maravilhas”. Chapeleiro Maluco

A Nandinha, Duda e Rick...

RESUMO

O preconceito e a discriminação são fenômenos presentes no cotidiano da vida social apresentando-se de várias maneiras e delimitando normas e padrões sociais. As pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e queers (LGBTQ+), historicamente, são vítimas de discriminação e violência na sociedade. Na literatura encontramos que a violência homofóbica, a não aceitação por parte da família, as questões religiosas, as agressões e ameaças vividas no cotidiano podem fragilizar a saúde mental da população LGBTQ+. Além destes fatores, as pessoas que não se enquadram na heterossexualidade e na cisgeneridade, apresentam maior número de mortes por suicídio. Desta forma o presente estudo se propôs a analisar narrativas de pessoas LGBTQ+ em relação ao comportamento suicida em uma cidade do interior do estado de Minas Gerais. O referencial metodológico utilizado foi a história oral temática, a técnica de amostragem foi a bola de neve e o referencial de análise utilizado foi a análise de conteúdo temática. O método de história oral temática permitiu a compreensão da realidade vivida pelas pessoas LGBTQ+ desvelando que o comportamento suicida se encontra presente nos seus cotidianos e que são necessárias estratégias de valorização da vida e viver LGBTQ+.

Palavras chaves: suicídio, gênero, sexualidade, história oral.

ABSTRACT

Prejudice and discrimination are phenomena present in the daily life of social life, presenting themselves in various ways and delimiting social norms and standards. Lesbian, gay, bisexual, transvestite, transgender and queer people (LGBTQ +) have historically been victims of discrimination and violence in society. In the literature, we find that homophobic violence, family non-acceptance, religious issues, aggressions and threats experienced in daily life can weaken the mental health of the LGBTQ + population. In addition to these factors, people who do not fit in heterosexuality and cisgenerity have a higher number of suicide deaths. Thus, the present study aimed to analyze narratives of LGBTQ + people regarding suicidal behavior in a city in the interior of the state of Minas Gerais. The methodological framework used was thematic oral history, the sampling technique was the snowball and the analysis framework used was thematic content analysis. The thematic oral history method allowed the understanding of the reality lived by LGBTQ + people revealing that suicidal behavior is present in their daily lives and that strategies for valuing life and living LGBTQ + are necessary.

Keywords: suicide, gender, sexuality, oral history.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	16
2.1 Objetivo geral.....	17
2.2 Objetivo específico.....	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1 A história da biopolítica e a sua interlocução nos corpos das populações	19
3.2 Construção social de sexo e gênero	22
3.3 Movimento LGBTQ+ e políticas públicas	25
3.4 Serviço Social, saúde e direitos LGBTQ+	31
3.5 Durkheim e Marx: suicídio e o fato social.....	33
3.6 Saúde mental e suicídio de pessoas LGBTQ+.....	35
4 PROPOSTA METODOLOGICA	40
4.1 Tipo de pesquisa	41
4.2 Método qualitativo de pesquisa	41
4.3 Participantes da pesquisa qualitativa	42
4.4 Local da pesquisa qualitativa	45
4.5 Coleta de dados da pesquisa qualitativa.....	45
4.6 Análise de dados	48
4.7 Aspectos éticos	49
5 RESULTADOS	51
Portas e janelas do tangenciar da suicidalidade gendrada: narrativas de vidas LGBTQ+.....	53
6 LIMITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A	84
APÊNDICE B	86

APRESENTAÇÃO

A parte da apresentação foi adiada e reescrita várias vezes. Não porque não soubesse meu percurso até aqui, ou quais os motivos me fizeram escolher o tema, enfim a verdade é que eu sempre soube os motivos mas não saberia escrever e colocá-los aqui. Talvez quem ler essa dissertação vai questionar quem é Lidiani? Como ela é? Eu já aviso que este ser está em desconstrução...

Comecei a estudar sobre suicídio e valorização da vida em 2016, quando conheci Nadja e outras pessoas empenhadas no imperativo de viver. Dentre muitas ações e atividades a que marcou parte da construção de hoje, foi um sábado de setembro em uma feira. Nesse dia comecei a entender que é possível pensar a valorização da vida de muitas formas, e que não depende apenas de um profissional, que todos podem se envolver.

Não cabe aqui como já vi em muitas apresentações contar todo meu lattes, acho que isso não vai me mostrar de verdade. A vida não cabe no lattes! De tantas formas eu caminhei para este projeto e para esse momento. Foram muitos obstáculos... a primeira vez em que eu Nadja pensamos no projeto entendemos o quanto seria difícil, e que talvez não chegassemos até aqui. O problema maior é minha insistência (risos). Não foi por um mero acaso que eu mulher heterossexual, branca, quis estudar sobre suicídio.

Uma verdade que sempre ouço é que a maioria das pessoas que se interessam e trabalham com valorização da vida, é sobrevivente. Muito cedo tive perdas na família e convivi de perto com a morte. E aí vem a outra pergunta, porque pessoas LGBTQ+? Já ouvi muitas vezes essa pergunta, a resposta é um tanto difícil de caber no papel. Parte da resposta é: “porque não as pessoas LGBTQ+?” “por qual motivo a sociedade não valoriza essas vidas?”

Eu sei de fato e vivência o quanto dói as duas perguntas, e mais ainda as respostas. Conviver com o sofrimento dessas pessoas e sentir-se incapaz de fazer algo, ter que aceitar o que está posto, talvez seja o que mais me motivou nessa pesquisa. Não tenho lugar de fala, não sou LGBTQ+. Mas dedico todas essas páginas as pessoas que passaram ou passam por isso. Lutar para viver, ter uma constante dúvida se vai conseguir voltar vivo ou inteiro pra casa. Quantas e quantas vezes ouvi esses relatos... quantas vezes chorei junto, quando não podia resolver a situação ou pelo menos dizer uma palavra amiga.

Talvez não faça nenhum sentido pra quem está lendo, essa dissertação como já ouvi mais de uma vez, não é apenas para garantir um papel. Espero que de fato quem ler possa começar a pensar diferente.

1 INTRODUÇÃO

O preconceito e a discriminação são fenômenos muito presentes no cotidiano da vida social apresentando-se de várias maneiras e delimitando normas e padrões pré-estabelecidos socialmente (MENEZES; SILVA, 2017). As pessoas LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) foram vítimas, historicamente, de discriminação e violência na sociedade brasileira. Esses fenômenos, quando se apresentam em forma de violência, buscam dignificar determinado grupo ou pessoa em relação a outro percebido como diferente, menor ou insignificante, independente do ambiente ou contexto social (MENEZES; SILVA, 2017).

Considera-se recente, no caso do Estado brasileiro, a preocupação com essa parcela populacional uma vez que somente a partir da década de 80 e 90 que se identifica atuação do governo federal diante dessa problemática (ROSA, 2015). No ano de 2002, por exemplo, é criado o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), na qual entre suas diversas ações encontra-se presente a expressão orientação sexual como liberdade da pessoa (ROSA, 2015).

A criação e instalação do Comitê Nacional de Políticas Públicas LGBTQ+ no ano de 2014, exemplifica uma mudança que se almeja, resguardando direitos e proteção a essa comunidade. Ressalta-se que o interesse do Brasil em respeitar os direitos humanos com crescente busca por uma sociedade baseada no respeito ao próximo e que assegure a todos, sem distinção, uma vida digna a pessoa, demonstra o desejo do país em estar de acordo com os princípios das Nações Unidas (ROSA, 2015).

A sociedade civil, organizações não governamentais, políticas públicas criadas e ações governamentais, assim como a sociedade civil organizada e o ativismo da população configuram-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), isto é, no documento histórico de promoção dos direitos humanos (ROSA, 2015). O Brasil, assim como outros países, sofreu influência pós DUDH, na qual a pauta por uma sociedade mais igualitária passou a ter mais relevância, especialmente no período da redemocratização brasileira (ROSA, 2015).

No Brasil o movimento LGBT, historicamente, caracteriza-se na luta pela efetivação dos direitos sociais, garantidos desde a Declaração dos Direitos Humanos, no ano de 1948 (SAMPAIO, GERMANO, 2014). Entretanto, a despatologização da homossexualidade é recente, sendo que somente em 1973 deixou oficialmente de

caracterizar-se como uma doença psiquiátrica sendo excluída do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (SAMPAIO, GERMANO, 2014). Ainda, nesta direção a Organização Mundial de Saúde (OMS) oficializou no dia 21 de maio deste ano, durante a 72ª Assembléia Mundial da Saúde, em Genebra, a retirada da classificação da transexualidade como transtorno mental da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID-11).

Reconhece-se que, historicamente, existem grupos marginalizados que possuem dificuldades de acesso aos serviços de saúde havendo, portanto, necessidade de viabilizar e otimizar este acesso (PRADO; SOUSA, 2017). Assim, no campo da saúde coletiva, surgem as políticas de promoção da equidade no Sistema Único de Saúde (SUS) que tem por objetivo diminuir vulnerabilidades que determinados grupos populacionais estão mais expostos, e que resultam de determinantes sociais da saúde (PRADO; SOUSA, 2017).

Estudo nacional qualitativo realizado objetivando identificar situações de vulnerabilidade vivenciadas no decorrer do processo de descobrir-se, aceitar-se e assumir uma orientação sexual aponta vivências de vulnerabilidades individuais e sociais dos jovens homo afetivos (ZANATTA; FERRAZ; KLEIN *et al.*, 2018). Na dimensão individual, estão expostos aos sentimentos de medo, insegurança e não aceitação; e na dimensão social, destaca-se a exposição à violência, expressa de diversas formas, nos âmbitos familiar e social. Como meio de enfrentamento das vulnerabilidades, a família foi evidenciada como uma entidade importante (ZANATTA; FERRAZ; KLEIN *et al.*, 2018). Enfatiza-se que as vulnerabilidades presentes na vida do jovem homo afetivo necessitam ser (re) conhecidas e enfrentadas em todas as suas dimensões tornando-se imperativo a implementação de políticas e programas de prevenção à violência e de promoção à saúde, considerando a sexualidade como parte do projeto de felicidade das pessoas (ZANATTA; FERRAZ; KLEIN *et al.*, 2018).

Uma das discussões presentes na agenda do movimento LGBTQ+ refere-se à violência. A LGBTfobia é uma violência enfrentada pelas pessoas LGBTQ+, que consiste no ódio ou aversão a sua manifestação sexual. Entende-se como LGBTfobia os sentimentos negativos relacionados ao “medo” e ao “semelhante” direcionados a gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais (JUNQUEIRA, 2007). Assim, a expressão LGBTfobia refere-se as manifestações de ira, nojo, desconforto, receio, horror, desprezo e descaso pelas pessoas que não estão inclusas nas definições rígidas amarrados a

heteronormatividade e a dialética binária de gênero. O binarismo parte da premissa que o masculino e o feminino são polos de ideias que se contrapõem e não se complementam (BRASIL, 2018). O quinto relatório sobre violência LGBTfóbica no Brasil, com dados de 2016, aponta para um panorama de violência LGBTfóbica sistemática no país, sendo registrado no referido ano, 2.964 violações de direitos humanos de caráter LGBTfóbico (BRASIL, 2018).

Entre as consequências das agressões e ameaças vividas no cotidiano por pessoas LGBTQ+ encontra-se a fragilização da saúde mental. O sofrimento psíquico é uma realidade de muitas pessoas que não se enquadram na heterossexualidade e na cisgeneridade, sendo que a taxa de mortes por suicídio dessas pessoas costuma ser maior (HATZENBUEHLER, 2011). Afirma-se que há vários fatores associados ao risco de suicídio entre as pessoas LGBTQ+, sendo a homofobia internalizada uma das principais causas associada ou não a outros problemas de saúde mental (PINEDA-ROA, 2013).

Diante do exposto pergunta-se qual o significado do comportamento suicida entre pessoas LGBTQ+? Como o comportamento suicida pode ser compreendido na perspectiva de gênero e geração?

OBJETIVOS

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar narrativas de pessoas LGBTQ+ em relação ao comportamento suicida.

2.2 Objetivo específico

Compreender o significado do comportamento suicida para pessoas LGBT de acordo com as gerações;

Identificar divergências e/ou convergências do significado do comportamento suicida para pessoas LGBTQ+ de acordo com as gerações.

REFERENCIAL TEÓRICO

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A história da biopolítica e a sua interlocução nos corpos das populações

Giorgio Agamben, filósofo italiano, nascido em 1942, tem vasta publicação e entre seus trabalhos mais conhecidos encontra-se o estudo sobre conceitos de estado de exceção e *homo sacer*. Suas reflexões têm base no conceito de biopolítica e na relação com o poder soberano, por isso estuda sem separar as áreas a interseção entre o legal, institucional e o biopolítico (CARAVACA-MORERA, 2017).

Para compreender o que seria a vida para Agamben necessita-se do entendimento dos termos gregos - *zoé* e *bios* (BAPTISTA 2014). Os gregos possuíam mais de um termo para explicar o que significava a palavra vida. Para eles o termo *zoé* revelava o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses) e o termo *bios* indicava a forma ou maneira de viver própria de uma pessoa ou de um grupo (AGAMBEN, 1998). Os gregos com o uso destes termos estabeleceram a diferenciação de vida natural e vida qualificada, assim *zoé* refere-se a ideia de uma vida natural, compartilhada por todos seres vivos, assim significa simplesmente existir como sendo algo indistinto e vital.

Contudo, *bios* indica características fundamentais para distinguir e qualificar o homem em seu caráter humano, tanto pelo viver como pelo conviver (BAPTISTA, 2014). Assim, este termo compreende uma vida baseada nas práxis de ser sujeito e suas responsabilidades sociais (CARAVACA-MORERA, 2017). Com Agamben entende-se como vida nua a ideia de uma vida sem qualquer proteção institucional ou moral, e na esfera política com seu núcleo original do poder soberano, sendo nesta esfera que a vida nua revela sua qualificação paradoxal, tendo *zoé*, como exclusão e *bios*, como inclusão (CARAVACA-MORERA, 2017).

Em particular, partindo do conceito de *biopolítica* de Foucault, Agamben sugere que a produção de um corpo biopolítico é a contribuição original do poder soberano. Assim, a biopolítica moderna está relacionada com a vida das pessoas dentro da ordem estatal; sendo o sistema político que governa os conceitos de vida e morte apresentando-se os corpos das populações como objetos subjugados em consequência de sua intervenção direta (CARAVACA-MORERA, 2017).

Agamben também apresenta dois conceitos importantes, *muselmann* e *homo sacer* (AGAMBEN, 1998). Entende-se como *muselmann*, aqueles que ainda estavam vivos, mas essencialmente deixaram de ser sujeitos, assim são incapazes de fazer qualquer outra coisa além de sobreviver; enquanto, o *homo sacer*, a partir da figura arcaica, revela aquele que está nu, desprotegido e desprovido de direitos e, portanto, pode ser morto, tanto no sentido real quanto metafórico, sem qualquer punição para quem realiza esse ato (AGAMBEN, 1998; CARAVACA-MORERA, 2017). De tal modo, *muselmann* e *homo sacer* marcam o lado inverso do explícito paradoxo exclusão-inclusão (CARAVACA-MORERA, 2017).

Segundo Santos e Krawczak (2018), tais conceitos sustentaram, e ainda sustentamos discursos de poder na história da humanidade, portanto a condição do homem naturalizada para o seguimento da ordem produz a associação de vida humana com regramentos e obediências aos princípios introduzidos pela política social, calcada no doutrinamento de corpos, visando, em última instância “estabelecer” o bem-estar do todo.

Abordando a questão sobre bem-estar, precisamos levar em consideração o nosso público de pesquisa, o conceito de vulnerabilidade, nos aspectos da seguridade social. O primeiro autor que traremos para a discussão, Cutter, trabalha o conceito de vulnerabilidade em várias concepções. Em um dos seus estudos encontra-se vulnerabilidade como potencial para perda, assim está relacionada ao risco ou a elementos de exposição a riscos, seja por circunstâncias que colocam as pessoas e as localidades em risco perante um determinado perigo, quer de propensão as circunstâncias que aumentam ou reduzem a capacidade da população, da infraestrutura ou dos sistemas físicos para responder e recuperar-se de ameaças ambientais (CUTTER, 2011).

A ciência da vulnerabilidade fornece a base empírica para a elaboração de políticas de redução de riscos através do desenvolvimento de métodos e métricas para analisar a vulnerabilidade social aos riscos ambientais e aos acontecimentos extremos. Em particular, a ciência da vulnerabilidade procura analisar os fatores que influenciam as capacidades locais (definidas aqui como subnacionais) na preparação para, resposta a e recuperação de desastres, examinando de forma comparativa os vários padrões daí resultantes (CUTTER, 2011).

Para Carmo e Guizardi (2018), encontramos a concepção de vulnerabilidade sob o aspecto da seguridade social, como a multideterminação de sua gênese não estritamente condicionada à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas atrelada

também às fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos. Dando continuidade a tal concepção Carmo e Guizardi (2018), trazem o conceito etimológico da palavra vulnerabilidade, que é a conexão dos vocábulos em latim *vulnerare* (que significa ferir, lesar, prejudicar) e *bilis* (que significa suscetível a) como origem da palavra.

Para Katzman (1999), o conceito vulnerabilidade social deve ser entendida como ausência, por parte de indivíduos ou grupos, de meios capazes para enfrentar determinados riscos, que afetam o bem-estar, que lhes permitisse maior aproveitamento das oportunidades. Seriam esses ativos, físicos, humanos e sociais:

O ser humano vulnerável, é aquele que, conforme conceito compartilhado pelas áreas da saúde e assistência social, não necessariamente sofrerá danos, mas está a eles mais suscetível uma vez que possui desvantagens para a mobilidade social, não alcançando patamares mais elevados de qualidade de vida em sociedade em função de sua cidadania fragilizada. Assim, ao mesmo tempo, o ser humano vulnerável pode possuir ou ser apoiado para criar as capacidades necessárias para a mudança de sua condição. É com base nessa última afirmação que concordamos que não se trata, a vulnerabilidade, apenas de uma condição natural que não permite contestações. Isso porque percebemos que o estado de vulnerabilidade associa situações e contextos individuais e, sobretudo, coletivos (CARMO; GUIZARDI, 2018, p.6).

Tais concepções que por hora não estão centradas nos sujeitos passam a ser responsáveis pela sua própria vulnerabilidade. Como concluem as autoras são essas teorias que defendem que o ser humano desenvolve capacidades, adquirem ativos e meios internos para lidar com as adversidades (CARMO e GUIZARDI, 2018). Dessa forma, não obstante, retira-se a responsabilidade do Estado em promover políticas públicas para reduzir as desigualdades e a vulnerabilidade social, presumindo que o próprio indivíduo será capaz de resolver seus problemas sociais.

No campo da saúde o termo vulnerabilidade encontra-se atrelado a risco e começou a ser utilizado na década de 1980 com os estudos sobre a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS):

Foram as características da evolução da epidemia, como a mudança no perfil das pessoas atingidas e variáveis socioeconômicas, que trouxeram à tona novas associações ao contexto da infecção, exigindo a redefinição das ideias individualizantes até então vigentes sobre os “grupos de risco”. A adoção do conceito de vulnerabilidade, em substituição ao de grupo de risco, aconteceu nesse processo, indicando a ampliação das chances e formas de acometimento pela doença pela totalidade da população (CARMO; GUIZARDI, 2018, p.6).

De volta a Agamben e pensando no conceito de vulnerabilidade e desigualdade, trazemos o que o autor discorre sobre política, pois ela influi na forma como são criadas as políticas públicas para a população vulnerável. Somente erguendo o véu que cobre essa zona incerta poderemos chegar a compreender o que está em jogo na diferença - ou na suposta diferença - entre o político e o jurídico e entre o direito e o vivente. E só então será possível, talvez, responder à pergunta que não para de ressoar na história da política ocidental: O que significa agir politicamente? (AGAMBEN, 2004, p. 12).

3.2 Construção social de sexo e gênero

Tão complexo quanto os significados da palavra “gênero” é o momento em que surge seu conceito. Assim, tentando romper com o patriarcado e com as formas tradicionais e machistas de se tratar o feminino, a palavra “gênero” encontra-se neste primeiro momento para definir o feminino e dar visibilidade as mulheres.

Segundo Scott (1989), as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente no seu sentido literal como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos. Assim, como citado, a terminologia gênero surge não só para demarcar o lugar da mulher ou para inscrever as mulheres na história, mas também inclui a experiência pessoal e subjetiva das atividades públicas e políticas. Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos (SCOTT, 1989):

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Apesar do fato dos(as) pesquisadores(as) reconhecerem as relações entre o sexo e (o que os sociólogos da família chamaram) “os papéis sexuais”, estes(as) não colocam entre os dois uma relação simples ou direta. O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade (SCOTT, 1989, p.7).

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir gênero como interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado, tem de

designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos (BUTLER, 2015). Os conceitos de sexualidade, sexo e gênero, não surgem com o intuito de dar liberdade ao corpo e a humanidade, mas nascem em relação a outros fenômenos sociais.

Sabendo que sexo e gênero fazem parte da construção social, portanto passíveis de regulamentação e conseqüentemente coisificação da condição humana. Assim, as características do processo social, significados e papéis que apresentam diferenciações na ordem simbólica produzem desigualdade entre as pessoas, definindo o que podem ou não fazer/ser algo (SANTOS; KRAWCZAK, 2018).

Nesta direção, a compreensão de sexo como biológico e de gênero, enquanto social; isto é, o gênero vai além de sexo, sendo o que realmente importa no tocante à definição de ser homem ou ser mulher, não são os aspectos biológicos como cromossomos ou conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente. A sociedade dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher, porém a construção do gênero não se configura como um fato biológico, mas como um fato social (JESUS, 2012).

Lauretis (1987), afirma que assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade dos corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais. Para a autora as concepções culturais de masculino e feminino são complementares, mas que se excluem mutuamente, conforme os seres humanos classificam suas formas. Embora os significados variem de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está intimamente interligado a fatores políticos e econômicos da sociedade (LAURETIS, 1987).

Sobre as discussões em relação as terminologias sexo, sexualidade, gênero, expressão de gênero e identidade de gênero, sabemos há diversas compreensões e definições. Cientes da complexidade da discussão e das várias definições trataremos neste trabalho trataremos de forma simplificada e com base nos autores Jesus (2012), Glaad (2016), Reis (2018). Ainda ressaltamos que não há pretensão de findar a discussão.

Assim refere-se como sexo a classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais. A sexualidade refere-se às construções culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo,

desejo e afeto, até noções relativas à saúde, reprodução, uso de tecnologias e exercício do poder na sociedade. O gênero é a classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres, orienta papéis e expressões de gênero, independe do sexo (JESUS, 2012; GLAAD, 2016; REIS, 2018).

A intersexualidade é um termo guarda-chuva que descreve pessoas que nascem com anatomia reprodutiva, sexual e/ou padrão de cromossomos que não podem ser classificados como sendo tipicamente masculinos ou femininos. Como expressão de gênero encontra-se a forma como a pessoa se apresenta sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero assim, depende da cultura em que a pessoa vive (JESUS, 2012; GLAAD, 2016; REIS, 2018).

A identidade de gênero é o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento, é diferente da sexualidade da pessoa. A identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Ainda, as pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero (JESUS, 2012; GLAAD, 2016; REIS, 2018).

A orientação sexual refere-se à capacidade de cada pessoa de ter atração emocional, afetiva ou sexual por pessoas de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. As características da orientação sexual variam e assim identifica-se: assexual, bissexual, gay, heterossexual, homossexual, homoafetivo, pansexual e lésbica (REIS, 2018).

A partir da compreensão de sexo como biológico e de gênero, enquanto social verifica-se a relação com os conceitos agambenino de vida, particularmente com a (re) produção da vida nua e como se apresenta delineada na sociedade atual, cuja relação mais próxima com a humanização, é, contraditoriamente, a exceção dos corpos indóceis – do outro, do estranho, do *homo sacer*.

Assim, ratifica-se a ideia agambeniana de que o estado de exceção se apresenta como um paradigma dominante na política contemporânea, abrangendo categorias inteiras de cidadãos, que, por não se encaixarem no *perfil* delineado pela biopolítica, tornam-se sujeitos desintegrados para atuar no jogo do sistema político-econômico (AGAMBEN, 2004).

3.3 Movimento LGBTQ+ e políticas públicas

Os movimentos sociais e culturais se manifestam diversamente reunindo pessoas de faixa etária próxima e cenário social semelhante. Por outro lado, o momento histórico se realiza com a presença simultânea de várias gerações que, mesmo contemporâneas, não têm experiências e trajetórias de vida semelhantes (MOTA, 2010).

Um movimento social se caracteriza como uma organização, com relativo grau de formalidade e de estabilidade, mas não se reduz a uma dada atividade ou mobilização. A mobilização pode ser uma ferramenta do movimento, mas não significa organização nem constitui um movimento social (MONTAÑO, DUGUIRETTO, 2011 *apud* CORRÊA, 2015). Os movimentos sociais são ações coletivas caracterizando-se como sociopolíticas e culturais, cuja finalidade possibilita dar visibilidade as necessidades sociais através de estratégias organizativas (diretas e indiretas) como canais de denúncia ou ainda organizações em prol de um bem comum (CORRÊA, 2015). Destarte, enfatiza-se que os movimentos sociais possibilitam a troca de saberes e o estabelecimento de rede de articulação, assim são importantes ferramentas na luta pela igualdade, efetivação de direitos adquiridos e discussão sobre a ampliação dos mesmos (CORRÊA, 2015).

Historicamente, as produções acadêmicas sobre esse campo temático concentraram-se, inicialmente, na antropologia e, em seguida, na saúde coletiva. Somente a partir dos anos 1980, identificam-se estudos sobre o comportamento homossexual, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e debate sobre AIDS/HIV; sendo paulatinamente, agregados estudos acerca do combate a homofobia e das agendas feministas (DUARTE, 2014; VIANNA, 2015).

Nesta direção justifica-se a interlocução entre movimentos sociais e políticas públicas. As políticas públicas para a população LGBTQ+, como supracitado, decorre da discussão sobre saúde com enfoque na prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)¹ e combate a AIDS, no final da década de 1980, na qual outros setores da sociedade civil, incluindo o serviço social, se abrem ao debate sobre o campo da diversidade sexual e de gênero (DUARTE, 2015). Este avanço ocorre em

¹A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas (BRASIL, 2019).

consequência do movimento social organizado em torno da livre orientação sexual e performances e expressões das identidades de gêneros:

(...) reforçando com isso a visibilidade das temáticas e ações públicas expressas pelo protagonismo político LGBT na luta e garantia de direitos de cidadania. Configurando-se enquanto novos movimentos sociais na esfera pública, concretizaram-se como novos sujeitos coletivos com demandas e reivindicações próprias em decorrência da singularidade que se expressa a partir de suas próprias sexualidades (DUARTE, 2015, p.80).

No tocante ao percurso histórico da discussão acerca de gênero e diversidade na política de educação destaca-se a Conferência de Cúpula de Nova Delhi realizada em 1993, que continuou o debate a respeito da proposta de educação para todos, iniciada em 1990. Nesta Declaração encontra-se a inserção das reformas educacionais “sob o prisma de ajustes estruturais”, reforçando a necessidade de universalização da educação elementar (educação básica) e da promoção de uma educação que favoreça valores humanos universais, incluindo o respeito à diversidade cultural (VIANNA, 2015).

Nesta perspectiva, a discussão ganhou terreno na defesa da equidade como um dos pontos principais para a consolidação dos preceitos de uma sociedade justa, igualitária e aberta à diversidade. Entre perdas e ganhos, o debate ao longo da história sobre gênero e diversidade na sociedade e na política de educação, encontram-se as questões políticas e religiosas que entravam e retrocedem a discussão. Apesar da política de educação contemplar em seu currículo a questão da diversidade, respeito ao gênero, combate a homofobia e todo tipo de discriminação, ainda se encontram escola e professores não preparados para lidar com a temática e realidade exposta (VIANNA, 2015).

Segundo Facchini (2005), encontram-se três importantes etapas no tocante a história do movimento LGBT no Brasil e seus avanços e retrocessos. Em meados de 1978 a 1983, surge o “Grupo Somos”, em São Paulo; e o Jornal impresso “O Lâmpião da Esquina”, no Rio de Janeiro. Essa fase do movimento LGBT foi marcada pela politização da homossexualidade e o embate diante da ditadura militar no país, sendo as rodas de conversa a proposta para os grupos poderem falar sobre as condições sociais e reconhecerem os problemas vivenciados coletivamente (FACHINNI, 2005).

De 1984 a 1992, surgem com os grupos Triângulo Rosa e Atobá, no Rio de Janeiro; e o Grupo Gay, em Salvador; a fase do movimento LGBT que inicia a parceria política com o Estado a fim de enfrentar o surto de AIDS, essas ações contribuíram para

abertura de políticas visando assistência às pessoas LGBT e as discussões visavam direcionar a campanha em prol da despatologização da homoafetividade (FACHINNI, 2005).

Fachinni (2005) cita ainda uma terceira fase ou marco do movimento que teve início em 1992 e encontra-se até os dias atuais. Esta fase tem como momento importante o EBHO – Encontro Brasileiro de Homossexuais, realizado em 1989 apresentando a questão do HIV como principal foco na agenda do movimento LGBT, mas também se encontra a discussão da violência, discriminação religiosa e fortalecimento do movimento; que até os dias atuais encontra-se marcada pela diversificação das categorias identitárias, entendidas como segregacionistas (FACHINNI, 2005).

No Brasil, as políticas públicas voltadas às pessoas LGBTQ+ tiveram seu marco inicial no Governo de Fernando Henrique Cardoso, em 2002, com o Programa Nacional de Direitos Humanos 2 (PNDH2). Dentre as 518 ações propostas identifica-se que cinco contemplavam “orientação sexual” como uma dimensão de “garantia do direito à liberdade, opinião e expressão” e dez relacionavam-se à “garantia do direito à igualdade” de “gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais – GLTTB” (MELLO; BRITO, 2012). No Governo Lula o movimento retoma suas discussões e conquista espaço para ampliação das políticas públicas. O quadro 1 apresenta os marcos legais importantes de políticas públicas às pessoas LGBTQ+ (Quadro1):

Quadro 1: Marcos legais importantes e políticas públicas às pessoas LGBTQ+.

Ano	Marcos legais
2002	Lei 14.170 de 15/01/2002- Determina a imposição de sanções a pessoa jurídica por ato discriminatório, praticado contra pessoa em virtude de sua orientação sexual (Minas Gerais).
2003	Decreto 43.683 de 10/12/2003- Regulamenta a lei 14.170 de 15/01/2002, que determina a imposição de sanções a pessoa jurídica por ato discriminatório, praticado contra pessoa em virtude de sua orientação sexual (Minas Gerais).
2004	Criação do Brasil Sem Homofobia (BSH) – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual.
2005	Decreto nº 5.397/2005: dispõe sobre a composição, competência e funcionamento do Conselho Nacional de Combate à Discriminação – CNCD.
2008	Realização da I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, com o tema Direitos humanos e políticas públicas: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.
	Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008 – Ministério da Saúde: a Portaria nº 457/2008 desdobra as diretrizes estabelecidas na Portaria nº 1.707/2008, especificando as ações a serem adotadas para a plena realização do processo transexualizador.
2009	Lançamento do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – PNDCDH-LGBT.
	Decreto nº 7.037/2009: aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH 3 e dá outras providências.
	Portaria nº 1.820/2009. No Sistema Único de Saúde, o respeito ao nome social e à identidade de gênero.
2010	Decreto nº 7.388/010: dispõe sobre a composição, estruturação, competências e funcionamento do Conselho Nacional de Combate à Discriminação - CNCD - cria o Conselho Nacional LGBT.
	Decreto de 4 de junho de 2010: Institui o Dia Nacional de Combate à Homofobia” (17 de maio).

	Portaria nº 513, de 9 de dezembro de 2010 – Ministério da Previdência Social: assegura aos dependentes de união estável entre pessoas do mesmo sexo as garantias previstas no Regime Geral de Previdência Social no que se refere a benefícios previdenciários.
	Portaria nº 233 de 18 de maio de 2010, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, assegura aos servidores públicos, no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, o uso do nome social adotado por travestis e transexuais e a utilização do nome social.
	Resolução nº 1.955, de 12 de agosto de 2010 – Conselho Federal de Medicina: estabelece procedimentos para a realização de cirurgias de transgenitalização.
2011	Em maio de 2011 o Supremo Tribunal Federal – STF reconhece o registro das uniões estáveis de casais homoafetivos.
	Resolução nº 4/2011 (Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária): estabelece recomendações aos Departamentos Penitenciários Estaduais, garantindo o direito à visita íntima para casais homossexuais.
	A Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011, institui, no âmbito do SUS, a Política Nacional de Saúde Integral de LGBT.
2013	Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013 – Ministério da Saúde: redefine e amplia o Processo Transsexualizador no SUS.
2014	Resolução Conjunta nº 1/2014 (Conselho Nacional de Combate à Discriminação – Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária): estabelece os parâmetros de acolhimento de LGBT em privação de liberdade no Brasil.
2016	Decreto Presidencial nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.
2017	Instrução Normativa nº 1718 (de 18 de julho de 2017), autorizando a inclusão do nome social no CPF do(a) contribuinte transexual ou travesti.
	Decreto 47.306 de 15/12/2017. Institui a carteira de nome social para travestis e transexuais no âmbito do Estado Minas Gerais.
2018	Resolução nº 18, de 25 de abril de 2018- Estabelece diretrizes e normativas para o atendimento e tratamento da pessoa LGBT no âmbito do Sistema Socioeducativo do Estado de Minas Gerais.

2018	Supremo Tribunal Federal aprova a mudança de nome no registro civil de pessoa transgênero, diretamente via administrativa, independente de realização de procedimento cirúrgico de redesignação de sexo.
2019	Supremo Tribunal Federal passou a entender que o crime de Homofobia deveria ser incorporado ao crime de racismo, na Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989, até que seja editada uma lei específica para punir as condutas homofóbica e transfóbicas, essa inclusão foi aprovada no dia 13/06/2019.

Fonte: elaborado pela autora.

O percurso de luta pelos direitos das pessoas LGBTQ+ é de longa data, tivemos avanços e retrocessos nesta trajetória. Ressaltamos que na Constituição Brasileira de 1988, o Artigo 5º pontua que “todos somos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza se garantindo aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade; mas para que de fato sejam garantidos os direitos às pessoas LGBTQ+ não se pode esmorecer na luta para efetivação do que já se encontra garantido por Lei.

3.4 Serviço Social, saúde e direitos LGBTQ+

O direito a saúde está garantido na Constituição Federal, de 1988, como universal e não contributiva, e faz parte do tripé da Seguridade Social (BRASIL, 1988). Porém a garantia deste direito perpassa por uma discussão ampla, que pode iniciar pela própria definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), que em 1946 conceitua saúde como "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade", portanto uma crítica ao próprio conceito e um desafio para contemplar a complexidade deste direito.

O questionamento deste conceito pauta-se na crítica da saúde como um estado de perfeição inatingível, atentando-se as próprias características da personalidade; que para tal teria que haver renúncia da liberdade pulsional humana, em troca da menor insegurança propiciada pelo convívio social, além de descartar a subjetividade também se pauta numa visão positivista de saúde embasada em avaliações externas e "objetivas" desta situação (SEGRE; FERRAZ, 1997).

Este desafio refere-se à complexidade dos determinantes sociais da vida e da saúde das pessoas e coletividades e, portanto, requer intervir sobre exclusão social, desemprego, acesso digno a moradia e alimentação e ainda reconhecer os fatores que se entrecruzam, maximizando a vulnerabilidade e o sofrimento de grupos específicos. Neste contexto, todas as formas de discriminação, como no caso da homofobia, devem ser consideradas como situações produtoras de doença e sofrimento (BRASIL, 2008).

Assim, entende-se que as políticas de saúde voltadas às pessoas LGBTQ+ apresentam longo percurso histórico e que até hoje sofrem o estigma de terem sido criadas a partir da necessidade de erradicação/controlar a AIDS, fato que termina atualizando e reforçando o preconceito e a homofobia.

O Programa Brasil sem Homofobia lançado pelo Governo Federal, em 2004, visava a formulação de políticas e programas específicos na intenção da melhoria da situação de vida dos grupos GLTB². Assim, a Portaria nº 2.227 criou o Comitê Técnico de Saúde da População GLTB que se constituiu em espaço de articulação, debate e escuta de demandas de representações do movimento social, envolvendo todas as áreas do Ministério da Saúde, no sentido de promover a inserção das especificidades de saúde desse contingente populacional nas políticas e ações do SUS (BRASIL, 2008). Segundo esse informe técnico há intensa articulação para o combate a homofobia e a todos tipos de preconceito contra as minorias sociais.

No Brasil o primeiro projeto de lei da Câmara dos Deputados que visa criminalizar a homofobia data de 2001 – PL 5003. Os tramites legais para criminalizar a homofobia começaram em 10/05/2012 com o Processo MI 4733, no STF – Supremo Tribunal Federal. A Associação brasileira de GAYS, LÉSBICAS E TRANSGÊNEROS – ABGLT e o Grupo dignidade - pela cidadania de GAYS, LÉSBICAS E TRANSGÊNEROS, foram as partes que entraram com o pedido de criminalização da Homofobia. Após longos debates em 2019 o Supremo Tribunal Federal passou a entender que o crime de Homofobia deveria ser incorporado ao crime de racismo, na Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989, até que seja editada uma lei específica para punir as conduta homofóbica e transfóbicas, essa inclusão foi aprovada no dia 13/06/2019.

Quanto ao trabalho do assistente social o Conselho Federal de Serviço Social (CEFESS) tem proposto resoluções a partir do previsto no código de ética dos profissionais (Lei 8662/93). Com intuito de orientar sobre discriminação e preconceito contra as pessoas LGBTQ+, assim como outros conselhos de classe da área da saúde, nesse estudo nos atentaremos para as contribuições ao fazer profissional do assistente social.

A Resolução CEFESS nº 489/2006 estabelece normas vedando condutas discriminatórias ou preconceituosas por orientação e expressão sexual por pessoas do mesmo sexo no exercício profissional do assistente social:

Art. 1º - O assistente social no exercício de sua atividade profissional deverá abster-se de práticas e condutas que caracterizem o policiamento de comportamentos, que sejam discriminatórias ou preconceituosas por questões, dentre outras, de orientação sexual;

² A denominação GLTB – Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais corresponde à designação tal qual se encontra mencionada na redação dos documentos oficiais à época.

Art. 2º - O assistente social, deverá contribuir, inclusive, no âmbito de seu espaço de trabalho, para a reflexão ética sobre o sentido da liberdade e da necessidade do respeito dos indivíduos decidirem sobre a sua sexualidade e afetividade (CEFESS nº 489/2006).

A Resolução CEFESS nº 615/2011 trata da inclusão e uso do nome social da assistente social travesti e transexual nos documentos de identidade profissional. Em 2018 o CEFESS com intuito de nortear o trabalho profissional e reforçar os princípios da profissão instituiu a Resolução CEFESS nº 845/2018 que dispõe sobre atuação profissional em relação ao processo transexualizador:

Art. 1º As(Os) assistentes sociais deverão contribuir, no âmbito de seu espaço de trabalho, para a promoção de uma cultura de respeito à diversidade de expressão e identidade de gênero, a partir de reflexões críticas acerca dos padrões de gênero estabelecidos socialmente.

Art. 3º As(Os) assistentes sociais, ao realizarem o atendimento, deverão utilizar de seus referenciais teórico-metodológicos e ético-políticos, com base no Código de Ética da/o Assistente Social, rejeitando qualquer avaliação ou modelo patologizado ou corretivo da diversidade de expressão e identidade de gênero. Art. 4º A atuação da(o) assistente social deve se pautar pela integralidade da atenção à saúde e considerar as diversas necessidades das(os) usuárias(os) e o atendimento a seus direitos tendo em vista que esse acompanhamento não deve ser focalizado nos procedimentos hormonais ou cirúrgicos (CEFESS nº 845/2018).

As legislações criadas pelo conjunto CEFESS/CRESS (Conselho Federal de Serviço Social/Conselhos Regionais de Serviço Social) pautam na Declaração de Direitos Humanos e nos princípios de Yogyakarta, de 2007³:

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Todos os direitos humanos são universais, interdependentes, indivisíveis e inter-relacionados. A orientação sexual e a identidade gênero são essenciais para a dignidade e humanidade de cada pessoa e não devem ser motivo de discriminação ou abuso (YOGYAKARTA, 2007, p. 7).

3.5 Durkheim e Marx: suicídio e o fato social

O sociólogo Emile Durkheim, em 1887, no livro “O Suicídio” escreveu sobre o suicídio como Fato Social, apontando a existência de uma disposição social para que as pessoas morram por suicídio. Durkheim (1982) apresenta duas dimensões - integração e

³Grupo de especialistas em Direitos Humanos preparou um documento preliminar com a discussão desses Princípios. Após reunião realizada na Universidade Gadjah Mada, em Yogyakarta (Indonésia), em novembro de 2006, 29 especialistas de 25 países, com experiências diversas e conhecimento relevante das questões da legislação de Direitos Humanos, adotaram por unanimidade os Princípios de Yogyakarta sobre a Aplicação da Legislação Internacional de Direitos Humanos em relação à Orientação Sexual e Identidade de Gênero (YOGYAKARTA, 2007).

regulação – sendo que a primeira se refere às relações sociais, ou seja, a integração de pessoas a grupos sociais; e a segunda se refere aos preceitos morais e a função normativa dos grupos. Desta forma a vulnerabilidade ao suicídio poderia ocorrer em função da integração e regulação social (DURKHEIM, 1982).

Na mesma obra o autor apresenta a definição de quatro tipos de suicídio: o suicídio egoísta seria a morte decorrente da baixa integração social, quando as pessoas em função do individualismo passam a depender menos dos grupos sociais, sendo o suicídio um projeto individual de vida/morte; o suicídio altruísta teria a morte como resultado do excesso da integração social, em geral à custa de pequena individualidade; o suicídio anômico apresentar-se-ia como uma quebra na ordem social, ou seja, em função de baixa regulação social, entendendo-se anomia como a perda de relação entre uma pessoa e a sociedade; e por último, o suicídio fatalista seria decorrência da regulação excessiva pelo grupo social, portanto o oposto da anomia, na qual a pessoa não veria possibilidade de um futuro, vivendo em um contexto de despotismo com seus desejos e objetivos tutelados pela sociedade (DURKHEIM, 1882).

Para além das definições do autor, o suicídio como Fato Social diz sobre a individualidade em relação a vida na sociedade na qual está inserida e, pensando, particularmente na comunidade LGBTQ+ e nas considerações apresentadas nesta dissertação podemos completar que a vulnerabilidade da morte destas pessoas também se encontra ligada a Fatos Sociais e intimamente relatada nos estudos citados. Ainda, nesta perspectiva sociológica, Karl Marx, responsável pela criação do materialismo histórico dialético⁴ um método que rompe com o idealismo e prega a ideia da práxis, ou seja, da junção entre teoria e prática como ação transformadora da realidade. Assim, ele pontua que o modo de produção capitalista e suas relações sociais são permeadas pela contradição e pela luta de classe, onde uma classe detentora dos meios de produção compra a força de trabalho de uma classe que não possui nada, a não ser a sua força de trabalho (ALMEIDA, 2018).

Por compreender a realidade como uma síntese de múltiplas determinações e, portanto, que deve ser analisada com perspectiva da totalidade, ele elabora estudos que

⁴O materialismo histórico-dialético parte de pressupostos reais, criados por homens que vivem em sociedade devido ao nível de desenvolvimento das forças produtivas. A teoria marxista parte do pressuposto de que as ideias, a consciência e as relações sociais existentes em uma determinada sociedade civil, dependem de determinadas formas de organização do consumo, do comércio e da produção. O materialismo histórico – dialético é uma teoria que afirma que não são as ideias e a consciência que controlam o homem, mas o homem é quem determina e constrói suas ideias e sua consciência na produção de sua existência (ALMEIDA, 2018).

envolvem o modo de produção capitalista e seu processo de produção nas relações sociais. No ensaio dedicado ao tema suicídio, intitulado *Sobre o suicídio*, Marx toma como base as investigações de *Jacques Peuchet* que era funcionário da polícia francesa e de sua obra *Du Suicide et des ses causes* das *Memórias*, que analisa quatro suicídios sendo três casos de mulheres. Marx enfatiza que ao estudar casos de suicídio, Peuchet apresenta uma crítica a sociedade francesa⁵ com respeito às condições da vida moderna (MARX, 2006).

Nos casos estudados encontram-se as impressões de Marx sobre várias questões como vida, morte, família, aborto, escravidão, patriarcado e feminismo (RODRIGUES, 2009). Sendo importante, e atual, as reflexões de Marx sobre as mortes por suicídio:

Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo? Tal sociedade não é uma sociedade; ela é como diz Rousseau, uma selva, habitada por feras selvagens (MARX, 2006, p. 28).

Para Almeida (2018), a intenção de Marx ao publicar esse ensaio era apontar as contradições da vida moderna, não apenas nas relações entre classes específicas, mas em todos os círculos e configurações da hodierna convivência. Marx estava preocupado em demonstrar nesses suicídios que o problema não se encontra isoladamente em um ou outro caso de morte por essa causa, mas sim na sociedade capitalista e em suas relações sociais como um todo (ALMEIDA, 2018).

3.6 Saúde mental e suicídio de pessoas LGBTQ+

Reafirma-se que a discriminação por orientação sexual e por identidade de gênero incide na determinação social da saúde ao desencadear processos de sofrimento, adoecimento e morte prematura decorrentes do preconceito e do estigma social reservado às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (PRADO; SOUSA, 2017). Enfim, pode-se entender estes sofrimentos e mortes como decorrentes da violência, termo que segundo a OMS significa:

Uso intencional da força física ou o poder físico, em forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa, um grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesões, morte, dano

⁵A sociedade francesa nesse caso seria a sociedade moderna como um todo.

psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações (DAHLBERG; KRUG, 2007, p.5).

A partir desta definição observa-se a associação entre intencionalidade e a realização do ato, independente do resultado produzido, excluindo-se os incidentes não intencionais (DAHLBERG; KRUG, 2007). Ainda esta definição apresenta as tipologias de violência divididas em três amplas categorias segundo características daqueles que cometem o ato violento; assim há a violência autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva. Ainda nesta definição as categorias são subdivididas a fim de melhor refletir tipos mais específicos de violência⁶ (DAHLBERG; KRUG, 2007).

Portanto a homofobia também se caracteriza como um tipo de violência que pode ser analisado sob aspectos sociais relacionados ao preconceito, discriminação e violência contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros, especialmente seus comportamentos, aparências e estilos de vida (JUNQUEIRA, 2007). Segundo o Relatório de violência homofóbica define-se homofobia como preconceito ou discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas (BRASIL, 2016). O preconceito contra a pessoa LGBT, isto é a homofobia em si, é produtora de vitimização por parte da sociedade brasileira limitando as oportunidades e os direitos destas pessoas em função da heteronormatividade construída socialmente no Brasil (RESENDE, 2016).

Atualmente, com a crescente obtenção de direitos pela comunidade LGBT e o inegável aumento da sua visibilidade podem supostamente fazer pensar que o preconceito e a discriminação em razão da orientação sexual e identidade de gênero já não mais se constituem expressões de questão social. Contudo, a realidade é bem diferente, cruel, perversa e grave quanto à existência de preconceito e discriminação em setores da sociedade civil, podendo produzir a morte destas pessoas, especialmente em determinadas instituições sociais que envolvem mediações das políticas públicas e direitos humanos (DUARTE, 2014). Duarte trás a discussão sobre o momento histórico em que o texto foi escrito, porém diante do cenário atual precisamos compreender que a LGBTfobia e diversas outras questões vulnerabilizam as pessoas LGBTQ+, e reforçam as expressões da questão social.

⁶Violência auto infligida é subdividida em comportamento suicida e agressão auto infligida; a violência interpessoal divide-se em: violência de família e de parceiros íntimos e violência na comunidade (violência entre indivíduos sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem) e a violência coletiva acha-se subdividida em violência social, política e econômica (DAHLBERG; KRUG, 2007).

Na análise da vulnerabilidade de travestis e homens homossexuais ligados às religiões afro-brasileiras, onde não há legislação específica para caracterizar crime homofóbico ou transfóbico, verifica-se altos índices de violência letal contra as pessoas LGBT no país (FERNANDES, 2013). Ainda se encontra no estudo de história oral com 10 jovens LGBTQ+ sobre violência homofóbica vividas no ambiente escolar de uma cidade mineira a vivência desta de modo verbal, na maioria das vezes como piadinhas (PERUCCHI; CORREA, 2013). Ressalta-se que o preconceito vivenciado não chegou a ser considerado agressão ou homofobia, consequentemente naturalizando este tipo de violência e reafirmando que o preconceito é sustentado pela lógica que impede enxergar as razões que justificam inferiorizações naturalizadas, e desta forma o preconceito não permite identificar a percepção da realidade; tanto que esses jovens somente conseguiram tempos depois identificar tais situações vividas no período escolar como sendo atos de homofobia. Portanto, a homofobia, enquanto sistema de opressão e de hierarquias atravessa as relações escolares de modo a naturalizar e invisibilizar as situações de violência vivenciadas (PERUCCHI; CORREA, 2013).

Ainda no estudo nacional sobre orientação sexual, ideação e tentativas de suicídio aponta que adolescentes de 12 a 20 anos não heterossexuais, do interior paulista, que convivem em ambientes com presença de homofobia e discursos discriminatórios têm maior chance de pensar e tentar o suicídio (TEIXEIRA FILHO; RONDINI, 2012).

Revisão internacional de literatura levanta a questão da saúde sexual e reprodutiva da comunidade LGBTQ apontando que o pleno exercício da sexualidade é visto negativamente pela ação legal e estigmatizante; o que pode levar a negação ou ocultação dos direitos sexuais afetando diretamente a saúde mental das pessoas LGBT (PINEDA-ROA, 2013). Nesta direção, o estudo realizado com uma amostra representativa visando avaliar disparidades em saúde mental relacionadas com a discriminação baseada na orientação sexual aponta que os adolescentes mexicanos que se envolveram ou tiveram relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, principalmente os que tiveram experiência de violência na família e na escola, apresentaram risco aumentado de sintomas depressivos, ideação e tentativa de suicídio e uso problemático de álcool. Assim, apesar do desenvolvimento institucional e legal para o reconhecimento dos direitos da pessoa lésbica, bissexual e homossexual, ainda persistem desigualdades na saúde relacionadas com a discriminação por orientação sexual (ORTIZ-HERNANDEZ; VALENCIA-VALERO, 2015).

Rocha-Buelvas (2015) adverte a impossibilidade de não se pensar que as minorias sexuais são mais propensas ao comportamento suicida, desde que a própria sociedade exige punição pública e privada para os homossexuais. Ainda, afirma que se deve reconhecer tal violência como resultante não exclusivamente da discriminação, mas da exclusão, uma vez que a punição no cotidiano público e privado se torna uma forma clara de expulsão destas pessoas do corpo social e erradica a diferença de uma sociedade que luta para ser democrática.

Dentre as consequências da violência contra as pessoas LGBT, por meio da discriminação e da exclusão, mesmo em setores como a saúde, encontra-se o aumento do risco de suicídio, especialmente entre as pessoas jovens e os transexuais. Portanto, as recomendações para reduzir o risco visam erradicar o estigma e o preconceito no nível institucional e individual (ROCHA-BUELVAS, 2015).

O suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens norte-americanos, de 10 a 24 anos, sendo que jovens de minorias sexuais apresentam maior chance de tentativa e morte por suicídio do que seus pares heteronormativos. Embora estejam sendo implementadas intervenções que abordem os fatores de risco de suicídio juvenil e apesar de muitas se apresentarem efetivas na população em geral, ainda não há uma intervenção baseada em evidências para reduzir o risco de suicídio neste grupo de minoria sexual (MARSHALL, 2016). Bouris *et al* (2016) discutem que jovens pertencentes a minorias sexuais, isto é, jovens LGBT, tem maior risco de vitimização e suicídio do que a juventude heterossexual e, também apontam que há poucas pesquisas acerca de que tipos de vitimização se encontram mais associadas ao suicídio, o que de fato é necessário para desenvolver intervenções direcionadas a prevenção. Ainda estudo norte-americano com pacientes transexuais atendidos, em 2001 e 2002, numa clínica em Massachusetts, apresentou maior número de tentativas e ideação suicida ao longo da vida em comparação com os pacientes não transgêneros (REISNER *et al.*, 2014).

Haas e Lane (2015) lembram que a orientação sexual e a identidade de gênero não são registradas no momento do falecimento, fato que limita a identificação de disparidades de mortalidade de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Os autores apontam que pessoas LGBT têm maior risco de suicídio devido as taxas elevadas de tentativas ao longo da vida e, portanto, a subnotificação compromete o conhecimento da prevalência e padrões de suicídio entre pessoas LGBT e consequentemente a prevenção. Lytle *et al* (2015) estudando as associações de identidade racial/étnica,afiliação religiosa e ideação suicida entre universitários lésbicas,

gays, bissexuais, questionadores (LGBQ) e heterossexuais concluíram que há elevada prevalência de ideação suicida entre as pessoas LGBQ em comparação as heterossexuais. Swannell, Martin e Page (2016) realizaram estudo quantitativo com amostra representativa de adultos australianos (N=10.531) encontrando que as minorias sexuais apresentaram maior risco de suicidalidade e autolesão não suicida do que adultos heterossexuais.

Partindo-se do pressuposto da maior prevalência de comportamento suicida entre as pessoas LGBT foi realizado estudo de revisão sistemática da literatura científica (2004 a 2014) sobre suicidalidade LGBT. O estudo mostra que o suicídio entre pessoas LGBT aumentou na última década, sendo necessária destacar maior atenção a esses grupos de risco, como também a realização de pesquisas que subsidiem o desenvolvimento de ferramentas de intervenção focalizadas e eficazes (TOMICIC *et al.*, 2016).

PROPOSTA METODOLOGICA

4 PROPOSTA METODOLOGICA

4.1 Tipo de pesquisa

Realizado estudo com método qualitativo por permitir aproximação dos significados, valores e atitudes como parte da realidade social, entendendo que cada pessoa reflete o que faz e interpreta suas ações no contexto vivido e nas experiências (MINAYO, 2011). Este método define-se como forma de entender o significado individual ou coletivo de um determinado fenômeno para a vida das pessoas (TURATO, 2005). A pesquisa qualitativa propicia que os participantes possam pensar a respeito daquilo que está sendo pesquisado, pois as suas percepções e representações estão presentes e isso valoriza o que os sujeitos têm a dizer (ATAÍDE, 2016).

4.2 Método qualitativo de pesquisa

Como referencial metodológico foi utilizado a História Oral e a técnica de amostragem bola de neve - *snowball*. A História Oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam ou testemunham acontecimentos, conjunturas visões de mundo, sendo uma maneira de se aproximar do nosso propósito (DELGADO, 2003). A metodologia de história oral possibilita compreender a experiência de vida do sujeito através de um registro, um documento. Segundo Ataíde (2016) a história oral é a interpretação da história e das mudanças ocorridas nas sociedades e culturas por meio de relatos orais em que aparecem as lembranças e experiências, que são registradas pelo sentido auditivo de quem a registra.

A fonte oral se constitui como base primária para a obtenção de toda a forma de conhecimento, seja ele científico ou não (GONÇALVES; LISBOA, 2007). A construção deste modelo de análise se projeta como uma proposta investigativa que implica um processo de compreensão dos fatos, das relações sociais e pretende, à luz das trajetórias dos sujeitos, mobilizá-los em direção à participação social, empoderamento e conquista dos direitos de cidadania (GONÇALVES; LISBOA, 2007).

São três as possibilidades para se explicar a fundamentação documental da história oral: a não existência de documentos sobre aquela realidade; a existência de

versões diferentes das versões oficiais da história, e se há a elaboração de uma outra história a partir do enfoque dos sujeitos da pesquisa (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

Neste estudo utilizamos a história oral temática por se comprometer com o esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido. Ela pretende a versão de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma variável que seja discutível ou contestatória (MEIHY e RIBEIR, p. 88,89, 2011). Ressalta-se que este método de pesquisa qualitativa, cada vez mais valorizado, justifica-se para aqueles pesquisadores que trabalham com o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, o que permite a compreensão da realidade humana vivida socialmente (ATAÍDE, 2016).

4.3 Participantes da pesquisa qualitativa

Como técnica de amostragem foi utilizada bola de neve em função de caracterizar-se como uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência (VINUTO, 2004). Para execução da amostragem em bola de neve inicialmente lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes. Assim, as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral (VINUTO, 2014). Os (as) participantes iniciais de um estudo indicam novos (as) participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto, isto é o “o ponto de saturação” (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Neste estudo, os informantes-chaves foram definidos como sementes, sendo em particular, a primeira semente, foi um dos membros fundadores do Movimento Gay de Divinópolis (MGD), sendo escolhido porque o MGD refere-se a um espaço utilizado por pessoas LGBTQ+ para conquista de direitos e efetivação dos direitos já conquistados. A indicação de novos participantes para o estudo, a partir da semente, foi definida como serem pessoas LGBTQ+ de diferentes gerações. Entende-se por geração, em um sentido amplo, a posição e atuação de uma pessoa em seu grupo de idade e/ou de socialização no tempo (MOTTA, 2010). Historicamente a sociedade utiliza critérios de idade e sexo/gênero como formas fundamentais de organização e integração social. Neste campo o uso conceitual idade/geração são sintetizados sob três perspectivas ou

sentidos principais que são coortes⁷, grupos etários⁸ e gerações (MOTTA, 2010). As gerações propriamente ditas designam um coletivo de pessoas que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal (MOTTA, 2010).

Neste estudo, as gerações definidas para indicação dos (as) participantes foram Baby Boomers, X, Y e Z conforme descrito no quadro abaixo:

Quadro 2. Gerações dos participantes da pesquisa

Geração	Característica	Idade do participante do estudo*
Baby Boomers	Nascidos entre 1945 e 1960	entre 58 a 73 anos
X	Nascidos entre 1960 e 1980	entre 38 a 57 anos
Y	Nascidos entre 1980 e 2000	entre 19 a 37 anos
Z	Nascidos entre 2000 e 2010	com 18 anos

*Idade em 2018, ano da aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética.

Fonte: Elaborado pela autora.

As pessoas que participaram do estudo foram LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) pertencentes a cada geração (Baby Boomers, X, Y e Z). Como critério de inclusão, participaram da pesquisa pessoas maiores de 18 anos que se declararem LGBTQ+, vivenciaram o comportamento suicida ou conheceram pessoas LGBTQ+ (amigos, familiares, companheiros entre outros) com história de suicidalidade. Os critérios de exclusão foram pessoas LGBTQ+ que não se enquadram na faixa etária da geração Baby Boomers, X, Y e Z. No quadro abaixo encontra-se a descrição das pessoas participantes do estudo (Quadro 3).

⁷O coorte é referência estatística ou demográfica designando um conjunto de pessoas nascidas em um mesmo intervalo de tempo expostas a determinados eventos de caráter demográfico.

⁸No sentido antropológico os grupos etários se expressam, basicamente, em termos de idades (grupos etários, categorias de idade, classes de idade etc.) referindo-se à filiação, guardando um sentido ou uma função classificatória que inclui tanto as posições na família como na própria organização social mais ampla.

Quadro 3: Participantes da pesquisa

Geração	Codiname	Idade	Cor	Ensino	Identidade de gênero/Orientação sexual	Sexo biológico	Estado civil	Profissão /Ocupação
Z	Maria	19	Negra	Superior (em curso)	Mulher Trans	Feminino	Solteira	Estagiária
	Sofia	19	Branca	Superior (em curso)	Lésbica	Feminino	Solteira	Estudante
	A menina do Black	19	Negra	Superior (em curso)	Pansexual	Feminino	Solteira	Balconista
Y	Belo	32	Moreno	Médio (completo)	Gay	Masculino	Solteiro	Personal trainer e professor de dança
	Pequeno Príncipe	30	Negro	Superior (completo)	Gay	Masculino	Solteiro	Enfermeiro
	Carlos	29	Pardo	Médio (completo)	Gay	Masculino	Solteiro	Vendedor
	Rafinha	28	Branco	Superior (completo)	Gay	Masculino	Solteiro	Cabelereiro/ Enfermeiro/ Operador de maq.
	P.H	22	Pardo	Médio (completo)	Gay	Masculino	Solteiro	Auxiliar de estoque
	Butterfly	25	Parda	Superior (completo)	Mulher Trans	Feminino	Solteira	Enfermeira
	Tete	33	Pardo	Superior (completo)	Gay	Masculino	União estável	Comerciante
X	Beth	44	Morena	Médio (completo)	Lésbica	Feminino	Solteira	Auxiliar de Cozinha
	Rad	49	Moreno	Fundamental (incompleto)	Gay	Masculino	União estável	Comerciante
	Doca	54	Branco	Superior completo	Gay	Masculino	Solteiro	Cabeleireiro/ Psicólogo
	Feliz	53	Negro	Médio (completo)	Gay	Masculino	Solteiro	Funcionário público
Baby Boomers	Resiliente	63	Parda	Médio completo	Lésbica	Feminino	Solteira	Cantora
	Wanderléia	61	Branco	Médio completo	Gay	Masculino	Solteira	Funcionário público
	La Borba	72	Branco	Fundamental completo	Gay	Masculino	Solteiro	Sapateiro

Fonte: Elaborado pela autora.

4.4 Local da pesquisa qualitativa

A pesquisa foi realizada em Divinópolis, município do interior de Minas Gerais e, como supracitado, a primeira semente, foi um dos membros fundadores do MGD. Ressalta-se que o MGD é uma associação autônoma, de caráter beneficente, sem fins lucrativos, vinculações político-partidárias ou ideológicas, com personalidade jurídica própria, fundada em 01 de junho de 2005 e declarada de Utilidade Pública Municipal através da Lei nº. 7.020, sediada em com foro também na própria comarca do município cujo objetivo principal é promover a inclusão social de homossexuais no município e na Região Centro-Oeste e atuando em todas as áreas necessárias. Na inclusão da perspectiva da não-discriminação por orientação sexual e de gênero, promoção dos direitos humanos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais transgêneros a partir de políticas públicas, estratégias e ações em Divinópolis e dos municípios que compõem a região centro-oeste mineira.

4.5 Coleta de dados da pesquisa qualitativa

A técnica bola de neve (*snowball sampling*) foi utilizada para coleta de dados e caracteriza-se como amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência, estratégia útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados (VINUTO, 2014). O método pressupõe que há uma ligação entre os membros da população dado pela característica de interesse mútuo, isto é, os membros da população são capazes de identificar outros membros da mesma⁹ (DEWES, 2013).

O primeiro passo, considerado como onda zero, é encontrar pessoas pertencentes à população-alvo do estudo. Essas pessoas vão ser a semente da amostra, aqueles que darão origem a todos os outros participantes da pesquisa. As sementes devem ser as pessoas mais acessíveis aos (as) pesquisadores, mas é recomendável que se faça um estudo em que se busque o máximo de referências, pois, se essa semente não for bem selecionada a amostra não conseguirá atingir toda a variabilidade da população. A partir da semente começa o processo da bola de neve (DEWES, 2013).

⁹Por exemplo, criadores de pombos conhecem outros criadores de pombos, moradores de rua conhecem outros moradores de rua, etc., e podem assim indicar ao pesquisador outro potencial participante da pesquisa.

Os dados da pesquisa são de fonte primária, sendo coletados após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPES), a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas entre os meses de janeiro e maio de 2019.

Neste projeto de pesquisa a semente foi um dos membros fundadores do MGD e o plano de coleta ocorreu da seguinte forma:

- Iniciou-se o processo pedindo a semente (que indique o contato de outras pessoas que eles consideram ser membros da população-alvo (isto é, pessoas LGBTQ+ de cada geração supracitada);
- A onda foi formada pelos contatos indicados pelos participantes da onda zero e que não fazem parte dessa onda zero;
- A onda dois foi formada pelos contatos indicados pelas pessoas da onda um que fazem parte da população-alvo e que não fazem parte da onda zero nem da onda um;
- O processo seguiu até que o tamanho de amostra almejado foi alcançado (DEWES, 2013).

Após a indicação pela semente foi feito contato telefônico com as pessoas LGBTQ+ indicadas para apresentação da pesquisadora, convite para participação da pesquisa de pesquisa, esclarecimentos gerais sobre o projeto e a entrevista. Reafirma-se que no contato telefônico foram garantidos sigilo e privacidade pela pesquisadora. Assim, após a adesão na pesquisa, foi o agendado local e horário da entrevista. As entrevistas foram realizadas em sessão única no domicílio do participante ou em local de sua escolha, conforme sua disponibilidade.

As entrevistas somente iniciaram após as perguntas norteadoras terem sido lidas e dúvidas eventuais serem esclarecidas, e a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Elas foram transcritas em seguida e os participantes identificados por nomes fictícios definidos pelo (a) próprio (a) entrevistado (a). Ressalta-se que os dados foram tratados com segurança para garantir a confidencialidade e sigilo da pesquisa assim as narrativas da entrevista foram confidenciais mantendo o anonimato e os (as) participantes tiveram a liberdade de retirar o seu consentimento a qualquer momento e, portanto, retirar-se da pesquisa.

Para cada participante foi assegurado a não identificação em momento algum e ainda como medidas para garantia da privacidade e individualidade durante a coleta as

entrevistas ocorrem em local definido pelo próprio entrevistado. As entrevistas seguiram um roteiro contendo as seguintes questões norteadoras:

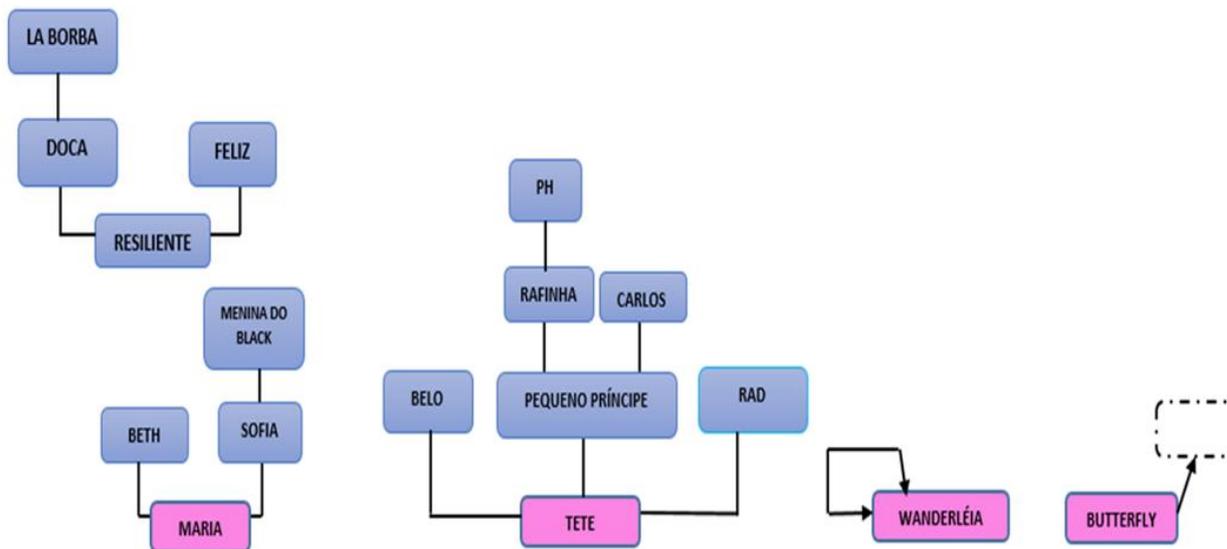
- Conte quem é você: Qual a sua idade? Qual sua escolaridade? Qual a sua profissão? Qual o seu estado civil? Como você define sua identidade de gênero? Como você define sua orientação afetivo-sexual?
- Fale se você conhece alguém que já tentou suicídio ou suicidou por conta da orientação sexual ou identidade/expressão de gênero?
- O que você pensa sobre tentativa e morte por suicídio entre pessoas LGBTQ+?
- Você alguma vez tentou suicídio?
- Para você o que poderia ajudar a diminuir o suicídio entre pessoas LGBTQ+?
- Fale sobre quais são suas razões e sentido para viver.
- Diante deste tema, tem algo que você pensou e não foi falado ou gostaria de acrescentar agora?
- Qual codinome você se daria?

O processo de coleta de dados apresentou as seguintes etapas:

- 1) Pré-entrevista: preparação do encontro para a entrevista, quando o (a) participante será informado sobre os objetivos da pesquisa e a gravação para seu registro;
- 2) Entrevista: realização da gravação e o registro dos dados de identificação – nome do projeto, identidade do (a) entrevistado (a), local e data do encontro, e o esclarecimento ao (a) participante que ele/ela deverá conferir a entrevista transcrita antes de autorizar sua publicação;
- 3) Pós-entrevista: etapa na qual devolve-se a entrevista transcrita para o (a) participante, além do agradecimento (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

Em síntese, como o processo pós-entrevistas tivemos a transposição do código oral para o escrito, a conferência e a análise. Assim, posteriormente a cada entrevista foi feita a transcrição na íntegra, e a validação, ou seja, os (as) participantes receberam a entrevista para conferência e aprovação do texto final. O esquema 1 representa a execução da bola de neve das pessoas participantes do estudo. No esquema as sementes estão identificadas pela cor rosa e os indicados pela cor azul.

Esquema 1: Representação da bola de neve utilizada para coleta de dados



Fonte: Elaborado pela autora.

A semente nº1 foi identificada pelo codinome Tete e indicou para entrevista o Belo, Pequeno Príncipe e Rad. Na sequência Pequeno Príncipe indicou Rafinha e Carlos. Rafinha indicou P.H. Os entrevistados Belo, Rad e P.H não indicaram outros participantes. A semente nº2 Maria, indicou Beth e Sofia para participar do estudo. Sofia indicou a Menina do Black e Beth não indicou outro participante. A semente nº3 Butterfly indicou outro participante que não teve interesse em participar da pesquisa. A semente nº4 Wanderléia também não indicou outro participante, entretanto a semente nº4 Resiliente fez a indicação de Feliz e Doca. Doca indicou La Borba e Feliz não indicou outro participante para o estudo. Após as entrevistadas foi solicitado aos participantes que indicassem outras pessoas, porem alguns não quiseram indicar.

4.6 Análise de dados

O referencial da Análise de Conteúdo Temática foi utilizado para análise dos dados. E o processo de análise seguiu as etapas propostas por Minayo (2010), isto é, os arquivos de áudio gerados durante as entrevistas individuais foram transcritos e analisados de acordo com a análise temática, que seguiu as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação (MINAYO, 2010). A pré-análise consiste na leitura de textos e artigos para formação de hipóteses e

pressupostos, a exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/interpretação, que o investigador busca encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado. Em seguida o pesquisador realiza a classificação e a agregação dos dados, escolhendo as categorias teóricas ou empíricas, responsáveis pela especificação do tema.

4.7 Aspectos éticos

O presente estudo atendeu a resolução nº 466/2012 que trata das exigências éticas e científicas fundamentais da pesquisa envolvendo seres humanos, onde foram cumpridos os princípios da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e assegurados os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado (BRASIL, 2012).

O projeto de pesquisa foi aprovado, em 15 de Outubro de 2018, pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de São João Del-Rei (CEPES/CCO)¹⁰. Importante frisar que o projeto “Narrativas de vida da população LGBT: Comportamento suicida em diferentes gerações” foi submetido para avaliação em 6 de junho de 2018 e que apesar do CEPES apresentar como conclusão: “O Comitê compreende a relevância do projeto de pesquisa proposto, bem como seu impacto científico e social” e da professora orientadora ter tido aprovado vários projetos de pesquisa, no referido CEPES, com a temática do comportamento suicida teve-se que durante quatro meses responder a vários pareceres de pendências. Ressalta-se entre as pendências apontadas pelo CEPES:

Parecer 1 - Mais especificamente, sugere-se fortemente estabelecer um fluxo de encaminhamento para assistência psiquiátrica, incluindo documentos formais de pactuação com os serviços envolvidos (04 de julho de 2018)

Parecer 2 - Incluir no projeto e no TCLE as possíveis condutas em caso de identificação de potencial risco de suicídio entre os participantes. Mais especificamente, sugere-se fortemente estabelecer um fluxo de encaminhamento para assistência psiquiátrica e psicológica, incluindo documentos formais de pactuação com os serviços envolvidos (09 de julho de 2018)

¹⁰ A aprovação pode ser consultada no site da Plataforma Brasil <http://plataformabrasil.saude.gov.br> informando o número do CAAE (CAAE 92324218.7.0000.5545) ou do Parecer (nº2.963.078).

Parecer 3 - Conforme já recomendado no primeiro parecer, sugere-se fortemente estabelecer um fluxo de encaminhamento para assistência psiquiátrica de urgência, em caso de identificação, no ato da pesquisa, de participantes com ideação suicida.

Todas as demais pendências apontadas no parecer anterior foram devidamente respondidas e esclarecidas pelos pesquisadores (09 de agosto de 2018)

Parecer 4 - Conforme já recomendado nos pareceres anteriores, gentileza adequar o Projeto de Pesquisa e o TCLE de modo a deixar claro o fluxo de encaminhamento, atendimento e acompanhamento das pessoas com risco iminente de suicídio identificadas durante a coleta de campo.

DÚVIDA: Isso é suficiente??? Caso o pesquisador identifique algum paciente com ideação suicida iminente, não seria necessária uma avaliação psiquiátrica urgente (e não apenas avaliação psicológica)??? (24 de setembro de 2018)

Parecer 5 – Aprovado (15 de outubro de 2018)

Ressalta-se que os pesquisadores esclareceram ao CEPES que o suicídio é ato humano complexo, portanto não se configura como uma doença psiquiátrica que requer assistência psiquiátrica como sugerido. Eticamente o que precisa ser assegurado é, caso necessário, uma avaliação do risco de suicídio que poderá ser realizado por psicólogo da atenção básica (serviço público) ou consultório particular. Entende-se que a recomendação do CEPES de assistência psiquiátrica de urgência, em caso de identificação, no ato da pesquisa, de participantes com ideação suicida um equívoco que pode estar fortemente associado ao preconceito às pessoas LGBT.

Importante observar que encontrava-se previsto no projeto a quebra de sigilo¹¹ caso identifica-se riscos de comportamento suicida sendo o participante encaminhado para avaliação com profissional psicólogo. O encaminhamento foi realizado pelos próprios pesquisadores após o término da entrevista ou após a demanda do entrevistado aos pesquisadores. Os encaminhamentos foram realizados de imediato e pessoalmente e ao entrevistado.

¹¹ Houve necessidade de encaminhamento de dois participantes para avaliação psicológica devido a relato de ideias de morte e sentimento de desesperança.

RESULTADOS

5 RESULTADOS

Conforme normativa do Programa Mestrado Acadêmico em Enfermagem da UFSJ/CCO em relação ao modelo de dissertação lembramos que as seções de Resultados e Discussão devem ser apresentadas na modalidade de artigo científico. O formato do artigo obedece às normas da revista indexada eleita para submissão.

**Portas e janelas do tangenciar da suicidalidade gendrada: narrativas de vidas
LGBTQ+**

Doors and windows of the proximity of gendered suicide: life narratives LGBTQ+

Lidiani Vanessa da Silva*

Nadja Cristiane LappannBotti**

Resumo: Este estudo discute a suicidalidade a partir das narrativas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e queers (LGBTQ+) de quatro gerações distintas. A partir das narrativas entendemos o tangenciar da suicidalidade nas vidas LGBTQ+ marcada pela vulneração construída no cotidiano de múltiplas violências. O enfrentamento da suicidalidade gendrada perpassa a garantia do direito à vida e afirmação da diversidade sexual e de gênero existente em nossa sociedade.

Palavras chaves: Direito a vida, pessoas LGBTQ+, suicídio.

Abstract: This study discusses suicidality from the narratives of lesbian, gay, bisexual, transvestite, transgender and queers people (LGBTQ +) from four distinct generations. From the narratives, we understand the proximity of suicide in LGBTQ + lives marked by the vulnerability built in the daily multiple violence. Addressing gendered suicide goes beyond guaranteeing the right to life and affirming the existing sexual and gender diversity in our society.

Keywords: Right to life, LGBTQ + people, suicide.

Considerações iniciais

Este trabalho parte do desassossego, no sentido roseano, e do compromisso e inquietações sobre o viver de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e queers (LGBTQ+) em particular sobre a abreviação da vida ao antecipar seu fim. Em especial, dois questionamentos orientaram nosso desejo na construção deste trabalho sendo, qual o significado do comportamento suicida e como podemos compreendê-lo na perspectiva de gênero e geração.

Para tal adotamos o conceito de gênero definido por Scott (1998), como uma categoria analítica que não se refere às diferenças biológicas ou físicas, mas ao saber que estabelece sentido a essas diferenças se de tal modo também as constrói. Logo, compreendendo o discurso como algo indissociável da organização social, temos gênero como um discurso da organização social da diferença sexual (SCOTT, 1998). Ainda tomamos o conceito sociológico ou macrosociológico de geração de Motta (2010) que

*Assistente Social. Mestranda em Enfermagem. Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ, campus centro-oeste Dona Lindu. Contato: lidianivanessa@hotmail.com.

** Enfermeira. Psicóloga. Professora Associada II da Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ, campus centro-oeste Dona Lindu. Contato: nadjaclb@terra.com.br

designa um coletivo de pessoas que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade, compartilham alguma forma de experiência ou vivência ou têm potencialidade para tal (MOTTA, 2010).

Nesta direção conceitual estudamos a antecipação do fim da vida de pessoas LGBTQ+ de uma cidade do interior do centro-oeste mineiro elegendo a história oral temática como referencial metodológico por possibilitar compreendermos a experiência de vida, dar voz a quem vivencia e tem o que dizer sobre suicídio LGBTQ+. A escolha deste referencial justifica-se por apresentar-se como uma interpretação da história e das mudanças sociais e culturais ocorridas e evidenciadas por meio de relatos orais de lembranças e experiências (ATAÍDE, 2016).

A história oral temática se compromete com o esclarecimento ou opinião do (a) entrevistador (a) sobre algum evento definido a partir da versão de quem presenciou um acontecimento ou que ao menos tenha alguma variável que seja discutível ou contestatória (MEIHY; RIBEIRO, 2011). Por este motivo para coleta de dados lançamos mão da entrevista semiestruturada e da técnica de amostragem nomeada bola de neve em razão da história oral ser um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam ou testemunham acontecimentos, conjunturas visões de mundo, portanto uma maneira de se aproximar do nosso propósito (DELGADO, 2003).

Realizamos as entrevistas semiestruturadas entre os meses de janeiro e maio de 2019 e elegemos nossos (as) entrevistados (as) utilizando a técnica da “bola de neve” que começa a ser construída a partir de uma semente, ou seja, de uma pessoa informante chave. No nosso trabalho definimos uma pessoa do Movimento LGBTQ+ como informante chave uma vez que são as próprias sementes que ajudam o pesquisador a localizar, iniciar o contato e tatear as pessoas a serem entrevistadas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral (VINUTO, 2014). Ainda na técnica da bola de neve a semente, em seguida a entrevista sugere três pessoas e cada uma destas indicará outras sucessivamente. Ainda definimos para indicação das sementes para participarem das entrevistas serem pessoas LGBTQ+ com mais de 18 anos de diferentes gerações, conhecer ou conviverem com pessoas da comunidade LGBTQ+ que vivenciaram o comportamento suicida.

De tal modo, entrevistamos a Maria, mulher trans; a Sofia, lésbica e a Menina do Black, pansexual, todas com 19 anos, compondo nosso grupo LGBTQ+ da **Geração Z** (pessoas que nasceram entre 2000 e 2010). **Da Geração Y**, pessoas nascidas no período

de 1980 a 2000, entrevistamos os gays P.H (22 anos), Rafinha (28 anos), Carlos (29 anos), Pequeno Príncipe (30 anos), Belo (22 anos) e Tete (33 anos) e a mulher trans, Butterfly(25 anos). A Beth, lésbica com 44 anos, e os gays Rad, com 49 anos, Doca, 54 anos e Feliz, com 53 anos, foram entrevistados como nosso grupo de pessoas LGBTQ+ da **Geração X** representando os nascidos entre 1960 e 1980. Por último, no grupo da **Geração Baby Boomers**, que se referem as pessoas nascidas no intervalo de 1945 a 1960 tivemos as entrevistas com os gays Wanderléia (61 anos) e La Borba (72 anos) e a lésbica Resiliente (63 anos).

Para a realização das entrevistas cada pessoa escolheu o local, o respectivo horário e também um codinome para ser identificado a fim de garantir o sigilo e preservar sua identidade conforme a Resolução nº 466/2012. Ainda ressaltamos o atendimento a esta Resolução, portanto nosso projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São João del-Rei (CAAE 92324218.7.0000.5545, parecer nº2.963.078). Por fim, para análise das entrevistas tomamos o referencial da análise de conteúdo temática proposto Minayo (2011), que seguiu as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação.

Suicidalidade gendrada nas vidas LGBTQ+

Compreendemos com Schramm (2006) a diferença entre vulnerabilidade e vulnerado, partindo da ideia que como humanos e mortais passamos por condições de vulnerabilidade, assim todos somos vulneráveis, mas nem todos somos vulnerados. Como vulnerados encontramos as pessoas efetivamente afetadas e feridas, no sentido amplo da palavra e não apenas os expostos à condição de vulnerabilidade.

Na totalidade das entrevistas foi possível escutarmos o tangenciar da suicidalidade¹² nas vidas LGBTQ+, isto é, escutarmos narrativas de proximidade com o comportamento suicida possibilitando a construção de uma grafia plástica da vulneração LGBTQ+ que desvela o comum das narrativas de tentativa ou morte por suicídio de pessoas da comunidade LGBTQ+ e do singular das narrativas dos próprios pensamentos e tentativas de suicídio (Imagem 1). Nagafuchi (2017) nos adverte que o suicídio é uma

¹²Utilizamos o termo suicidalidade como um espectro contínuo, que pode se apresentar como ideação suicida (pensamentos que envolvem o objetivo de acabar com a própria vida), plano de suicídio (formulação de um método específico para sua própria morte), tentativa de suicídio (engajamento em comportamento auto lesivo no qual há a intenção de morrer) e o suicídio (ato de terminar intencionalmente com a própria vida (NOCK *et al.*, 2008).

ruptura, que se dá nas margens da vida, nas intermitências das possibilidades de vida e, por isso, é sempre resultado de sua qualidade de liminaridade, de ação em direção à morte.

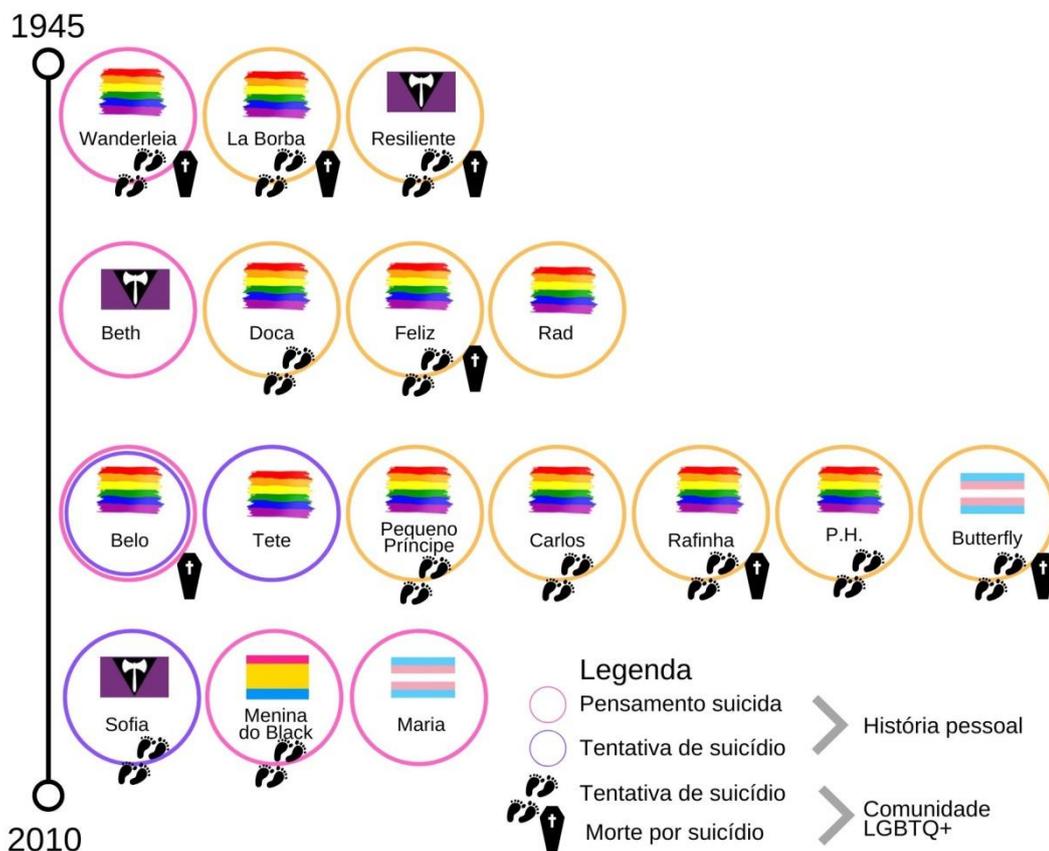


Imagem 1: Grafia plástica da representação das narrativas do tangenciar da suicidalidade nas vidas LGBTQ+. **Fonte:** Elaborado pela autora.

Durante a realização das entrevistas encontramos quatro pessoas com pensamento suicida na época da pesquisa e quatro com história pessoal de tentativa de suicídio. Entre amigos e/ou conhecidos LGBTQ+ tivemos 12 pessoas que narraram tentativa e sete sobre morte por suicídio. Em termos geracionais, foi possível encontrarmos narrativas de comportamento suicida de pessoas LGBTQ+ das gerações Baby Boomers, X, Y e Z conforme Imagem 1.

Partindo da premissa que a vida é um direito das pessoas LGBTQ+ apoiaremos nos conceitos agambeniano para compreendermos o tangenciar da suicidalidade nas vidas LGBTQ+. Nesta direção, torna-se importante o entendimento dos conceitos *Homo sacer*, *zoé* e *bios* discutidos por Agamben (2004), assim *zoé* referia-se ao simples fato de ser vivo ou o viver comum de todos os seres vivos enquanto *bios* indicava a forma ou

maneira de viver própria de uma pessoa ou de um grupo. Tais termos diferenciam a vida natural de uma vida qualificada; sendo *zoé*, o natural e compartilhado por todos seres viventes e *bios*, a distinção e qualificação de homem em seu caráter, forma de viver e conviver; portanto desvela a vida baseada na práxis de ser um sujeito com responsabilidades sociais (BAPTISTA, 2014; CARAVACA-MORERA, 2017).

Agamben entende *Homo sacer* como aquele que está nu, desprovido de direitos, portanto pode ser morto, no sentido real quanto metafórico. A vida nua neste sentido pode ser morta e os seus feitores, ou seja, aqueles que realizam as ações não são punidos (AGAMBEN, 2004). Para tal, Agamben compara *Homo sacer* com a vida dos judeus levados aos campos nazistas, e como *muselmann* as pessoas, mesmo que vivas deixaram de ser sujeitos tornando-se incapazes de fazer qualquer coisa, apenas sobrevivendo (AGAMBEN, 2004).

Nas narrativas encontramos várias portas que se entreabrem ao comportamento suicida na vida das pessoas LGBTQ+ operando na construção social de vulnerado:

Para finalizar penso que o primeiro fato é ele se aceitar, como ele é mas para isso acontecer ele tem que ter um apoio da família, mãe, pai e irmãos. Porque ele não tendo o apoio da família, a família não apoiando tá abrindo um grande porta para a sociedade, para a população massacrar essa pessoa devido a forma de vida dela, né? Porque ainda hoje somos vistos como o diferente e a família apoiando a pessoa, dando uma força pra ela, aceitando ela, conversando que ela tem uma vida, ela aceita mais conversar e então não leva ela a tirar a própria vida, mas a família não dando apoio, muitas coisas na rua, droga, prostituição, vai abrir portas pra ela e vai chegando num ponto que a pessoa vai vendo que ninguém aceitando, a sociedade massacrando leva a pessoa a tirar a própria vida porque não aguenta, a pressão é muita, sabe? Então, o que leva uma pessoa a fazer isso é não ter o apoio da família. Assim, as pessoas que eu conheci que já tirou a vida ou que já tentou, a grande maioria é porque a família não apoiar, não aceitar. Ela não tem um apoio, tipo assim vai buscar apoio na rua que não presta, que não é para ela (Rafinha, 28 anos, branco, gay).

A narrativa do Rafinha remete ao vulnerado à medida que desvela a falta de apoio na família e na sociedade como produtora de contextos que fragilizam o viver possibilitando nuances da antecipação do fim da vida. O apoio no ciclo social encontra-se como importante fator que protege a vida e produz sentido para viver.

Hoje é meu companheiro que luta pelas causas LGBT. Eu tô conhecendo muitos trabalhos e em prol de ajuda as pessoas. Então eu penso que é você está ajudando com conversas, palestras e batalhar; como eu tô batalhando, dando de mim e participando das palestras, conhecendo mais o lado LGBT e não ficar escondido; como se diz: no armário. É você chegar e se abrir. E a ajuda dos pais é muito importante para que isso, né? Para não aconteça o suicídio (Rad, 49 anos, moreno, gay).

Rad com 49 anos também relata o apoio e a informação como fatores importantes para a valorização da vida e prevenção do suicídio; em especial o amor e a aceitação pessoal como fundamentais na construção da liberdade de ser LGBTQ+. As narrativas trazem a reflexão sobre o direito de viver e deste viver com liberdade; particularmente o direito à vida e o direito a exercer sua sexualidade configuram-se como direito de não ter uma escolha heteronormativa que deve ser considerada legítima. Em consonância com a simples manifestação do pluralismo sexual e desta forma indo na contramão da homofobia e discriminação que reforça a superioridade da heterossexualidade (BORRILLO, 2010).

Vulneração comum e singular nas vidas LGBTQ+

Encontramos em Durkheim a perspectiva sociológica do suicídio como toda morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado. Deste modo esta morte está relacionada com fatores sociais, presentes na realidade e cotidiano das pessoas (DURKHEIM, 1982). Também na perspectiva sanitária, encontramos o endosso da morte por suicídio como fenômeno social presente ao longo da história da humanidade, em especial associado a uma série de fatores psicológicos, culturais, morais, socioambientais, econômicos, entre outros (WHO, 2014).

O suicídio entre a população LGBT é muito triste, mas uma realidade muito sólida, né? E convive com essa situação diariamente, né? Mediante tantas violências que passa, as pessoas são expulsas de casa quando se trata da questão trans, né? Às vezes torna mais intenso quando não encontra oportunidade de emprego, né? 90% da população trans está na prostituição. Então tipo, tá vivendo a violência da rua, às vezes expulsa de casa, a expectativa de vida também que é 35 anos na população trans. Então nesse contexto assim é uma realidade dura que a gente enfrenta hoje em dia. E varia de especificidade para especificidade, né? A pessoa LGBT cada sigla vai ter sua especificidade diferente. Eu nunca tentei o suicídio, mas sim já pensei (Maria, 19 anos, mulher trans).

A narrativa da Maria (19 anos) evidencia que a complexidade da vida vulnerada transcende dados epidemiológicos da morte por suicídio. Neste sentido D'Albuquerque (2018) ao discutir a expressão do gênero no comportamento suicida parte do pressuposto desta morte como um fenômeno gendrado, cuja construção discursiva é marcada por especificidades de gênero. Assim, diante da complexidade do

comportamento suicida, o gênero não está relacionado apenas à manifestação do ato suicida, pois como importante marcador social ele se faz presente antes do início da vida:

As expectativas e as mais diversas vias de pedagogização dos estereótipos de gênero atribuídos aos novos seres humanos podem se tornar fontes de sofrimento psíquico para aqueles sujeitos que fracassam na representação dos modelos sociais esperados para homens e mulheres. Dentre os contextos de violência que podem levar a destinos nefastos e que se iniciam desde as fases arcaicas da vida, encontram-se aqueles nos quais os sujeitos não cumprem as normas sociais de gênero, orientação sexual e identidade de gênero. (D'ALBUQUERQUE, 2018, p.16).

Entendemos que o não cumprimento do papel e lugar na família e na sociedade que se é esperado em termos da organização social já posta pode configurar-se em contextos adoeceadores e, portanto, como produtor importante de sofrimento das pessoas LGBTQ+, fragilizando as relações e confluindo para vidas vulneradas.

Ainda é possível observarmos no estudo que o que modifica é a relação temporal, ou seja, quanto mais jovem a pessoa LGBTQ+, como os entrevistados da **Geração Z**, maior a proximidade com o comportamento suicida não letal, apresentando mais narrativas de tentativas pessoais de suicídio como também o ciclo de amizade e/ou conhecidos LGBTQ+). Contrariamente, as pessoas LGBTQ+ da **Geração Baby Boomers** tiveram maior contato com o comportamento suicida letal ao narrarem mais histórias de suicídio no seu ciclo relacional (Imagem 1).

Atualmente apesar do avanço nos planos, programas e ações para pessoas LGBTQ+, não se encontram políticas públicas para prevenção do suicídio, valorização da vida ou promoção da saúde mental. Em relação às políticas públicas e garantia de direitos às pessoas LGBTQ+ temos no país nas últimas décadas importantes avanços, mas a luta pela efetivação destas ainda se encontra longe de acabar e nesta direção a narrativa de Butterfly reforça tal questão e reitera a necessidade da sensibilização e capacitação comporem as agendas das políticas públicas:

Bom! Eu só queria reforçar mesmo essa questão da empatia dos profissionais, porque por eu ser da área da saúde tem pessoas que me procuram às vezes, não só meninas trans, mas homens trans também e gays, porque eu tenho muitos amigos homossexuais. Dessa preocupação de procurar um serviço e não ser devidamente atendido pela sua orientação sexual e sua identidade de gênero. Então, eu acho que isso é uma das coisas que precisam ser trabalhadas na sociedade, inclusive talvez aqui na cidade, a gente tem um secretário muito bom, muito acessível que eu acho que a gente precisa de uma capacitação, uma sensibilização muito maior desses profissionais que trabalham na ponta e que não estão preparados para atender a população LGBT (Butterfly, 25 anos, parda, mulher trans).

Sabemos que historicamente a construção das políticas públicas voltadas às pessoas LGBTQ+ tiveram seu início marcado pelo viés da prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). A falta de sensibilidade e comprometimento no atendimento e acompanhamento por profissionais da saúde ficou marcada nessa narrativa de Butterfly. Nesta perspectiva Koehler (2013) apresenta que as violências contra a população LGBT encontram-se presentes nas diversas esferas de convívio social e constituição de identidades desde o universo familiar, escolas, igreja, rua, posto de saúde, mídia como também na ineficiência das políticas públicas ou falta das mesmas.

Guimarães e colaboradores (2017), em pesquisa sobre a assistência à saúde da população LGBT encontram narrativas que desvelam a negação do preconceito quando consideram as ações afirmativas de saúde como privilégio ou discriminatórias revelando o desconhecimento e a invisibilidade do atendimento equânime destas pessoas que tem sua vulnerabilidade histórica reconhecida além do não entendimento da equidade como princípio condutor das ações e serviços de saúde.

Mello, Brito e Maroja (2012) nos advertem no tocante a esta vulneração gendrada ao problematizar a implementação de programas e políticas públicas no Brasil para pessoas LGBTQ+, em especial questionando se elas serão capazes de efetivamente criar melhores condições de vida para as pessoas que têm historicamente sua sexualidade policiada e muitas vezes vivem como párias e estrangeiras:

(...) a humanidade dessas pessoas é questionada ou mesmo negada, a partir de crenças e tradições heteronormativas, naturalizantes e religiosas, incompatíveis com os princípios de respeito à dignidade, de garantia da autonomia e de proteção da liberdade, que a princípio caracterizam as sociedades democráticas e os Estados laicos (MELLO; BRITO; MAROJA, 2012, p. 412).

Nuances PT nas vidas LGBTQ+

Aqui temos PT como gíria que significa perda total encontrada em músicas, mídias sociais, e também em casos de perda material decorrentes de acidente automobilístico; assim nas nuances PT de vidas LGBTQ+ encontramos as narrativas de suicidalidade das pessoas entrevistadas. O *Homo sacer* - pessoas LGBTQ+ referem-se aqueles que estão nus, desprovidos de direitos e, portanto, podem ser mortos; e como eles não têm direito de ter uma vida em sociedade *bios*, e terem sua própria maneira de

viver são autorizados ou relegados somente a existir *zoé*, até que este existir não seja mais suportável e então as portas se entreabrem revelando as nuances da vida PT.

Borrillo (2010) nos lembra que na história mundial encontramos como obrigação capital para a nação e um gesto de sobrevivência combater essa "praga":

No editorial de 4 de março de 1937, o semanário da SS - Das Sehwarze Korps - denuncia a existência de dois milhões de homossexuais e preconiza, ardentemente, seu extermínio. Todavia, os criminosos nazistas não tinham aguardado essa proposta para desencadear a perseguição de gays e lésbicas: desde 1936, eles foram enviados em massa para os campos de concentração; aliás, foi mínimo o número de sobreviventes. Se existe a estimativa de que 15.000 homossexuais tenham sido vítimas desses campos, de acordo com F.Rector (1981), parece razoável considerar que, no mínimo, 500.000 homossexuais tenham sido mortos nas prisões, nas execuções sumárias, por suicídio ou por ocasião de tratamentos experimentais (BORRILLO, 2010, p. 85-86).

Encontramos nas narrativas a vulneração LGBTQ+ que a vida PT é construída no cotidiano de múltiplas violências. Sabendo que em tais contextos de violência, “não é surpreendente que os jovens homossexuais sejam atingidos, em particular, por depressão, hospitalização psiquiátrica e tentativas de suicídio” (BORRILLO, 2010, p.102). Rocha-Buelvas (2015) assegura que se torna impossível deixar de pensar que as minorias sexuais não são mais propensas ao comportamento suicida quando a violência desenfreada dentro da sociedade exige punição pública e privada para os homossexuais. Portanto torna-se fundamental reconhecer que tal violência não é simplesmente resultante da discriminação, mas também da exclusão, uma vez que a punição do cotidiano público e privado se torna uma forma clara de expulsão das pessoas LGBTQ+ do corpo social e erradica a diferença de uma sociedade que luta para ser democrática.

Uma consequência dessa violência contra as pessoas LGBTQ+, por meio da discriminação e da exclusão, mesmo em setores como a saúde, é o aumento significativo do risco de suicídio, especialmente entre os jovens, com maior risco para transexuais. Por este fato, dentre as recomendações para reduzir o risco encontra-se erradicar o estigma e o preconceito no nível institucional e individual (ROCHA-BUELVAS, 2015). Encontramos narrativas pessoais de percursos de múltiplas violências que reiteram e se mesclam com o pensamento suicida de pessoas LGBTQ+:

Conheço sim duas pessoas LGBT que já tentaram. É muito triste, né? Primeiramente eles tentam pela família não compreender e não aceitar e eles não tem apoio dentro de casa. E quando você não tem apoio dentro de casa por ser quem você é ou você não poder ser quem você é. Nossa! É muito

difícil você querer continuar a viver, porque eu mesma em casa, quando meus pais descobriram que eu ficava com meninas foi muito difícil, eles nunca aceitaram (Pausa). Eles nunca aceitaram e era uma coisa que nem podia tocar no assunto dentro de casa porque eles falavam que eles não iam ter filho assim, que não criou filho pra isso e tal. E acaba sendo muito difícil e não é nenhuma questão de faixa etária dos pais, meus pais são bem novos assim, sabe? Não sei acho que vai cada pessoa mesmo, da construção social e da pessoa deixar de ser ignorante mesmo. Eu nunca tentei, mas já pensei por ser um fardo muito grande e sofrer muito dentro de casa por causa disso, muita humilhação, muito preconceito (A menina do black, 19 anos, negra, pansexual).

A narrativa da Menina do Black enfatiza a dificuldade da família compreender e aceitar evidenciando que a falta de apoio e a negação familiar reverberam como desmotivação para viver. Na cultura ocidental é hegemônico o entendimento da homossexualidade como experiência individual incompatível com a vida familiar e desta forma, em geral, relações se fragilizam, pois para a família, há uma expectativa que é frustrada que desencadeia uma crise, um drama cujo desfecho pode ser o rompimento familiar, que pode ou não ser reatado no futuro. Os papéis sociais previamente estabelecidos pela sociedade e esperados pela família, como gerar filhos, encontram-se dentre os motivos que desencadeiam a crise familiar (OLIVEIRA, 2011).

Não tive oportunidade de conhecer ninguém no meio que tentou suicídio. Agora eu posso contar um pouco da minha história. Eu já pensei em suicidar, tá! Quando eu tinha para meus 14 para 15 anos eu comecei a ter esse lado meu da minha condição sexual eu entrei num conflito muito grande, porque? Porque eu trabalhava, já trabalhava, trabalhava com algumas amigas, via as pessoas de uma forma diferente, principalmente as pessoas que trabalhavam comigo e isso confundiu muito a minha cabeça e então eu já quis partir pro suicídio (Pausa). Eu assim, eu cheguei numa fase que eu, eu fiquei tão, perdida assim confusa com o que eu estava sentindo, com tudo que estava se passando com minha pessoa que eu quis realmente se suicidar, com medo, sei lá, achei que eu tava ficando doida, louca, sei lá, mais ou menos assim, eu já quis. Mas eu acredito que realmente é uma estatística muito ruim do suicídio. E as pessoas que estão se suicidando hoje, no nosso meio, são pessoas que eu acredito que tenha passado pela mesma situação que eu passei, que quando a pessoa está se descobrindo, é tão difícil pra ela, porque ela tem ela tem tanto medo do que a sociedade vai pensar, do que a família vai pensar e até em questão do trabalho porque a gente fica assim, mas nossa mas como que isso vai ser? Isso começa a incomodar a gente, isso começa a mexer com o nosso eu interior, entendeu? Principalmente em questão da família porque quando você é criada dentro de uma de uma estrutura familiar principalmente religiosa você fica num conflito muito grande, porque você acha que é coisa da sua cabeça, você acha que você pode estar pecando, você acha que pode tá ficando doida, né? É um monte de situações que você vive dentro de você ali, que você não sabe muito bem o que fazer, né (Beth, 44 anos, morena, lésbica).

Beth, 44 anos, traz a narrativa do sofrimento interno ao se descobrir homossexual e ao procurar respostas para suas inquietudes sofre por pensar em não satisfazer o que é pré-estabelecido e também por sentir-se diferente das pessoas do seu ciclo social, assim ela enfatiza esse ciclo social como potencializador do seu sofrimento. Nesta direção, Nagafuchi (2019) apresenta o suicídio como uma resposta e uma consequência dos sofrimentos sociais e da violência por sua influência nas subjetividades se inscrevendo nas experiências da vida cotidiana de cada pessoa.

Considerando os fatores sociais, pessoas LGBTQ+ têm maior chance de tentativa de suicídio ao longo da vida, por isto as subnotificações dos dados sobre mortes por suicídio dificultam a compreensão da prevalência e padrões desta morte entre as pessoas LGBTQ+ e o desenvolvimento de intervenções direcionadas e programas de prevenção (BOURIS *et al.*, 2016).

Durante a realização das entrevistas encontramos 12 pessoas que narraram tentativa de suicídio de pessoas do ciclo de amizades das minorias sexuais sendo que as narrativas das gerações Baby Boomers, X, Y e Z desvelaram a questão da orientação sexual associada a aceitação da família e da sociedade como fatores para construção da vulneração destas tentativas. Ainda tivemos narrativas da história pessoal de tentativa de suicídio da Sofia (19 anos), Tete (33 anos) e Belo (32 anos):

Como eu te disse, eu já tentei, já pensei, é como um refúgio que será quando você vai ficar livre de tudo, você não vai ter problema, pode deixar problema, mas você não vai ter problema mais, você não vai ter um olhar torto para você, você não vai ter uma crítica para você, você não vai ter família te rejeitando, entendeu? Então assim, eu acho que é um recurso, um refúgio que todas as pessoas que passa por isso, do meio LGBT, é o único recurso que eles acham que tem é esse. Olha (Pausa). Um dia, eu tava sentado, eu já tava olhando para o lugar, imaginando de amarrar uma corda, e fazer isso, entendeu? Foi onde eu comecei a chorar, me lembrar da minha família, das pessoas que gostam de mim, onde eu fui rezar e pedir a Deus pra tirar esses pensamentos de mim (Pausa). Três dias, eu acordei, aliás nem dormi, eu deitei e consegui tirar um cochilo, então era a hora que tinha que vir trabalhar, então eu acordei, eu levantei com aquele aperto no peito, aquela vontade, aquele desespero, aquele trem doido e só imaginando eu ir lá na cozinha, pegar a faca e passar onde fosse mais rápido. Só que a minha fé ainda tá conseguindo tirar isso (Belo, 32 anos, moreno, gay, solteiro).

Como enfatiza Louro (2000), a compreensão de sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas se apresenta também como social e política pelo fato de ser aprendida e construída ao longo da vida pelas pessoas como também porque a distinção entre homossexuais e heterossexuais estabelece privilégios, causa desigualdades sociais,

invisibilizando e vulnerando as pessoas homossexuais. Neste sentido, Oliveira (2011, p.4) também afirma que “a heterossexualidade, longe de ser um ‘fato da natureza’” é uma instituição política que precisa ser denunciada enquanto tal, pois a naturalização da heterossexualidade é “o fantasma na máquina da homofobia”. Nas narrativas deste trabalho escutamos claramente esta construção, mas que apesar de estudada e reafirmada por pesquisadores, ainda se encontra longe de fazer parte do ambiente familiar e social. O que de certa forma priva e deixa a margem as pessoas LGBTQ+, relegando-as ao sofrimento quando não se consegue cumprir o papel desejado pela família.

Portas que se entreabrem para suicidalidade gendrada

Eu penso que, por muita das vezes quando a gente vai se assumir, em casa que é o mais difícil, eu acredito que assumir para as pessoas, os colegas, as pessoas da rua, seja mais fácil porque acaba que as pessoas te acolhem mais porque não é dentro de casa. A partir do momento que você passa por um tempo, por um período que parece que está te prendendo, você precisa se aceitar em casa, se assumir em casa. E acaba que as pessoas que tem que te acolher primeiro são seus pais, né? A gente aprende desde criança a sempre contar coisa para os pais primeiro, né? Os pais sempre fala: você tem que me contar as coisas, não me esconde nada, não esconde nada. E a partir do momento que você conta para eles, e eles fecha a porta, vamos supor assim, não aceitam, que tinha que ser as primeiras pessoas, que tinham que te acolher, te abraçar, acaba que muita das vezes as pessoas tentam suicídio. Porque o pai não aceita, o pai põe pra fora de casa, os pais não quer aceitar seu filho devido essa orientação dele. Então acaba que o filho ou a pessoa naquele momento, ela não tem um refúgio que tava procurando, que era o acolhimento do pai, que era o acolhimento da mãe, né? Dentro de casa. Então eu acredito que a gente fica totalmente é conturbado nesse momento. Então, o que eu penso é que é o caminho que eu tenho, se o meu refúgio que é meus pais, na minha casa, as pessoas que vão me proteger não me aceitam, por que eu vou viver nesse mundo? Para quê que eu tô nesse mundo então? Então a gente tenta suicídio mesmo (Pequeno Príncipe, 30 anos, negro, gay).

A narrativa do Pequeno Príncipe mescla a história de tentativa de suicídio e da orientação sexual, desvelando a dificuldade em assumir sua orientação sexual perante a sociedade, e a família, como produtora de contextos de sofrimento no cotidiano LGBTQ+. Assim, as narrativas expõem como as portas se entreabrem para a suicidalidade gendrada revelando nuances do gesto suicida da vida PT de pessoas LGBTQ+, quer seja no ambiente doméstico ou na vida em sociedade.

O que caracterizaria a homofobia, diferentemente de outras formas de hostilidade, é o fato de que ela visa, sobretudo, pessoas isoladamente e não grupos já constituídos como minorias, assim:

O homossexual sofre sozinho o ostracismo associado à sua homossexualidade, sem qualquer apoio das pessoas à sua volta e, muitas vezes, em um ambiente familiar também hostil. Ele é mais facilmente vítima de uma aversão a si mesmo e de uma violência interiorizada, suscetíveis de levá-lo até o suicídio (BORRILLO, 2010, p.40).

Como forma para compreendermos a vulneração de pessoas LGBTQ+ ao gesto suicida enquanto nuances de vida PT temos o estresse minoritário que sustenta a ideia que a homofobia e a transfobia criam um ambiente social hostil produtor de estresse e aumento do risco de problemas de saúde mental (MEYER, 2003). A falta de apoio social que pode aumentar a sensação das pessoas LGBT sentirem-se que não são aceitas ou não tem importância (HILL *et al.*, 2017). As vivências de vitimização homofóbica e transfóbica também podem favorecer as pessoas LGBT sentirem-se como um fardo para os outros ao seu redor (BAAMS; GROSSMAN; RUSSELL, 2015) como ainda contribuir para uma sindemia¹³ de depressão, uso de drogas e sexo arriscado associados as tentativas de suicídio (MUSTANSKI, *et al.*, 2014). Neste aspecto as políticas públicas e intervenções direcionadas para contextos lgtqfóbicos podem reduzir a disparidade do suicídio entre pessoas de minorias sexuais (RAIFMAN, *et al.*, 2017).

Nas narrativas observamos, em relação as gerações, um paradoxo da suicidalidade, sendo que as pessoas LGBTQ+ jovens têm maior número de amigos e/ou conhecidos LGBTQ+ com história de tentativa de suicídio, porém as gerações mais velhas narram maior contato com a morte de amigos e/ou conhecidos LGBTQ+. Nesta perspectiva Borrillo (2010) aponta que o isolamento social, o assédio, as violências, assim como a rejeição familiar acentua a perda de autoestima, principalmente de adolescentes homossexuais. Contextos que podem mesclar-se com as histórias das tentativas de suicídio como narra La Borba com 72 anos:

Suicídio já. Duas pessoas, não tô lembrado o nome, um casal inclusive. Separadamente, eu tinha um bar e essas duas pessoas, frequentava o meu bar uma eu acho que chamava..., muito novinha, bonitinha e ela era também dessa parte, e ela suicidou devido a família não aceitar, ela suicidou. E o outro rapaz, ele era um professor, muito legal, muito gente boa, suicidou porque a família não concordava, não aceitava, ele era muito taxado dentro da casa dele, pela própria família. Que a família é a primeira a ter que aceitar, é a primeira a abrir os braços, e lá casa dele não, era o contrário. Lá ele não era aceito, bem querido, ele sempre era jogado pra um lado, e um dia ele não suportou, ele suicidou. (La Borba, 72 anos, branco, gay).

¹³Uma sindemia é uma sinergia de pandemias que ocorrem simultaneamente, causam efeitos uma sobre as outras e compartilham determinantes comuns.

La Borba desvela em sua narrativa a realidade próxima de um cotidiano marcado pela vulneração das pessoas LGBTQ+. A cultura da heterossexualidade compulsória reitera desigualdades de poder e de *status*, funcionando como um alicerce sobre o qual se sedimentam formas mais explícitas de violência, preconceito e discriminação contra pessoas LGBT (OLIVEIRA, 2011). Desta forma a violência e o sofrimento social se inscrevem nas subjetividades e cotidianos das pessoas LGBTQ+ e com Nagafuchi (2017, 2018, 2019) encontramos o conceito das formas de vida para interpretar os sofrimentos cotidianos em virtude da violência de gênero ou de sexualidade de pessoas com ideação ou tentativas de suicídio

Nas narrativas das pessoas das gerações Baby Boomers, X e Y encontramos histórias de morte por suicídio de amigos e/ou conhecidos LGBTQ+:

Sim, eu já conheci pessoas que se mataram sim, né? Devido a orientação sexual (Pausa). E que envolveu assim vários fatores para a pessoa chegar no ponto de tá tirando a própria vida. Conheci pessoas legais, né? Pessoas de bem que infelizmente teve um fim trágico. E conheço pessoas que já quase também cometeu isso, né? Tudo isso envolvendo o que? O não aceitação, primeiramente da família, e depois da pessoa, tipo assim, não se aceitar do jeito que é, e não teve uma orientação, um apoio para chegar ao ponto de tirar a própria vida (Rafinha, 28 anos, branco, gay).

A narrativa de Rafinha remete ao suicídio de pessoas conhecidas elencando fatores que podem ter sido precipitadores da antecipação do fim da vida de minorias sexuais. Nesta perspectiva Nagafuchi (2019) nos convida a refletir sobre o valor da vida e da dor apontando que ao se negar a dor do outro, incorre-se no risco de negar ao outro da própria vida e assim, a negação social das vidas LGBT produzem sofrimento e pressão social, não permitindo que a vida possa continuar. Aganbem com o conceito de *Homo sacer* também nos atrai a pensar quais vidas tem importância e permissão de existir? e quais sentem-se negadas no sentido real do cotidiano perdendo sentido e razões de existir?

Janelas que se entreabrem para a vida LGBTQ+

Quando compreendemos o suicídio o como um ato de comunicação das violências e dos sofrimentos sociais que afligem as subjetividades e os cotidianos das pessoas LGBTQ+ consequentemente também incluímos a urgente necessidade de se repensar e ressignificar os modos de fazer prevenção. Para tal, Nagafuchi (2019) propõem a ideia de redução de danos para prevenção e das intervenções nas tentativas

posto que o suicídio é parte constituinte do social e do cultural e, portanto, é parte intrínseca da vida.

Reconhecendo que o esmagamento das subjetividades irrompe da negação das diversas experiências humanas, portanto da negação das formas de vida ao atribuir mais valor à forma do que à vida (NAGAFUCHI, 2019), entendemos porque em determinados contextos adoecedores as pessoas LGBTQ+ são excluídas não somente do grupo social, mas da própria vida. E como a vida nos convoca e compromete também escutamos nas narrativas janelas que se entreabrem para a valorização e proteção do viver LGBTQ+.

Na diversidade de motivos para viver, “merecer viver” e lutar diariamente por este direito podem desvelar fatores protetivos, uma vez que nesta luta encontra-se vida. Ainda a liberdade presente numa história de vida que revela passado, presente e futuro também podem revelar-se como o direito das pessoas LGBTQ+ à vida e afirmação que existem e continuarão a resistir. Neste prisma, aparece a vivacidade da narrativa da Wanderléia de suas lutas diárias para marcar sua existência e da sua alegria de ter saúde para viver a velhice sendo feliz e realizada:

Eu quero viver até 100, 110. Eu era apaixonado com a Dercy Gonçalves, eu fico apaixonado de ver os velhinhos com seus 70; eu não quero ficar carrancudo, eu quero beber, eu quero arrumar meus dentes, quero arrumar tudo, pra tomar minha cervejinha ir pro boteco, dançar, não quero puxar nada, de primeiro queria juntar dinheiro pra puxar as rugas, tanta gente morrendo com esse trem de puxar, não quero não. Eu quero é viver, uma vida sadia, alegre; uma vida cheia de paz. E passar essa paz para os outros, onde a gente pode passar alegria (Wanderléia, 61 anos, branco, gay).

Nagafuchi (2019) articula a ideia de suicídio como uma resposta possível, quando há negação do passado (tensão entre biologia e biografia), presente (como formas de vida) e futuro (como plasticidade ou perda de um futuro imaginado). A interpretação do suicídio sob esta ótica da biopolítica da vida é em que medida o suicídio deixa de ser somente uma possibilidade e passa a ser uma probabilidade, uma vez que se fundamenta nesta definição de que vidas podem ser continuadas e que vidas devem ser extintas.

Assim, na narrativa de Wanderléia como nas demais pessoas que emprestaram suas histórias para este estudo escutamos diversidade de dores perpassadas pelo sofrimento produzido pela heteronormatividade ao significar cada letra viva LGBTQ+; entretanto também encontramos narrativas que desvelam luta, resistência, alegria e

delícia de ser cada letra viva LGBTQ+. Compreendemos que apesar da dor de cada letra viva LGBTQ+ ainda que invisibilizada e relegada a negação de suas existências e da tentativa social do apagamento de vidas com múltiplas violências também temos a delícia visível de cada letra viva na resistência que produz sentidos para viver LGBTQ+.

E para romper o silêncio podemos enquanto sujeito, parafraseando a música¹⁴, afirmar que “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é” cada letra viva LGBTQ+ no que se refere as particularidades da vulneração e tangenciamento da suicidalidade nas suas vidas LGBTQ+. Assim, Ream (2019) garante que cada subgrupo de pessoas LGBT tem seu próprio perfil de risco para o suicídio por isso os esforços de prevenção e intervenção direcionadas podem aumentar sua eficácia ao corresponder aos distintos perfis.

As narrativas da Maria (19 anos) e do Tete (33 anos) apresentam a valorização e proteção do viver LGBTQ+:

Pra mim a prevenção é o diálogo, a conversa, principalmente no âmbito familiar, dos familiares entender que isso é uma normalidade, como a heterossexualidade, e entender que não é fácil nem pra quem vive, muito menos pra aquele que está de fora da situação. Então, acho que primeiro tinha que ter o afeto, ser de fato respeitado entre aquele núcleo familiar, a partir daí que realmente a gente começa a respeitar o outro na sua condição enquanto ser humano. Hoje meu sentido para viver é lutar sobre essa diferença, mesmo, porque assim, todo mundo vem com propósito, né? A gente pode simplesmente passar por aqui e ir embora, então eu enquanto militante social, vejo que a gente pode contrapor e ajudar as pessoas, e já teve vários momentos que a gente as vezes com uma simples conversa, um diálogo a gente consegue mudar e a pessoa se reconhecer. E a gente está em constante transformação, tanto quem foi um dia ajudado, que pode ajudar outra pessoa, acho que é o melhor exemplo; é o que motiva, a gente tem que saber porque a gente está nessa existência, não simplesmente pra pagar boleto (Tete, 33 anos, pardo, Gay).

Hum! Prevenção do suicídio? Um acesso, né? Um acolhimento, né? As pessoas serem menos preconceituosas, né? Terem mais entendimento que nós, por a gente ser assim, que a gente não mereça ter uma família, né? Ter acesso a emprego, estudo digno, acesso as coisas básicas da sociedade. Eu quero é realizar meus sonhos que é formar e construir alguma coisa benéfica dentro do meio acadêmico, tanto que é por isso que eu quero mudar de curso, porque eu entrei aqui com uma cabeça muito pequena, tipo(Pausa) querer fazer isso e parar; e agora eu vejo que eu quero mais, eu quero crescer, sabe? Quero construir coisas, quero construir lutas, discussões; isso me motiva muito e construir uma família me motiva muito. É isso! (Maria, 19 anos, negra, mulher trans).

¹⁴Dom de Iludir refere-se a letra e música de Caetano Veloso.

Com estas narrativas, Maria e Tete apresentam o afeto, a compreensão, o diálogo, o respeito, o acolhimento, e o acesso as políticas públicas como fatores importantes para a valorização da vida e prevenção do suicídio LGBTQ+. E considerando que no corpo de cada pessoa habita a vida e suas experiências e subjetividades (NAGAFUCHI, 2019) estas narrativas ao elencar fatores protetivos mostram que a vida pode ser ressignificada e que há uma disposição na comunidade LGBTQ+ para garantia do direito à vida.

Por fim, é imprescindível afirmar que o suicídio se configura como um fenômeno complexo e multifatorial, portanto ser LGBTQ+ não é determinante causal desta morte. Outra questão importante é a oposição radical frente a discursos de "cultura da morte" ou "ideologia de gênero" para isto é preciso compreender a mortalidade na comunidade LGBTQ+ como um desfecho processual de uma vitimização construída em percursos de múltiplas violências. E assim, o enfrentamento da suicidalidade gendrada perpassa a garantia do direito à vida, a recusa da mercantilização da "cura gay" e do questionamento do ideal de família nuclear burguesa (pai, mãe, filhos) e a aceitação e afirmação da diversidade sexual e de gênero existente em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I*, tradução de Henrique Burigo, 1. reimpr., Belo Horizonte: UFMG: Humanitas, 2004.

ATAÍDE, Marlene Almeida de. Um diálogo com a história oral: limites ou possibilidades de se fazer pesquisa qualitativa? *Revista Sinais*, Vitória, Espírito Santo, vol. 2, n. 20, jul/dez 2016, pp. 148-167.

BAAMS, Laura; GROSSMAN, Arnold H.; RUSSELL, Stephen T. Minority stress and mechanisms of risk for depression and suicidal ideation among lesbian, gay, and bisexual youth. *Developmental Psychology Journal*, vol. 51, n. 5, maio 2015, pp. 688-696.

BAPTISTA, Mauro Rocha. Notas sobre o conceito de vida em Giorgio Agamben. *Profanações*, vol.1, n.1, jun. 2014, pp.53-74.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia - História e Crítica de Um Preconceito*. Trad.: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte - MG, Editora Autêntica, 2010 (141).

BOURIS, Alida; EVERETT, Bethany G; HEATH, Ryan D. et al. Effects of victimization and violence on suicidal ideation and behaviors among sexual minority and heterosexual adolescents. *LGBT Health*, vol.3, n. 2, 2016, pp.153-61.

CARAVACA-MORERA, Jaime Alonso; BENNINGTON, Michael; WILLIAMS, Charmaine et al. Contemporalis homo sacer: obstáculos para acceder a los servicios de salud para las poblaciones trans. *Texto contexto - enfermagem*, Florianópolis, vol.26, n.3, set. 2017.

D'ALBUQUERQUE, Felipe de Baére Cavalcanti. O gênero no comportamento suicida: o sofrimento psíquico em dissidências sexuais. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia Clínica, Universidade De Brasília, Brasília DF, 2018.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo memória, e identidade. *História Oral*, n.6, jun 2003, pp.9-25.

DURKHEIM E. O Suicídio – Um Estudo Sociológico. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1982 (513).

GUIMARÃES, Rita de Cássia Passos. CAVADINHA, Edu Trute. MENDONÇA, Ana Valéria Machado. SOUSA, Maria Fátima. Assistência a população LGBT em uma capital brasileira: o que dizem os agentes comunitários de saúde? *Tempus, actas de saúde colet*, Brasília, mar, 2017, pp.121-139.

HILL, Ryan M.ROONEY, Evan E.MOONEY, Megan A. KAPLOW, Julie B. "Links Between Social Support, Thwarted Belongingness, and Suicide Ideation among Lesbian, Gay, and Bisexual College Students," *Journal of Family Strengths*: vol. 17, n. 2, 2017 . Disponível em: <http://digitalcommons.library.tmc.edu/jfs/vol17/iss2/6>. Acesso em: 23/11/2019.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. *Interações*, Santarém, Portugal, 2013, No. 26, pp. 129-151.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *Pedagogias da sexualidade*, pp. 07-34. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo, Contexto, 2011 (198).

MELLO, Luiz; Brito; WALDERES, Maroja Daniela. Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: notas sobre alcances e possibilidades. *Cadernos Pagu* (39), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu / Unicamp, julho-dezembro de 2012, pp. 403-429.

MEYER, Ilan H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychol Bull.* vol.129, n. 5, setembro de 2003, pp. 674-697.

MINAYO, Marília Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11.ed. São Paulo, HUCITEC: Rio de Janeiro, Abrasco, 2011 (406).

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Soc. estado*, Brasília DF, v.25, n.2, ago. 2010, p.p. 225-250,

MUSTANSKI, Brian; ANDREWS, Rebecca; HERRICK, Amy; SCHNARRS, Phillip W. A syndemic of psychosocial health disparities and associations with risk for attempting suicide among young sexual minority men. *Am J Public Health*, vol.104, n.2, 2014 February, pp.287–294.

NAGAFUCHI, Thiago. Em busca de vozes no silêncio: suicídio, gênero e sexualidade na era digital. In: MARQUETTI, Fernanda Cristina (Org.). *Suicídio: escutas do silêncio*. São Paulo, Editora UNIFESP, 2018, pp. 147-55.

NAGAFUCHI, Thiago. Um olhar antropológico sobre o suicídio: devir, formas de vida e subjetividades. *REVISTA M*. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, jan./jun. 2019, pp. 101-124.

NAGAFUCHI, Thiago. Um réquiem feito de silêncios: suicídio, gênero e sexualidade na era digital. Tese de doutorado, Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2017.

NOCK, Matthew K; BORGES, Guilherme; BROMET, Evelyn J.; CHA,Christine B.; KESSLER, Ronald C.; LEE , Sing. Suicide and Suicidal Behavior. *Epidemiol Rev*. 2008, vol. 30, n. 1, pp.133 –154.

OLIVEIRA, Leandro. Diversidade sexual, gênero e família: notas sobre o problema da superioridade moral da heterossexualidade. In PASSAMANI, Guilherme. *Contra Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual*. Campo Grande, Editora UFMS, 2011, pp. 53-65.

RAIFMAN, Julia; MOSCOE, Ellen; AUSTIN, Bryn S.; MCCONNELL, Margaret. Difference-in-differences analysis of the association between state same-sex marriage policies and adolescent suicide attempts. *JAMA Pediatr*, vol. 171, n.4, april 2017, pp. 350–356.

REAM, Geoffrey L. What's Unique About Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender (LGBT) Youth and Young Adult Suicides? Findings From the National Violent Death Reporting System. *Journal of Adolescent Health*. vol. 64, n. 5, may 2019, pp. 602–607.

ROCHA-BUELVAS, Anderson. El riesgo suicida y los significados de las minorías sexuales: un nuevo reto para la salud pública. *Rev. Fac. Med.*, vol.63, n.3, 2015,pp.537-544.

SCHRAMM, Fermin Roland. A saúde é um direito ou um dever? Autocrítica da saúde pública. *Ver Bras Bioética*, vol. 2, n.2, 2006, pp.187-200.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica, por Joan Scott - debate político-conceitual de gênero. *Educação & Realidade*, 1995, pp. 2175-6236.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, vol.22, n.44, ago./dez. 2014, pp.203-20.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Preventing Suicide: a global imperative. WHO, 2014.

LIMITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 LIMITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi resultado do interesse em estudar suicidalidade LGBTQ+ a partir de narrativas de vida de diferentes gerações e o estudo evidenciou que o comportamento suicida se encontra presente no cotidiano das pessoas LGBTQ+ em função da vulneração produtora do aumento da chance de tentativas e mortes por suicídio. Observa-se com as narrativas que as violências experienciadas no cotidiano são importantes fatores de suicidalidade principalmente a LGBTQfobia.

Entretanto é importante afirmar que o suicídio se configura como um fenômeno complexo e multifatorial, portanto ser LGBTQ+ não é determinante causal desta morte. Outra questão importante é a oposição radical frente a discursos de "cultura da morte" ou "ideologia de gênero" para isto é preciso compreender a mortalidade na comunidade LGBTQ+ como um desfecho processual de uma vitimização construída em percursos de múltiplas violências. E assim, o enfrentamento da suicidalidade gendrada perpassa a garantia do direito à vida, a recusa da mercantilização da cura gay e do questionamento do ideal de família nuclear burguesa (pai, mãe, filhos) e a aceitação e afirmação da diversidade sexual e de gênero existente em nossa sociedade.

Algumas considerações podem ser entendidas como limitações deste estudo, entre elas o grupo de participantes serem do interior de Minas Gerais e da mesma cidade apesar de compreendermos que os achados não se encontram comprometidos ao verificarmos a diversidade de histórias, idades e identidades de gênero. Pensando na riqueza das narrativas entendemos que outros estudos podem ser realizados, em especial a releitura destas narrativas a partir da análise do discurso, levando em consideração fatores sociais, políticos, culturais marcadamente temporais de cada grupo de geração e revelados na interdiscursividade.

Ainda é importante consideramos neste estudo a questão da aprovação do projeto de pesquisa do comitê de ética e do entendimento da Secretaria Municipal de Saúde em relação a garantia de encaminhamento à profissionais/serviços da saúde mental, em caso de necessidade de quebra de sigilo.

Importante também registrar nestas considerações a demanda por visibilidade ao direito a vida LGBTQ+ que entendemos ao se revelar que mesmo após o término das entrevistas, isto é, da coleta de dados, outras pessoas LGBTQ+, procuraram a

pesquisadora a fim de contribuir com a pesquisa, mostrando a importância da escuta destas realidades vividas a fim de possibilitar a construção de estratégias de prevenção do suicídio e proteção a vida e posvenção na comunidade LGBTQ+.

Ainda se ressalta que o estudo além de contemplar a temática vivida nas quatro gerações propostas desvelando a diversidade de histórias, a dimensão do cotidiano de pessoas LGBTQ+ também possibilitou a visibilidade ao realizar as entrevistas tendo os encontros marcados pela variedade de locais como o lar, a igreja, a câmara municipal de vereadores, a academia de ginástica, a universidade, a biblioteca, a secretaria de cultura.

Por fim ao trabalhar neste estudo com população vulnerada compreendemos o compromisso ético-político com a devolutiva dos resultados, portanto ele não ficará restrito a biblioteca da universidade ou endereçado somente a um periódico indexado. A devolutiva se dará em três momentos, o primeiro com a divulgação dos dados aos participantes da pesquisa em conjunto com os Movimentos LGBTQ+, o segundo para a Secretaria Municipal de Saúde do município e o terceiro para a sociedade ampliada com a divulgação de uma infografia temática. Tais devolutivas perfazem a ideia que o enfrentamento da suicidabilidade gendrada se dá a partir de devolutivas culturais de pesquisas/estudos científicos e da construção de estratégias sociais de prevenção.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Estado de Exceção. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio: Homo Sacer. Sovereign Power and Bare Life. Translated by Daniel HellerRoazen. Stanford University Press, Stanford 1998. [Homo sacer. Il potere sovrano e la nuda vita. Giulio Einaudi, Turin 1995.]

ALMEIDA, Felipe Mateus de. Suicídio: contribuições de Émile Durkheim e Karl Marx para a compreensão desse fenômeno na contemporaneidade. Aurora, Marília, v.11, n. 1, p. 119-138, Jan./Jun., 2018.

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2019. Disponível em: <https://antrabrasil.org/>. Acesso em 27 maio 2019.

ATAÍDE, Marlene Almeida de. Um diálogo com a história oral: limites ou possibilidades de se fazer pesquisa qualitativa?. 2016. Revista Sinais.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. v. 27, p.46-60, 2011.

BAPTISTA, Mauro Rocha. Notas sobre o conceito de vida em Giorgio Agamben. Profanações, v.1, n.1, p.53-74, jun. 2014.

BOURIS, Alida; EVERETT, Bethany G; HEATH, Ryan D. et al. Effects of victimization and violence on suicidal ideation and behaviors among sexual minority and heterosexual adolescents. LGBT Health. v.3, n. 2, p.153-61, 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466. Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. Diário Oficial da União. 12 dez. 2012.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Apoio à Gestão Participativa, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Informe Técnico Institucional. Saúde da população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Rev. Saúde Pública. São Paulo, v.42, n.3, p.570-73, jun., 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. O que são IST? Disponível em <<http://www.aids.gov.br/ptbr/publico-geral/o-que-sao-ist>> Acesso em 28 maio 2019.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Cidadania. Violência LGBTfóbicas no Brasil: dados da violência/ elaboração de Marcos Vinícius Moura Silva – Documento eletrônico – Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

BRASIL. Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2013. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2016.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARMO, Michelly Eustáquia do. GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. Cadernos de saúde de pública. 2018. Cad. Saúde Pública 2018; 34(3).

CARAVACA-MORERA, Jaime Alonso; BENNINGTON, Michael; WILLIAMS, Charmaine et al. Contemporalis homo sacer: obstáculos para acceder a los servicios de salud para las poblaciones trans. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v.26, n.3, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. Resolução CEFESS - 489/2006. Estabelece normas vedando condutas discriminatórias ou preconceituosas, por orientação e expressão sexual por pessoas do mesmo sexo, no exercício profissional do assistente social, regulamentando princípio inscrito no Código de Ética Profissional. Brasília, 03 de junho de 2006.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. Resolução CFESS - 615/2011. Dispõe sobre a inclusão e uso do nome social da assistente social travesti e do(a) assistente social transexual nos documentos de identidade profissional. Brasília, 8 de setembro de 2011.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. Resolução CFESS - 845. Dispõe sobre atuação profissional do/a assistente social em relação ao processo transexualizador. Brasília, 26 de fevereiro de 2018.

CORRÊA, Bruna Ferreira. Serviço social e direitos humanos. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/130475> Lume Repositório Digital UFRGS. Acesso em: 09 maio 2019.

CORRÊA, S. O. E MUNTARBHORN, V. (orgs.). Princípios de Yogyakarta: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Disponível em: http://www.clam.org.br/pdf/principios_de_yogyakarta.pdf >. Acesso em: 20 junho 2019.

CUTTER, Susan L. A ciência da vulnerabilidade: modelos, métodos e indicadores. Revista Crítica de Ciências Sociais, 93, Junho, 2011, pp. 59-69.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema de saúde pública. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.11, sup., p.1163-78, 2007.

DEWES, João Osvaldo. Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição de métodos. 2013. Monografia (Bacharel em Estatística) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DUARTE, Marco José de Oliveira. Diversidade sexual, políticas públicas e direitos humanos: saúde e cidadania LGBT em cena. *Temporalis*, Brasília, v. 14, n. 27, p.77-98, jan./jun. 2014.

DURKHEIM E. O Suicídio – Um Estudo Sociológico. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1982.

FACCHINI, Regina. Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Assassinatos de travestis e "pais de santo" no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. *Saúde debate*, Rio de Janeiro, v.37, n.98, p.485-92, set., 2013.

GLAAD. Media Reference Guide 2016. New York e Los Angeles, 2016. Disponível em: <https://www.glaad.org/reference>. Acesso em 27 maio 2019.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Rev. Katál.*, Florianópolis, v.10, n. esp., p. 83-92, 2007.

HAAS, Ann P.; LANE, Andrew. Collecting sexual orientation and gender identity data in suicide and other violent deaths: A step towards identifying and addressing LGBT mortality disparities. *LGBT Health*. v.2, n.1, p.84-7, 2015.

HATZENBUEHLER, Mark. The social environment and suicide attempts in lesbian, gay, and bisexual youth. *Pediatrics*. v.127, n.5, p.896-903, 2011.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília: UFG, 2012.

JUNQUEIRA, Rogério. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades*, Natal, vol.1, n.1, p.145-65, jul./dez. 2007.

KAZTMAN, R. et al. Vulnerabilidad, activos y exclusión social en Argentina y Uruguay. Santiago do Chile: OIT, 1999 (Documento de Trabajo, 107).

LAURETIS, Teresa. **A tecnologia do gênero**. 1987. Disponível em: <marcoareliosc.com.br/cineantropo/lauretis.pdf>. Acesso em: 29 out. 2019.

LYTLE, Megan C.; DE LUCA, Susan M.; BLOSNICH, John R. et al. Associations of racial/ethnic identities and religious affiliation with suicidal ideation among lesbian, gay, bisexual, and questioning individuals. *J Affect Disord*. v.1, n.178, p.39-45, 2015.

MARSHALL, Alexandra. Suicide Prevention interventions for sexual & gender minority youth: An unmet need. *Yale J Biol Med*; v.89, n.2, p.205-13, jun., 2016.

MARX, Karl. Sobre o suicídio. Rio de Janeiro: Boitempo Editora; 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MELLO, Luiz; BRITO, Walderes; MAROJA, Daniela. Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: notas sobre alcances e possibilidades. Cadernos Pagu, Campinas, n.39, p. 403-429, jul./dez. 2012.

MENEZES, Moisés Santos; SILVA Joilson Pereira. Serviço Social e homofobia: a construção de um debate desafiador. Rev. Katálysis, Florianópolis, v.20, n.1, p.122-129, jan./abr. 2017.

MINAYO, Marília Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11.ed. São Paulo: HUCITEC: Rio de Janeiro: ABRASCO, 2011.

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. Soc. estado., Brasília, v.25, n.2, p.225-250, ago. 2010.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo memória, e identidade. *História Oral*, n.6, jun 2003, pp.9-25.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Constituição da Organização Mundial da Saúde. Documentos básicos, suplemento de la 45a edición, octubre de 2006. Disponível em: http://www.who.int/governance/eb/who_constitution_sp.pdf. Acesso em 28 maio 2019.

ORTIZ-HERNANDEZ, Luis; VALENCIA-VALERO, Reyna Guadalupe. Desigualdades em saúde mental associada com a orientação sexual em adolescentes mexicanos. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.31, n.2, p.417-30, fev., 2015.

PERUCCHI, Juliana; CORRÊA, Carla Gomes. Uma análise psicossocial de experiências de violência homofóbica vivida por jovens LGBT no período escolar. Nova perspect. sist. v.22, n.46, p.81-99, 2013.

PINEDA-ROA, Carlos Alejandro. Factores asociados con riesgo de suicidio de adolescentes y jóvenes autoidentificados como lesbianas, gays y bisexuales: estado actual de la literatura. Rev Colomb Psiquiat., Bogotá, vol.42, n.4, p.333-49, sep./dic. 2013.

PRADO, Elizabeth Alves de Jesus; SOUSA, Maria Fátima de. Políticas públicas e a saúde da população LGBT: uma revisão integrativa. Tempus, Brasília, vol.11, n.1, p.69-80, jan./mar. 2017.

REIS, Toni., org. Manual de Comunicação LGBTI+. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

REISNER, Sari L.; WHITE, Jaclyn M.; BRADFORD, Judith B. et al. Transgender health disparities: comparing full cohort and nested matched-pair study designs in a community health center. *LGBT Health*. v.1, n.3, p.177-184, 2014.

RESENDE, Livia da Silva. Homofobia e violência contra população LGBT no Brasil: uma revisão narrativa. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Saúde Coletiva) – Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16212/1/2016_LiviaDaSilvaRezende_tcc.pdf. Acesso em: 28 maio 2019.

ROCHA-BUELVAS, Anderson. El riesgo suicida y los significados de las minorías sexuales: un nuevo reto para la salud pública. *Rev. Fac. Med.* v.63, n.3, p.537-44, 2015.

RODRIGUES, Marta M. Assumpção. Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 698-713, dezembro 2009.

ROSA, Aruanã Emiliano Martins Pinheiro. A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e a liberdade de orientação sexual: interpretação do caso brasileiro. I Seminário Internacional de Ciência Política Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Porto Alegre | Set. 2015.

SAMPAIO, Juliana Vieira; GERMANO, Idilva Maria Pires. Políticas públicas e crítica queer: algumas questões sobre identidade LGBT. *Psicol. Soc.* [online]. Vol.26, n.2, p.290-300, 2014.

SANTOS, Juliana Oliveira; KRAWCZAK, Kaoanne Wolf. O homo sacer transexual e travesti: uma análise biopolítica dos direitos humanos de transexuais e travestis e a produção da vida nua. I Congresso Nacional de Biopolítica e Direitos Humanos, [S.l.], jul. 2018. Disponível em: <<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conabipodihu/article/view/9352>>. Acesso em: 09 maio 2019.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v.31, n.5, p.538-542, out., 1997.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SWANNELL S, MARTIN G, PAGE A. Suicidal ideation, suicide attempts and non-suicidal self-injury among lesbian, gay, bisexual and heterosexual adults: Findings from an Australian national study. *Aust NZJ Psychiatry*. 2016 fev; 50 (2): 145-53.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e Tentativas de Suicídio em Adolescentes com Práticas Sexuais Hetero e Homoeróticas. *Saúde Soc.* São Paulo, v.21, n.3, p.651-667, 2012.

TOMICIC, Alemka; GÁLVEZ, Constanza; QUIROZ, Constanza et al. Suicidio en poblaciones lesbiana, gay, bisexual y trans: revisión sistemática de una década de investigación (2004-2014). *Rev. méd. Chile*, Santiago, v.144, n.6, p.723-33, jun., 2016.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Pública*, v.39, n.3, p.507-14, 2005.

VIANNA, Cláudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n.3, p.791-806, jul./set. 2015.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v.22, n.44, p.203-20, ago./dez. 2014.

ZANATTA, Elisangela Argenta; FERRAZ Lucimare; KLEIN, Marson Luiz et al. Descobrir, aceitar e assumir a homoafetividade: situações de vulnerabilidade entre jovens. *Rev. pesquis. cuid. fundam.* [online]. vol.10, n.2, p 391-398, abr./jun. 2018.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título: “NARRATIVAS DE VIDA DA POPULAÇÃO LGBT:
COMPORTAMENTO SUICIDA EM DIFERENTES GERAÇÕES”

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: “Narrativas de vida da população LGBT: comportamento suicida em diferentes gerações” que tem como objetivo analisar narrativas de pessoas LGBT em relação ao comportamento suicida. Esta pesquisa é realizada pela professora Nadja Cristiane Lappann Botti e pela pesquisadora Lidiani Vanessa da Silva, do Mestrado Acadêmico em Enfermagem, da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), campus Centro Oeste Dona Lindu. É importante saber que no mundo o suicídio é uma epidemia silenciosa. São poucos os estudos sobre o comportamento suicida entre pessoas LGBT, por isto, a sua participação é muito importante. Ressaltamos que sua colaboração nos ajudará a compreender o significado do comportamento suicida para pessoas LGBT de acordo com as diferentes gerações e identificar suas divergências e/ou convergências de significado. Sua colaboração, no entanto, é voluntária sendo assim garantimos total liberdade para que você não participe da pesquisa ou encerre a participação em qualquer outro momento. Caso aceite, você participará de uma entrevista com a pesquisadora, respondendo a perguntas relacionadas sobre comportamento suicida. Afirmamos que todas as informações coletadas na entrevista serão utilizadas exclusivamente para estudo científico, sem qualquer prejuízo em termos de autoestima, prestígio e/ou aspectos econômicos. Os pesquisadores manterão os dados arquivados durante um período de 5 anos a partir da data da aplicação das entrevistas e após este tempo serão destruídos. Garantimos que os dados serão tratados com segurança para garantir a confidencialidade e sigilo da pesquisa. Afirmamos que as respostas da entrevista serão confidenciais mantendo, assim, o anonimato e que os participantes terão liberdade de retirar o seu consentimento a qualquer momento e, portanto, retirar-se da pesquisa. Ainda asseguramos que o nome do entrevistado não será identificado em nenhum momento, pois as entrevistas serão identificadas através de nomes fictícios definidos pelo próprio entrevistado ao final da entrevista. Como medidas que garantam a privacidade e individualidade durante a coleta, os entrevistados irão responder a entrevista em local privativo (definido pelo próprio entrevistado). Os resultados da pesquisa serão divulgados em eventos científicos e/ou publicados em revistas científicas da área. Informamos que os riscos decorrentes da participação nesta pesquisa são decorrentes da possibilidade de constrangimento ou desconforto ao responder os questionários da pesquisa ou ainda, à quebra de sigilo e confidencialidade dos dados coletados no caso de identificação de risco de suicídio. Para minimizar esses riscos, o pesquisador adotará a seguinte medida: Garantia de oportunidade de esclarecer as dúvidas quantos às questões a serem abordadas previamente, tendo a liberdade de não participar do estudo e responder às mesmas. Além disso, em caso de identificação de risco de suicídio será realizada avaliação do risco e acompanhamento psicológico, pelos

psicólogos Welker Marcelo Moura – CRP 04/44999 e Michele Mariano Rodrigues – CRP 04/44609. Portanto, mediante às medidas de prevenção adotadas, os riscos da sua participação nesta pesquisa são considerados mínimos. Ainda assim, caso ocorra algum dano não previsto, será garantida a indenização em relação aos mesmos, garantida pelos pesquisadores do estudo. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será elaborado em duas vias, sendo assinadas por você e a pesquisadora responsável. As páginas serão rubricadas por ambos. Será garantido ressarcimento financeiro caso haja despesas com transporte ou alimentação, decorrentes da sua participação neste estudo. Você ficará com uma cópia deste Termo e em caso de dúvida (s) e/ou outros esclarecimentos sobre esta pesquisa, poderá entrar em contato, a qualquer momento, com as pesquisadoras ou com o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Campus Centro Oeste Dona Lindu: Rua Sebastião Gonçalves Coelho, 400 – sala 301, Bloco C –Bairro Chanadour – Divinópolis/ MG. Telefone: (37) 3690-4489.

Eu, _____, li e entendi este Termo, tive a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas com a pesquisadora, e concordo com minha participação na pesquisa referida acima.

_____, ____/____/_____
Assinatura e data

Pesquisadora 1:

Nadja Cristiane Lappann Botti – Telefone: (37) 3221-1267

Pesquisadora 2:

Lidiani Vanessa da Silva – Telefone (37) 98812-6234.

Rua Sebastião Gonçalves Coelho, 400. Bairro Chanadour, Divinópolis MG – CEP 35501-296.

Eu, Lidiani Vanessa da Silva, como pesquisadora responsável por aplicar esse Termo, obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido dos sujeitos da pesquisa ou representante legal para a participação na mesma.

_____, ____/____/_____
Assinatura e data

APÊNDICE B

Narrativas dos participantes da geração Z:

Maria, 19 anos, negra, mulher trans, solteira, ensino superior em curso, estagiária, à tarde numa universidade pública no final de março, 7 min 6 seg.

Eu tenho 19 anos, sou filha única de uma família de pobre, meu pai e minha separaram quando eu tinha oito anos, e eu moro com minha mãe, né? Eu sou uma pessoa trans, há mais ou menos um ano comecei a transição, e foi um processo bem difícil que eu passei, que levou anos para amadurecer essa ideia de quem eu era, e de como seria ser essa pessoa. Há um ano eu entrei pra faculdade e tamo aí. O suicídio entre a população LGBT é muito triste, mas uma realidade muito sólida, né? E convive com essa situação diariamente, né? Mediante tantas violências que passa, as pessoas são expulsas de casa quando se trata da questão trans, né? As vezes torna mais intenso quando não encontra oportunidade de emprego, né? 90% da população trans tá na prostituição. Então tipo, tá vivendo a violência da rua, as vezes expulsa de casa, a expectativa de vida também que é 35 anos na população trans. Então nesse contexto assim é uma realidade dura que a gente enfrenta hoje em dia. E varia de especificidade para especificidade, né? A pessoa LGBT cada sigla vai ter sua especificidade diferente. Eu nunca tentei o suicídio, mas sim já pensei. Então minha descoberta foi muito complicada por mais de dois anos amadurecendo essa ideia. Eu particularmente sempre tive a perspectiva de quem eu era, só que ficava escondido sabe, muito escondido porque não podia sair. Então quando isso se deu, que eu costumo falar que eu não escolhi a transição, foi uma coisa que ou você vai ou você vai, sabe? A angústia, a dor de tá vivendo aquilo que você não é; tanto que a gente fala, a gente não escolhe, a gente só vai. E quando eu fui amadurecendo essa ideia eu tava com um contexto familiar bem difícil, passando problemas com minha mãe, problemas com meu pai, em todos os sentidos. E aquela coisa também de adolescência, sabe? Que querendo ou não pra qualquer pessoa é complicada, a gente acaba indo pra esses mundos, sabe? Tendo que achar maneiras de sobreviver a essas expectativas, a essas estatísticas, né? Porque a estatística vai te levar pra esse rumo, o suicídio, você sendo uma pessoa LGBT, sendo negra, então foi isso; foi uma sobrevivência até o sentido do meu nome porque tinha todo um contexto pra dar errado e tamo aí na luta pra sobreviver.

Hum! Prevenção do suicídio? Um acesso, né? Um acolhimento, né? As pessoas serem menos preconceituosas, né? Terem mais entendimento que nós, por a gente ser assim, que a gente não mereça ter uma família, né? Ter acesso a emprego, estudo digno, acesso as coisas básicas da sociedade. Eu quero é realizar meus sonhos que é formar e construir alguma coisa benéfica dentro do meio acadêmico, tanto que é por isso que eu quero mudar de curso, porque eu entrei aqui com uma cabeça muito pequena, tipo (Pausa) querer fazer isso e parar; e agora eu vejo que eu quero mais, eu quero crescer, sabe? Quero construir coisas, quero construir lutas, discussões; isso me motiva muito e construir uma família me motiva muito. É isso. Igual eu já disse é uma realidade inegável que a gente enfrenta, né? Isso vai variar com cada contexto, com cada pessoa; se a pessoa é negra, LGBT, vai ser diferente; se é mulher, LGBT, negra; se é uma pessoa trans, vai ser diferente, se é uma pessoa bi. E as opressões vão levar a esse triste fim, muitas vezes. É igual eu falei, é a conscientização para que as pessoas não sejam levadas pra margem, que não continuem sendo jogadas pra margem.

Sofia, 19 anos, branca, lésbica, solteira, ensino superior em curso, estudante, à tarde numa universidade pública no início de abril, 6 min 37 segs.

Eu sou uma adolescente, posso dizer assim porque eu sou mais nova, né? Eu vivo muito, eu tenho na arte uma forma de escapatória pra eu expressar tudo aquilo que está guardado dentro de mim. Eu gosto de fazer poesia, eu sou poeta e gosto de tudo relacionado a história, filosofia, gosto das questões de militância, estar por dentro da política também. Enfim gosto disso mesmo de viver da arte e buscar conhecimento sempre, tanto conhecimento material, tipo acadêmico; quanto conhecimento próprio. E eu me identifico como uma mulher lésbica. Eu conheço pessoas próximas de mim que já tentaram o suicídio. Eu posso falar das minhas vivências também? Eu também já tentei algumas vezes. É isso! (Pausa) porque os meus pais até hoje não lidam bem como a questão da minha sexualidade e as vezes isso pesa muito pra mim. Hoje até menos, porque eu tô tendo um autoconhecimento maior da minha pessoa e isso faz a gente ter uma autoconfiança maior, mas antes era muito mais forte e nítido essa questão.

Eu acho que a prevenção do suicídio é questão do acolhimento, porque inclusive, a minha vivência e a vivência dos meus amigos próximos é que tem muita essa questão de não encontrar apoio familiar, mas mesmo a gente sabendo que tem gente que passa pelas mesmas coisas que a gente, a gente acaba se sentindo sozinho, muito sozinho na sociedade, porque além da pressão familiar, tem a pressão social; aí a

gente acaba se fechando e não tendo segurança pra falar muito sobre isso. Acho que trabalhar essa questão de falar sobre isso, de bater na tecla de que a gente precisa buscar ajuda profissional, pra que a gente não pode ficar calado; seria uma forma que deveria continuar existindo, pra evitar esse tipo de coisa. E eu também acho que é mais essa coisa de afetividade, que ninguém solta a mão de ninguém mesmo, porque se sentir sozinha nessa sociedade é muito ruim e quando você também não encontra apoio familiar aí se sente mais perdido ainda, aí você não sabe com quem falar, em quem confiar, aí fica muito difícil confiar em alguém. Meio o que me prende aqui entre aspas, onde eu encontro sentido para viver, é a arte mesmo. Aquilo que eu descobri sendo na arte, porque na arte eu posso ser quem eu sou, sem julgamento nenhum e eu me sinto livre quando eu tô fazendo arte, é quando eu tô fazendo poesia, quando eu tô fazendo teatro. Quando eu entrei na universidade também me senti muito acolhida também; quando eu sento pra conversar com alguém, aqui na faculdade, eu sinto conforto, sabe? É um espaço que além de produzir conhecimento, ele também produz afetividade e faz com que você se sinta mais livre também porque tem muita diversidade, e com a diversidade existe o respeito também dentro da universidade.

Então, eu acho esse tema muito relevante porque eu particularmente nunca vi ninguém falar sobre isso e a população LGBT tem altos índices de suicídios, né? Se for olhar assim, eu não sei, eu não pesquisei mas creio que tenha. E porque além da questão de eu ser uma mulher, porque uma mulher já sofre opressão da sociedade e ser mulher lésbica ainda é pior essa opressão. Eu tento amigas mulheres que são lésbicas e negras, que é ainda é mais difícil pra elas passar por isso, e falar sobre isso, não silenciar, dar voz a população LGBT; é importante até para a gente saber onde recorrer, sabe? As pessoas estão realmente preocupadas com isso; não são aquelas pessoas que falam que é drama, que é mimimi, né? Que não existe homofobia, não existe machismo, não existe racismo.

A menina do black, 19 anos, negra, pansexual, solteira, ensino superior em curso, balconista, a noite numa biblioteca de uma universidade pública no início de maio, 9 min 2 segs.

Eu sou trabalhadora, nervosa, mas que compreende as coisas, tentando continuar os estudos, ajudando em casa. Assim, me considero muito guerreira. Sou pansexual porque sinto atrações por todo tipo de pessoas. Conheço sim duas pessoas LGBT que já tentaram. É muito triste, né? Primeiramente eles tentam pela família não compreender e

não aceitar e eles não tem apoio dentro de casa. E quando você não tem apoio dentro de casa por ser quem você é ou você não poder ser quem você é. Nossa! É muito difícil você querer continuar a viver, porque eu mesma em casa, quando meus pais descobriram que eu ficava com meninas foi muito difícil, eles nunca aceitaram (Pausa). Eles nunca aceitaram e era uma coisa que nem podia tocar no assunto dentro de casa porque eles falavam que eles não iam ter filho assim, que não criou filho pra isso e tal. E acaba sendo muito difícil e não é nenhuma questão de faixa etária dos pais, meus pais são bem novos assim, sabe? Não sei acho que vai cada pessoa mesmo, da construção social e da pessoa deixar de ser ignorante mesmo. Eu nunca tentei, mas já pensei por ser um fardo muito grande e sofrer muito dentro de casa por causa disso, muita humilhação, muito preconceito.

Um dos caminhos que precisa ser feito para prevenir é a conscientização, porque a gente não deixa de ser pessoas por gostar do mesmo sexo ou por não se identificar no mesmo sexo que nascemos. Eu não sei, eu não tenho uma noção assim, eu penso na conscientização mesmo em relação ao respeito porque grande maioria dessas pessoas são religiosas, né? Que seguem Bíblia e tal; e o maior mandamento da Bíblia que Deus fala é: amar a si mesmo como o próximo (Pausa). E amar o próximo como a si mesmo é respeitar. E eles não seguem isso, são totalmente hipócritas, então eu acho que a conscientização é importante. Você me pegou numa época pesada (risos). Porque nossa!. Você vai estudando, vai vendo umas coisas, encaixando uma coisa na outra e vai desistindo totalmente de continuar a viver, mas não é o meu caso. É só que está sendo meio difícil mesmo continuar, principalmente nesse desgoverno, agora. Mas é importante exatamente eu trabalhar essas questões também, que nem eu façominha faculdade, vou ser uma profissional exatamente para ajudar a quem precise e também as pessoas que passaram pelo mesmo que eu ou até pior (pausa). E pras pessoas saberem que elas não estão sozinhas, sabe? A classe trabalhadora também precisa reagir (Pausa). Sabe, eu fiz três tópicos antes de virar o ano pra mim mesma: resistir, lutar e continuar; era pro ano de 2019 mas acho que é pra vida toda. Porque a gente não pode parar e por mais que seja difícil a gente não está sozinho, sabe? Principalmente essas pessoas que tem pensamentos suicidas, eu tenho amigos com pensamentos suicidas e é muito difícil tentar ajudar, mas eles sabem que não estão sozinhos e eles precisam saber que não estão sozinhos, e que as coisas vão melhorar e que a gente precisa resistir porque se a gente escolher desistir aí os opressores vão tá ganhando e a gente não pode deixar isso acontecer. É isso, eu acho.

Narrativas dos participantes da geração Y:

Belo, 32 anos, moreno, gay, solteiro, ensino médio completo, personal Treine e Prof. de aulas de dança, à tarde numa academia em janeiro, 12 min 31 segs.

Olha sou uma pessoa, sou homossexual, e desde criança eu sempre soube o que era. Só que eu era do tipo de pessoa que por ter uma família assim, bem rigorosa, então eu era travado, como todas as crianças são hoje em dia, né? Aliás hoje em dia, elas são até mais, como se diz desde criança a pessoa já sabe que é, então os pais já começam a tentar tirar daquele caminho. Então assim, eu cresci numa família que quando minha mãe engravidou, foi mãe solteira, meu avô queria que ela abortasse de qualquer forma, porque naquela época não podia ter, né? Então assim, eu cresci com aquilo, tive uma certa fase da minha vida que eu fui abusado, tinha 7 anos, então assim, eu sempre cresci com isso, mas não foi isso que incentivou a minha opção sexual. Então assim, depois de mais velho que eu fui ver que eu fico vendo essas lembranças. Então assim, hoje em dia eu sou uma pessoa bem orientada, sei o que eu quero, sei tipo assim, qual é o caminho certo de fazer. Não sou daquelas pessoas que porque sou homossexual vou aprontar. Igual tem muitas pessoas que julgam, porque é homossexual é um homem que tem doença, é aquele que transmite doença, é uma pessoa que leva para o mau caminho e que incentiva as outras a fazer coisas erradas.

Então assim, hoje em dia, a minha mãe, a minha família me idolatra (Pausa). Minha mãe, da minha boca, não sabe que eu sou homossexual então eu acho que por isso, as vezes eu sofro um pouco mais. Eu não tive coragem de chegar para ela contar, minha irmã mais ou menos já falou para ela. Tive um caso na minha família também, da minha irmã mais nova, que começou a envolver, mas só que foi só fogo de palha; ela chegou para minha mãe e falou: Oh! Assim eu gosto de mulher e tal, tal, tal Hoje em dia ela tem duas meninas, e como se diz, mudou tudo. Aí ela foi e falou você também tem um filho viado, isso assim e aquilo outro. Então é coisa chata tipo, eles acham que é viadinho, é bichinha. Então isso acaba atingindo mais a gente, onde vem mais os preconceitos é disso, entendeu? Às vezes é de dentro da própria família, só que hoje em dia com o amadurecimento, como se diz do ser humano, eles vão entender que o gay é um ser humano igual a todos, tem sentimento, pensa, trabalha, corre atrás de seus objetivos, não fica dependendo de ninguém. Então assim, muitas vezes o que a gente

luta é para isso, pelos nossos direitos iguais a todos, porque eu acho que como se diz, apesar de tudo, pagamos as coisas iguais qualquer hetero paga. Então assim, hoje em dia graças a Deus eu sou bem resolvido, tive um relacionamento de 7 anos, morando com a pessoa e hoje inclusive, tipo ela tava morando lá em casa ainda mas tinha 4 meses que a gente tinha terminado, e hoje ela tá mudando (Pausa). Eu envolvi com outra pessoa e minha vida virou PT, emagreci 10 quilos, pensei em suicidar (Pausa). Então eu até achei que quando os meninos me indicou que foi por isso, porque eu tinha até comentado com eles sobre isso. Então assim, pensei várias vezes, emagreci 10 quilos, não tô conseguindo ficar dentro de casa. Hoje mesmo, era para mim ter vindo às duas e meia e eu cheguei aqui era meio-dia e quinze (Pausa) Então assim, tá me abalando, tem coisa que tá me abalando. Então assim, eu preciso procurar ajuda, entendeu? Esse é o momento que eu tô vendo que eu tô precisando realmente. Então assim, esse sou eu de agora que estou vivendo uma coisa com 32 anos que eu nunca passei, nem quando eu sofri preconceito em escola, eu nunca passei por isso que eu estou passando hoje. Então eu acho, assim que as vezes, a gente precisa procurar ajuda, entendeu? A gente não pode ficar com aquilo só pra gente (Pausa). Então, eu sou o tipo de pessoa (Pausa) Você pode perguntar para qualquer um aqui na academia, todos gostam de mim, entendeu? Todos estão ali a minha volta para poder ajudar, então assim, eu me culpo muito, eu me cobro muito, entendeu? (Pausa) Quero aquelas coisas certas, quero aquilo certo, eu não gosto de fazer as coisas erradas, tento fazer o máximo certo. Então esse sou eu, só que de uma forma que eu nunca me senti, uma forma que hoje em dia eu me olho no espelho e falo assim: Esse não sou eu! Então onde o peso do passado começa a refletir agora também, onde que aconteceu comigo com 7 anos vem tudo à tona, onde a cabeça da gente fica a mil (Pausa). É onde leva muitas pessoas a cometer suicídio (Pausa). Então assim, eu pego muito com Deus, ajoelho e rezo para mim não fazer isso (Pausa). Porque já tive muita fraqueza. Já cheguei um tempo que eu mandava mensagem, para minha mãe, para os amigos, pedindo desculpa, perdão, para fazer essas coisas. Foi onde um amigo chegou e começou a conversar comigo. Ele ficou lá em casa, dormiu e falou: eu não vou sair daqui enquanto você não descansar. Então assim, eu não queria me ver nessa situação, é uma situação péssima. Você não dorme, você fica ansioso, fica com aquela angústia (Pausa). Eu não quero comer, mas eu venho trabalhar, tipo é o que me guarda um pouco é vir para academia, porque aqui eu converso com as pessoas e eu dentro de casa, só ali aquele trem, vou para um lado, vou pro outro, não vejo nada, não quero ver

televisão. Então eu quero buscar refúgio em outras coisas, mas a hora que eu sair daqui, que vou embora para casa é onde tudo começa.

Assim, eu tive um amigo, assim amigo pela internet, que foi muito divulgado. Ele postou um vídeo dele despedindo do pessoal e ele cometeu suicídio (Pausa). Mas isso hoje em dia a gente vê muito, não ao redor da gente, mas no geral, a gente vê muito que o pessoal posta e divulga (Paua). E como eu sou um pouco envolvido no meio LGBT, porque eu sou Mister de três cidades da região. Então assim, a gente participa de muitas reuniões, então é onde tem muito disso, eles contando os casos de pessoas que cometeu porque os pais não aceitam, a família julga, expulsam de casa (Pausa). Então o que acontece mais hoje em dia é que os pais não apoiam, não aceitam (Pausa). Não é questão de apoiar, é aceitar porque não é uma coisa que eu quero! Eu no meu caso, se fosse para mim escolher, eu preferia ter uma família normal: pai, mãe e filho, eu não ia escolher viver num mundo de preconceito que quando você passa eles apontam o dedo e falam olha lá o viadinho! Então assim, não é uma coisa de escolher, então acho que os próprios pais, eles levam os filhos a fazer isso de cometer o suicídio. Como eu te disse, eu já tentei, já pensei, é como um refúgio que será quando você vai ficar livre de tudo, você não vai ter problema, pode deixar problema, mas você não vai ter problema mais, você não vai ter um olhar torto para você, você não vai ter uma crítica para você, você não vai ter família te rejeitando, entendeu? Então assim, eu acho que é um recurso, um refúgio que todas as pessoas que passa por isso, do meio LGBT, é o único recurso que eles acham que tem é esse. Olha (Pausa). Um dia, eu tava sentado, eu já tava olhando para o lugar, imaginando de amarrar uma corda, e fazer isso, entendeu? Foi onde eu comecei a chorar, me lembrar da minha família, das pessoas que gostam de mim, onde eu fui rezar e pedir a Deus pra tirar esses pensamentos de mim (Pausa). Três dias, eu acordei, aliás nem dormi, eu deitei e consegui tirar um cochilo, então era a hora que tinha que vir trabalhar, então eu acordei, eu levantei com aquele aperto no peito, aquela vontade, aquele desespero, aquele trem doido e só imaginando eu ir lá na cozinha, pegar a faca e passar onde fosse mais rápido. Só que a minha fé ainda tá conseguindo tirar isso.

Eu acho que além do apoio da família, a gente poderia ter mais apoio tipo do governo, tipo buscar mais o meio LGBT para participar de palestras com assistente social, com todas as pessoas que possam ajudar o meio LGBT. Porque querendo ou não, esse meio é um meio assim que é deixado de lado, entendeu? Então assim o que tá faltando é um apoio do governo. Minha família é base de tudo pra mim. Assim eu acho

que consegui expressar tudo que eu precisava falar para uma pessoa de fora ver realmente uma realidade do LGBT: o preconceito, a gente ser deixado de lado, falta do apoio da família, não só da família, mas também dos amigos, que às vezes, quando descobre, dá aquela afastada. Então eu acho assim, não tem que discriminar, mas aceitar! (Pausa) E se eu fico com homem, o que isso que tem a ver com outro homem, entendeu? Se eu vou casar, quem vai ser feliz? Vai ser eu e a outra pessoa que eu tô casando. Quem vai aceitar? Sou eu e ela, não vai ser o outro, o hetero que vai aceitar. Então assim, é uma relação que vai viver só os dois, não vai ser três; então eu não sei porque tanto preconceito, principalmente do homem, do meio LGBT.

Pequeno Príncipe, 30 anos, negro, gay, solteiro, ensino superior completo, enfermeiro, à tarde na sua casa em janeiro, 14 min 8 segs.

Eu sou Pequeno príncipe, uma pessoa muito extrovertida, sou muito família, tenho vários amigos, sou uma pessoa muito bacana de lidar, muito fácil de lidar. Sou homossexual, gosto de meninos e não tenho barreiras nenhuma e nem dificuldade nenhuma de assumir isso. Graças a Deus hoje em dia tenho pé muito firme no chão da minha orientação, do que eu sou e do que eu gosto. Trabalho, sou muito bem resolvido no meu trabalho, e em âmbitos de amigos e de família todo mundo sabe, assim é uma coisa que eu não tenho o porquê de esconder hoje em dia. Não que eu escondi algum dia mas hoje eu acho tudo muito mais fácil, a relação entre eu e família, amigos, é tudo muito mais fácil hoje. Eu me defino como uma pessoa normal que gosta de uma pessoa do mesmo sexo. Ah! Hoje sou mais tranquilo assim, do que eu era antes (Pausa) eu era bem mais promiscuo que hoje mas hoje eu sou uma pessoa mais centrada, nesse ponto. Então, eu não conheço quem se matou não. Mas eu conheço pessoas que já tentou suicídio, por alguns momentos, em termos de orientação sexual. Eu falo que é muito difícil para nós que somos homossexuais, lésbicas, trans, enfim, é muito difícil a aceitação e o assumir perante a sociedade. Eu penso que, por muita das vezes quando a gente vai se assumir, em casa que é o mais difícil, eu acredito que assumir para as pessoas, os colegas, as pessoas da rua, seja mais fácil porque acaba que as pessoas te acolhem mais porque não é dentro de casa. A partir do momento que você passa por um tempo, por um período que parece que está te prendendo, você precisa se aceitar em casa, se assumir em casa. E acaba que as pessoas que tem que te acolher primeiro são seus pais, né? A gente aprende desde criança a sempre contar coisa para os pais primeiro, né? Os pais sempre fala: você tem que me contar as coisas, não me esconde

nada, não esconde nada. E a partir do momento que você conta para eles, e eles fecha a porta, vamos supor assim, não aceitam, que tinha que ser as primeiras pessoas, que tinham que te acolher, te abraçar, acaba que muita das vezes as pessoas tentam suicídio. Porque o pai não aceita, o pai põe pra fora de casa, os pais não quer aceitar seu filho devido essa orientação dele. Então acaba que o filho ou a pessoa naquele momento, ela não tem um refúgio que tava procurando, que era o acolhimento do pai, que era o acolhimento da mãe, né? Dentro de casa. Então eu acredito que a gente fica totalmente é conturbado nesse momento. Então, o que eu penso é que é o caminho que eu tenho, se o meu refúgio que é meus pais, na minha casa, as pessoas que vão me proteger não me aceitam, por que eu vou viver nesse mundo? Para quê que eu tô nesse mundo então? Então a gente tenta suicídio mesmo. Assim, eu já conheci pessoas que tentaram nesse ponto, não só pessoas, eu também, no meu início também foi assim. Sabe no meu início foi bem difícil, foi bem complicado. Então eu além de tentar, meu pai mesmo tentou me matar três vezes (Pausa). Então assim, foi bem complicado! A aceitação em casa, eu acho que é o que mais pega, acho que para todos os LGBTs o que mais pega é a aceitação em casa, dentro de casa. É uma coisa muito complexa, sabe? O suicídio realmente não é uma coisa muito falada, não é uma coisa muito vista, quando você ouve falar, eu acho assim é pouco ainda. Até o próprio suicídio que não seja LGTB, você acaba nem ouvindo falar muito, ouve falar quando está na semana que tem aquelas campanhas. Igual eu converso muito com o pessoal onde eu trabalho que existe muito suicídio e a gente nem fica sabendo. A gente sabe quando ocorre alguma campanha que começa a falar, ou se você procura, se você vai ler alguma coisa aí que você descobre. Então assim, o suicídio e a morte entre LGBT poderia ser mais falado? Talvez sim, talvez não, tipo respaldo, tipo por respeito, porque talvez esse preconceito, que ainda existe muito ainda, talvez seja até isso que as pessoas não falam, as pessoas não demonstram, mas existe? Existe muito, muito! O Brasil é acho que é o país que tem mais índice de mortes LGBTs. Então acaba que as pessoas não sabem disso, não tem essa orientação, né? Não tem esse conhecimento. Então deveria ser falado? Sim, mas infelizmente ainda existe uma barreira muito grande para passar por ela, para acabar um pouco com esse preconceito, mas que querendo ou não tá acabando, graças a Deus já deu um grande passo. Mas ainda vai existir, e talvez trazer mais ao público sobre isso, sobre essas mortes, sobre esses suicídios, trazer para a população ver que existe, sabe? Porque eu acho que só assim as pessoas vão ter mais noção sabe disso do que tá acontecendo.

Olha eu vi esses dias, eu não tô lembrando certamente o nome do programa, existe um programa, não sei se é “mães LGBTs”? “mães alguma coisa”. Eu li um pouco e achei super bacana em trazer isso para casa, tipo assim, mostrar, porque igual como eu disse, o maior acolhimento tem que ser de casa. E eu acho que isso só diminui a partir do momento que os pais em casa começam entender que ;isso não é uma opção nossa, sabe? Eu deixo isso muito claro sempre quando as pessoas me perguntam se eu escolhi ser gay: eu falo que se eu pudesse escolher, eu queria ser heterossexual, eu queria ser rico, eu queria, sabe? Eu queria ser branco, do olho claro, do cabelo bom, que é o visto melhor da sociedade. Eu queria isso então, e querendo ou não eu não sou assim, eu sou homossexual, eu nasci negro, do cabelo ruim, e daí? Tipo isso não tá mudando meu caráter, de forma alguma, estou muito feliz, assim graças a Deus. Mas eu falo se a minha sexualidade fosse uma escolha, eu queria escolher dessa forma? Não! Então acho que a partir do momento que a família entenda que isso é uma coisa que vem de você, sabe? Você nasce assim! Eu tenho certeza absoluta que eu nasci assim, sabe? Eu não quis escolher. Eu sei que isso iria diminuir bastante, então o primeiro passo tinha que ser em casa, quando o passo começa assim em casa, eu acho que tudo isso sobre o suicídio, sobre a morte, que a gente não se sente sozinho, a gente não se sente desolado nesse momento, então eu acho que tudo passa a ser diferente.

Olha! Hoje eu sou muito realizado, eu completei meus 30 anos. Hoje tá fazendo um mês, tá recente e eu falo que eu completei muito bem realizado, porque hoje eu tenho um emprego que eu sempre quis, onde eu trabalho é um lugar que eu amo trabalhar. Eu passei por uma dificuldade no início muito grande com meus pais, mas hoje eles são meus melhores amigos, eles são meus maiores apoiadores, em tudo. Mas hoje eles são assim por eu mostrar para eles que eu sou normal, que eu poderia trabalhar, que eu poderia estudar, que não seria minha orientação sexual que iria mudar a minha vida, o meu caráter, porque o caráter é igual de todo mundo, sentimento é igual de todos. Então, assim o que me faz viver é saber que eu tenho eles, que eu tenho meus sobrinhos, que eu tenho uma família, meus tios que me amam muito. Eu sei que eu tenho pessoas ao meu redor que sempre me quer bem. Graças a Deus eu sou uma pessoa muito espontânea, muito querida (risos) sério mesmo! O povo falava comigo que quando chegasse aos 30 anos a gente sente uma grande diferença e realmente eu percebi muita coisa boa no decorrer da minha vida, de como eu estou hoje, que eu estou muito feliz, muito feliz assim em estar vivo. Por ter Deus, assim, as pessoas falam comigo muita das vezes sobre religião, e eu falo que eu acho que cada um tem a sua escolha,

cada um tem a sua! (eu sou católico). E falo que Deus nunca me abandonou, porque sempre que eu precisei, que eu pedi, eu consegui as coisas, mas também eu sempre vou e agradeço. Não sei só pedir, mas também sei muito bem agradecer. Então assim, Deus sempre está sempre junto comigo, sabe? Sempre me mostrando maravilhas da vida, como todos altos que a gente conquista, a gente também cai, bate a cabeça no chão, tem uns buracos, tem as pedras para a gente pular, é normal! Mas eu estou muito realizado assim, muito bem, eu acho que o meu viver em família, amigos, trabalho, está em alta na minha vida.

Carlos, 29 anos, pardo, gay, solteiro, ensino médio completo, vendedor, à tarde na sua casa no final de janeiro, 10 min 47 segs.

Eu tenho 29 anos. Olha! Eu me considero um homem, gay, tranquilo na minha, sabe? Reservado! Mas é porque eu sou assim. (Pausa) não porque a sociedade me afetou nesse ponto, mas eu fui sempre uma pessoa reservada desde pequeno. Assim, me considero como homem mesmo, mas também gosto de homem, entendeu? Já conheci um rapaz que trabalhou comigo, numa loja de sapato que uma vez ele foi internado porque ele tentou o suicídio. Ele se cortava nos pulsos porque ele era muito afeminado, mas era o jeito dele de ser, só que ele recebia discriminação, dentro e fora de casa. Aí não aguentava mais e a única saída dele era os amigos que também era do meio, só que querendo ou não sempre tinha alguém para cutucar, mexer na ferida que já tava aberta, né? Aí teve um dia que ele não aguentou, aí se cortou. A sorte dele foi que a vó dele viu, que a vó dele foi visitar no dia, né? Que a mãe dele estava trabalhando e ela viu ele lá no banheiro e conseguiu levar para o hospital. Eu acho que para uma pessoa fazer isso é porque ela já não tá vendo outra saída. Às vezes ela não tem uma orientação de procurar algum psicólogo para tentar lidar com isso, as vezes não tem essa orientação, aí acaba que ela vê no suicídio a única saída para parar com essa dor, essa perseguição e tudo mais. E tipo assim, ao mesmo tempo que eu entendo, eu acho muito triste, sabe? A pessoa recorrer esse ponto? Um caminho sem volta, né? Mas infelizmente eu acho que é a última saída que vê, porque querendo ou não no Brasil, por mais que a gente se considera um país liberal, pra muita coisa, ainda a perseguição é muito grande e uma das maiores perseguições é contra o movimento LGBT. (Pausa) pelo meu jeito de ser, de ser mais tranquilo, nunca me afetou, nunca passou pela minha cabeça. Até então minha família sabe, então quem realmente importa para mim sabe e me aceita do jeito

que eu sou. O resto para mim eu sou blindado, pode brincar, pode zoar, que não me afeta em nada.

Olha! Eu realmente acho que a prevenção deveria começar, por mais que é polêmico isso, mas eu acho que realmente deveria começar nas escolas. Mas não é igual como se fala desse negócio de kit gay. É ensinar a tolerância, ensinar a criança desde pequeno que existe um outro tipo de gênero, não só o mais conhecido, né? Que é homem e mulher hetero, somente. Ensinar a tolerar, ensinar assim, deveria ter alguma penalidade maior para os adultos. Porque tudo começa na brincadeira quando a gente é pequeno, os pais vão brincando e incentivando, querendo ou não a ter preconceito com isso, né? Igual um pai, homem assim que tem essa mania, né? Ainda mais quando o filho fica brincando. Ah! Não brinca de boneca não, não faz isso não, que não é coisa de homem não. Aí aquilo vai martelando na cabeça da criança, aí às vezes uma pessoa cresce, ela é gay mas por ela ter tido uma experiência muito forte preconceituosa por parte de parentes, ela fica como a gente, diz gay incubado, entendeu? Vira uma pessoa violenta, uma pessoa que tem aquele desejo interno, mas não consegue passar pra fora, vira aquele ser humano horrível que a gente sempre fala. Então acho que se mudasse desde pequeno a educação de hoje, né? Porque os que tá adulto eu acho que não tem muito conserto, mas se mudasse hoje o jeito que as crianças já começam a ver, daqui uns dez, quinze anos não teria essa bobagem, entendeu? E também mudar um pouquinho pro nosso lado, a gente se expor um pouco menos. Te dou o exemplo do carnaval, da parada gay. Sabe? A parada gay de São Paulo, minha tia vai demais, ela não é gay, ela é hétero, mas ela adora o meio gay. Ela falou que antigamente ela ia porque realmente a causa era nobre e tudo mais (Pausa). Continua, mas a grande maioria vai lá pra farra, pra fazer sexo, pra tudo; e o que a gente no meio gay vê é tudo isso. A gente recebe vídeo de cada ano que passa, a putaria está maior digamos assim, perdão pela expressão, mas se mudar isso um pouquinho já ajuda bastante.

Olha! Geralmente o sentido para viver é o básico, o que todo mundo tem, que é construir alguma coisa baseado no sonho que a gente tem, né? E viver aquele sonho, o meu ainda é o simples, é ter minha casa, meu carrinho, poder passear, porque eu amo viajar, né? Então tipo assim, eu prefiro muito mais uma viagem que ter dinheiro para ir para uma balada, por exemplo; juntar aquele dinheirão todo tipo de Camarote para ir no rodeio, por exemplo. Eu prefiro juntar esse dinheiro e ir para uma praia. Então o meu sentido é sempre ter essas condições de fazer o que eu quero (Pausa) Tô correndo atrás de ter a minha casinha; ter o meu carro; sempre que eu quiser poder sair, viajar; eu

conseguir ter uma pessoa, porque eu já fui, eu morei junto com uma pessoa durante cinco anos e eu não gosto muito de farra, sabe? Eu gosto de ter alguém do lado, então o intuito é esse, tipo assim, passear, conhecer gente nova, às vezes encontrar uma outra pessoa que faça mais sentido ainda pra vida e viver com essa pessoa. Não tenho pretensão de ter filho porque mal cuido de mim, não tem muita paciência, mas encontrar uma pessoa assim eu acho bacana.

Olha! Eu acho tipo assim, muito válido realmente as pessoas focarem nesse assunto, que por mais que esteja na mídia, eu vou citar um exemplo daquele programa da Globo, Amor e Sexo, que aborda muito, acho isso muito válido as pessoas tem que ver esse lado por outros olhos, tipo assim, tem que deixar de ver o gay, sapatão, o veado; que os heteros costumam dizer. Não é isso, é só um ser humano que escolheu uma coisa, não é que escolheu, é que ele sente uma coisa diferente do que ele está acostumado. Porque a própria Bíblia diz o que é o certo e o que errado, entendeu? É polêmico falar isso, mas eu não acredito que é só aquilo, entendeu? É o que te faz feliz, você tem que viver de acordo com que te faz feliz. Então se aquilo te faz feliz e não prejudica ninguém ao redor, então porque uma outra pessoa tem que encrencar com aquilo, entendeu? Tem que se preocupar com aquilo? Não pertence a vida dela e o máximo que ela tem que fazer é aceitar; que é o que a gente chama de conviver em sociedade, muita coisa que a gente não tolera, a gente é obrigado a aceitar porque cada um tem seu livre arbítrio. E entrando nesse conceito do movimento LGBT, é isso, as pessoas tem obrigação sim de aceitar e deixar aquela pessoa viver em paz; se ela não concorda, saia de perto, não conviva, mas não tem que prejudicar a vida alheia por causa disso, entendeu? Se todo mundo pensasse assim, que é uma coisa simples, tava muito mais tranquilo, o mundo inteiro seria mais tranquilo, entendeu? E teria muito menos morte. Igual hoje, dia 22 de janeiro, acabei de ver duas notícias no Facebook: um cara matou uma travesti, arrancou coração da travesti, o que leva uma pessoa a fazer isso? Entendeu? Eu não entendo! Tá a pessoa pode ser um psicopata, mas porque escolher, sei lá, um travesti? É alguma coisa que já tá interno na cabeça da pessoa para escolher esse alvo em específico, entendeu? Igual eu te falei às vezes é um preconceito desde criança que foi cultivado, aí a pessoa já cresce com aquilo, não sabe como que ela vai ser no futuro um adulto. Às vezes aquilo ali agravou conforme ela foi crescendo, entendeu? Por isso que o alvo foi aquele travesti, e que na briga teve que amputar o braço depois da travesti, entendeu? Eu acho isso assim, o cúmulo do absurdo e infelizmente eu não consigo entender o porquê. Eu acho que é um ser humano que não

evoluiu, não sei, parou em algum momento no tempo ou tem alguma coisa enrustida dentro dele que ele consegue por pra fora. Aí o que ele vai fazer? Agir com violência porque é a única forma que ele tem de expressar, é uma forma errado, é isso que acho.

Rafinha, 28 anos, branco, gay, solteiro, ensino superior completo, Cabelereiro/ Enfermeiro/ Operador de máquinas, à tarde na sua casa no final de janeiro, 7 min 5 segs.

Eu sou Rafinha, uma pessoa normal, como qualquer outra, uma pessoa feliz, né? Eu sou uma pessoa tranquila, uma pessoa humilde, uma pessoa de caráter, trabalhador, uma pessoa amiga, e eu sou homossexual, né? Assumido para toda minha família e eu sou uma pessoa tranquila, uma pessoa para todos os momentos que precisarem estou aí para ajudar. Sim, eu já conheci pessoas que se mataram sim, né? Devido a orientação sexual (Pausa). E que envolveu assim vários fatores para a pessoa chegar no ponto de tá tirando a própria vida. Conheci pessoas legais, né? Pessoas de bem que infelizmente teve um fim trágico. E conheço pessoas que já quase também cometeu isso, né? Tudo isso envolvendo o que? O não aceitação, primeiramente da família, e depois da pessoa, tipo assim, não se aceitar do jeito que é, e não teve uma orientação, um apoio para chegar ao ponto de tirar a própria vida. Ah! Eu penso, né? (Pausa) Uma dó, uma vida, é um ser humano, né? Que merece viver em paz, viver entre pessoas heteros, na sociedade, né? Como qualquer outra pessoa, é isso que eu penso. Posso falar o porquê nunca pensei em suicídio? Nunca, nunca passou isso na minha cabeça, nunca tentei porquê quando eu me assumi, aos 13 anos, eu tive muito apoio da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos, da minha tia, da família. E desde, desde pequeno, que me conheço por Rafinha, eu sempre lutei para conquistar meu espaço na escola, dentro da minha casa, no trabalho, nas ruas, na sociedade (Pausa). Então graças a Deus, hoje eu sou o Rafinha gay aceito e querido por todos. Então por isso que nunca passou na minha cabeça em tirar minha vida, por apoio que eu tenho da minha família, dos meus familiares, estão sempre comigo em tudo que eu faço, então nunca passou na minha cabeça. Porque o sentido maior da minha vida, de viver, é minha fé em Deus, Nossa Senhora; o segundo, é a minha família, né? Que é o meu pilar, que me dá força; e o terceiro é que eu vivo bem, como eu sou, nunca escondi de ninguém, isso pra mim nunca foi um problema, eu sou eu, vivo a minha vida como eu sou.

Bom! Para finalizar penso que o primeiro fato é ele se aceitar, como ele é mas para isso acontecer ele tem que ter um apoio da família, mãe, pai e irmãos. Porque ele

não tendo o apoio da família, a família não apoiando tá abrindo uma grande porta para a sociedade, para a população massacrar essa pessoa devido a forma de vida dela, né? Porque ainda hoje somos vistos como o diferente e a família apoiando a pessoa, dando uma força pra ela, aceitando ela, conversando que ela tem uma vida, ela aceita mais conversar e então não leva ela a tirar a própria vida, mas a família não dando apoio, muitas coisas na rua, droga, prostituição, vai abrir portas pra ela e vai chegando num ponto que a pessoa vai vendo que ninguém aceitando, a sociedade massacrando leva a pessoa a tirar a própria vida porque não aguenta, a pressão é muita, sabe? Então, o que leva uma pessoa a fazer isso é não ter o apoio da família. Assim, as pessoas que eu conheci que já tirou a vida ou que já tentou, a grande maioria é porque a família não apoiar, não aceitar. Ela não tem um apoio, tipo assim vai buscar apoio na rua que não presta, que não é para ela.

P.H, gay, 22 anos, pardo, solteiro, Auxiliar de estoque, à tarde na sua casa no final de janeiro, 6 min 49 seg.

Eu prefiro me identificar como PH, certo? Acho que eu sou uma pessoa bem tranquila, me identifico como gay e sou muito querido por todos, e não vejo motivo para mim fazer essa pergunta: Quem sou eu? Eu sou uma pessoa normal como qualquer uma é hoje em dia, é isso.

Eu tenho um amigo que uma vez o namorado dele sofreu um acidente e veio a óbito. E ele tentou se matar, não por esse fato, mas sim por ele ter medo de não arranjar alguém assim da mesma forma, do mesmo carinho que ele recebia daquele companheiro. E. essa tentativa de suicídio eu entendi que foi esse medo. Eu acho que metade das pessoas que são homossexuais sentem de não encontrar assim um amor, uma aceitação pelo próximo. Coisa que ele tinha demais nesse namorado que ele tinha, né? E por vir a falecer ele perdeu a esperança e tentou suicidar por causa disso. É um número muito alto e eu penso que essa causa é por mais falta de aceitação tanto da família, porque se a família aceita eu acho que você tem uma base, mais firme para você se apoiar e para você crescer na vida. Então quando você chega em casa que você não tem pai, que você não tem uma mãe pra tá te esperando e mesmo irmão, tio, tia, resumindo a família; você não tem aquele apoio, então não tem sentido de voltar para casa (Pausa). E com quem você vai contar a não ser a família? Não tem jeito de contar com o mundo que hoje em dia o mundo é bem terrível, não só para gay, mas para negros, brancos e até para qualquer um. Então acho que se não tem família não existe

essa segurança pra viver. Eu nunca tive esse pensamento, por causa que acho que viver vale tanto a pena, então nunca cheguei a esse pensamento.

Eu acho que ajudaria mais o governo é implantando programas tanto na escola, programas junto com a família, psicólogo a mais, e mais apoio, sabe? Por causa que acho que o governo ajudando tanto na escola, nas famílias, psicólogo e sim uma equipe inteira para tá apoiando, eu acho que mudaria bastante as coisas, pensamento da família. E também até mesmo as igrejas, né? Porque muitas igrejas condena, não aceita, então pela família também está participando dentro de uma igreja eu acho que, tudo condiz a um caminho da não aceitação. Então acho que também é boa parte das igrejas, em geral, mudando a forma de pregar, a forma de bem dizer o próximo, acho que ajudaria bastante também nessa aceitação. Olha! Para mim, as razões que tenho pra mim viver é a minha mãe, por causa que desde o início minha mãe sempre me aceitou, desde o início minha mãe sempre me criou, então uma das razões de eu viver é a minha mãe. Por exemplo, eu já pensei em sair de casa, eu já pensei, sabe? Seriamente em levar minha vida fora, mais uma das maneiras que me segura até hoje em ter esse amor pela vida é a minha mãe, porque ela sempre me ensinou a ter carinho pelo próximo, a viver sempre junto com o próximo, então ela é esse próximo pra mim, então minha razão de viver é essa: esse amor que ela tem por mim.

Eu gostaria de acrescentar assim (Pausa). Que sempre tem algo que a gente pode estar acrescentando. As pessoas GLS, hoje em dia, pelas condições de vida que a gente tem, a gente não deve se segregar. A gente sempre tem que se unir, então todo mundo tem que segurar um na mão do outro e não soltar; não só o gay, a lésbica, mas falo assim o negro, o índio ou até mesmo o branco. A gente não deve se soltar porque a gente tem que ser resistência, né? E não desistência. Então a gente tem que procurar o próximo, a gente tem que procurar maneiras de tá vivendo em união, sem união não dá! Não dá! Porque hoje em dia o mundo tá assim, uma corrente muito forte para o mau, a gente tem que sempre tá unido lutando contra, então acho que a mensagem que eu deixo é a união entre os LGBT e também entre todos que seguram essa causa, que segura essa bandeira, então é a união a única mensagem que eu deixo.

Butterfly, 25 anos, parda, mulher trans, solteira, ensino superior completo, enfermeira, à tarde na sua casa no final de março, 10 min 44 segs.

Me chamo Butterfly, sou uma mulher trans de 25 anos, sou enfermeira; me considero bem resolvida com minha sexualidade, com minha identidade de gênero

também; me considero realizada também com os meus sonhos, o que eu almejei estou conseguindo, tem outros sonhos também que estão vindo no caminho certo; me considero uma mulher trans realizada. Eu estava até lendo essa semana que a minha orientação sexual é o que vem do coração, o que eu gosto, então a minha orientação sexual é homossexual porque eu gosto de pessoas do mesmo sexo que eu. Já minha identidade de gênero é o que eu penso, vem da minha cabeça, o que eu me sinto, o que eu vejo que seria a feminina. Bom! Isso é meio complicado, né? Confunde até a gente que é do grupo LGBT. Conheço pessoas sim que tentou suicídio sim. Ela após a identificação da não aceitação da família, nem do meio de amigos, do meio social, a primeira opção foi tirar a vida. Por não aceitar, teve pessoas que conseguiram, chegaram a via de fato suicídio, deu certo infelizmente. E teve pessoas que foram salvas, por outros amigos que identificaram sinais dessa doença, né? E conseguiram livrar mas teve pessoas que de fato sim, e as pressões maiores foram pela não aceitação maior pela família e pelos amigos. Bom! Creio que a pressão de aceitação da sociedade faz com que as pessoas pensam sim. Nunca pensei em suicídio, mas eu penso da seguinte forma: se eu não me enquadro como a sociedade quer, eu fico marginalizada, que é o que acontece com a maioria das mulheres trans. Homem trans nem tanto, eles são mais absorvidos pela sociedade, porque se comparam aos homossexuais que já passou, a gente já passou dessa época, de que gays não são bem reconhecidos na sociedade já são muito mais aceitos. Agora a gente tá na era de mulheres trans serem aceitas na sociedade. Então quando a gente não enquadra na sociedade, a gente fica se deparando, já vi várias mulheres trans que não conseguem emprego pela sua orientação sexual e pela identidade de gênero (Pausa) E as vezes paro e me pergunto: Eu? Será que por mais que eu tenha títulos e tenha formação. Será que eu vou ser absorvida pelo mercado de trabalho pela minha orientação sexual e minha identidade de gênero? Eu fico meio com receio, mas não é algo que me leve a pensar e a tentar suicídio, mas, eu acredito que a rejeição, a não aceitação social são grandes fatores para população LGBT inclusive meninas trans tentarem suicídio. Mas eu nunca tentei e nem nunca pensei em suicídio, em tentar o suicídio.

Bom! Eu acho que existem poucas portas de entrada, de apoio para população LGBT no meio da saúde. Eu diversas vezes já me deparei com dificuldade, e eu sendo da área da saúde; com dificuldade de ser atendida pelo serviço público de saúde. Eu fui em algumas consultas diversas vezes, com muita dificuldade tive que ir atrás, correr atrás, claro também que a gente não pode deixar para os profissionais, mas a gente

depara com profissionais despreparado para atender a população LGBT. Encontrei, fiz tratamento com um psicólogo da rede pública, que toda hora ele me chamava pelo masculino. E ele, não sei se era alguma estratégia de tratamento dele, alguma tática dele, não sei, mas ele insistia sempre em me chamar pelo masculino, e aquilo foi bem desagradável. Fiz o tratamento enfim, não deu certo para o que eu queria. Aí identifiquei que, depois de muito tempo que esse profissional era extremamente homofóbico, por outras pessoas que conhecia ele, e eu fiquei pensando como uma pessoa dessa tá trabalhando no SUS e atendendo meninas trans, homens trans que estão precisando de atendimento pra prosseguir tratamentos como a retificação de nomes; que antes se pedia, agora não, antes se pedia o laudo. Quando eu fui tratar com esse profissional foi para isso, eu queria retificar meu nome e o juiz queria um laudo psicológico que constatava que eu era uma mulher transexual. Não deu certo por causa desse profissional que não me identificou como mulher trans, mesmo eu sendo trans há mais de quatro anos, tratei com ele já havia formado já; e também o juiz que pegou minha causa também era meio complicado. Então eu vejo que profissionais preparados para atender a população LGBT falta, falta muito, falta muito profissionais. Então, ainda imagino com assuntos delicados quanto a esse de identificar pessoas. Se a população LGBT não é bem atendida, ela não vai se abrir com você, isso é com qualquer profissional, mas a população LGBT já é um pouco (Pausa) sofrida e já carrega o carma de discriminação e reclusão social. Então, a gente já fica mais resguardado quando vai se abrir com um profissional e se você se depara com um profissional que te olha com olhar diferente, com rejeição e que não te atende bem, que não tem empatia, com certeza não vou ser bem atendida, eu não vou abrir e nem vou querer mais esse atendimento. Então, eu prefiro ficar sem atendimento do que ser tratada com um profissional que me trata ruim. Que me trata mal.

Bom! Eu quando me assumi trans, mulher trans, a minha mãe falava pra mim, que eu sempre fui, na minha época, onde eu era homossexual, que eu sempre fui um aluno exemplar, sempre notas boas. Quando eu me assumi trans, minha mãe falou assim: nossa agora você vai acabar, você vai largar; porque ela via na televisão, né? Que as mulheres trans era só prostituição, drogas, não tinha estudo. E ela falava pra mim: agora você vai parar de estudar, você vai pro mundo das drogas, e tal. Não mãe, não se preocupa que isso é uma coisa que tenho dentro de mim, eu sempre quis estudar, sempre quis mostrar pra sociedade que mulheres trans, homens trans, podem atingir patamares que as pessoas atingem. Então meu sonho maior é atingir o maior grau de educação que

uma pessoa pode ter; quero atingir meu pós-doutorado, mas mesmo com esse receio de talvez de não ser absorvida pela sociedade, mas eu tenho fé que eu qualificada e tendo meu doutorado, meu pós-doutorado, que é um dos meus sonhos, eu quero pra mostrar, que eu acho que são poucas, são poucos casos de mulheres trans que eu conheço que chegam nesse patamar, e aos poucos eu acho que quanto mais mulheres trans chegar nesse nível de educação e mostrar que podem dar aula, podem estar atendendo, podem ser médicas. Fiquei sabendo agora recente de uma colega minha que passou em medicina, aqui da cidade que passou lá na Federal da Bahia, então, eu fico muito feliz com essas coisas que acontecem no nosso meio porque aos poucos uma vai somando e vai mostrando que nós podemos ser como todos os outros, como todas as outras pessoas da sociedade; não digo normal porque acho que a palavra normal não é adequada, eles falar que a gente pode ser normal não, todo mundo é igual, mas mostrar que nós temos competência como todas as outras pessoas.

Bom! Eu só queria reforçar mesmo essa questão da empatia dos profissionais, porque por eu ser da área da saúde tem pessoas que me procuram as vezes, não só meninas trans, mas homens trans também e gays, porque eu tenho muitos amigos homossexuais. Dessa preocupação de procurar um serviço e não ser devidamente atendido pela sua orientação sexual e sua identidade de gênero. Então, eu acho que isso é uma das coisas que precisam ser trabalhadas na sociedade, inclusive talvez aqui na cidade, a gente tem um secretário muito bom, muito acessível que eu acho que a gente precisa de uma capacitação, uma sensibilização muito maior desses profissionais que trabalham na ponta e que não estão preparados para atender a população LGBT.

Tete, 33 anos, pardo, Gay, união estável, ensino superior completo, comerciante, à tarde na câmara municipal em abril, 10 min 28 seg.

Bom! Eu sou natural daqui, né? Filho de uma mãe solteira vinda de uma outra cidade e sou militante social. Bom! Eu acho assim que o suicídio é o extremo numa decisão, mas que muitas vezes ela é tomada, por não ter muitas vezes saídas, não saber, principalmente sob pressão né? A pressão social, familiar e religiosa que envolve a questão da sexualidade. Então o indivíduo é educado, né? Pra seguir aquele padrão, aquela normativa e quando ele se descobre naquela situação que não é conforme foi apresentada, então ele começa a ter essa descompensação a achar que ele que é o errado, então talvez um meio devido a essa pressão é o auto extermínio. Eu penso que é lamentável, mas a gente temos que criar mecanismos que essa conduta, né? Que essa

atitude, ela seja minimizada. É claro que são vários fatores que tem que ser analisado, entendido, compreendido pra que de fato as pessoas não ceifem suas vidas. Então eu acredito que é fundamental essa questão de mostrar para a pessoa, para aquele indivíduo que tá se descobrindo que ele não é essa aberração, conforme a sociedade apresenta, mesmo hoje que a gente tem acesso a informação tão amplamente a gente nota que isso não é suficiente, né? Porque a todo momento você é vítima de uma situação constrangedora, vexatória, e isso nem todo mundo tem estrutura, tem gente que vai saber lidar com essa situação, né? Pode até chegar a pensar em ceifar a sua vida e depois revalidar até no momento do ato, e não ser consumado, e ele vê que vale a pena enfrentar todas essas barreiras. Mas nem todo mundo está preparado pra isso (Pausa). Independente de condição social, classe econômica, escolaridade, então todo mundo que vive nessa condição, né? Nessa condição de ser diferente está sujeito e depende do momento como isso se apresenta e de onde vem essas críticas. Se a gente for analisar muitas vezes as críticas, essas cobranças, vem mais do seio familiar, que é o local onde você deveria ter o apoio e é onde muitas vezes começa as chacotas as brincadeiras, as indiretas, ao não respeitar e a não querer compreender, então são os seus laços afetivos que muitas vezes você esperava ser seu suporte são na verdade seus opressores (Pausa). Eu pelo menos já tentei porque como eu vivia dentro de uma religião, de onde até então eu me apresentava de uma forma, que eu ia casar, multiplicar, ter filho e tudo mais. Na hora que você descobre que não é tudo aquilo, você começa a pensar sim, né? Aí você começa a negar, será que de fato eu sou isso? E tenta experimentar possibilidades, viver a sexualidade que não é natural em você, pra ver se você consegue se enquadrar. Então assim, pensar, pensei, mas não cheguei a cometer, né? Mas não é fácil, principalmente igual dos locais que a gente vai, aguardaria que seria o núcleo de apoio, normalmente não são.

Pra mim a prevenção é o diálogo, a conversa, principalmente no âmbito familiar, dos familiares entender que isso é uma normalidade, como a heterossexualidade, e entender que não é fácil nem pra quem vive, muito menos pra aquele que está de fora da situação. Então, acho que primeiro tinha que ter o afeto, ser de fato respeitado entre aquele núcleo familiar, a partir daí que realmente a gente começa a respeitar o outro na sua condição enquanto ser humano. Hoje meu sentido para viver é lutar sobre essa diferença, mesmo, porque assim, todo mundo vem com proposito, né? A gente pode simplesmente passar por aqui e ir embora, então eu enquanto militante social, vejo que a gente pode contrapor e ajudar as pessoas, e já teve vários momentos que a gente as

vezes com uma simples conversa, um diálogo a gente consegue mudar e a pessoa se reconhecer. E a gente está em constante transformação, tanto quem foi um dia ajudado, que pode ajudar outra pessoa, acho que é o melhor exemplo; é o que motiva, a gente tem que saber porque a gente está nessa existência, não simplesmente pra pagar boleto. A gente avançamos em várias outras pautas, né? Pautas de garantias de direitos, mas realmente de garantia de dignidade de fato a essa população a gente vê que ainda tá um pouco longe. E principalmente envolvendo a população travesti e transexual. Claro que hoje a gente já dá pra contar em mais de uma mão de pessoas que já passaram da linha do suicídio, no caso dos travestis é de 35 anos, mas é uma realidade muito pequena ainda. E assim, eu tenho a grata satisfação de ter conhecido vários, mas mesmo assim se for pensar dentro do grupo é muito pouca. Aí depois no segundo plano, a gente podemos fazer o recorte da mulher lésbica que sofre justamente pela opressão do machismo, sexíssimo, de ser mulher, né? De ser lésbica e principalmente se ela for masculinizada. E além disso a gente vê que as estatísticas preferem nos classificar de outras formas e até pra morrer a gente tem que brigar, né? Pra a gente conseguir legitimar que a gente morreu em virtude daquela, da nossa condição enquanto diferente, enquanto plural, então muita gente achar que isso é privilegio, você ser privilegiado por ser morta daquela forma. Então não só morta, cometido pelo outro, mas por mim, né? Pelo próprio indivíduo então acho que cabe essas nuances de realmente emponderar o movimento, de fazer outras discussão principalmente em questão de construir indivíduos emponderados mas assim com uma autoestima de fato emponderada, não adianta ser emponderado só em questão de atitude, de ações, de posicionamentos políticos, mas ser emponderados na sua autoestima, no seu elemento do seu ego, né? De se reconhecer enquanto ser igual, né? Igual mas diferente, com os seus recortes.

Narrativas dos participantes da geração X

Beth, 44 anos, morena, lésbica, solteira, ensino médio completo, auxiliar de cozinha, à tarde em sua casa no final de abril, 15 min 55 segs.

Bom! Eu sou uma pessoa tranquila, batalhadora, luto muito para conseguir conquistar minhas coisas. Me assumi muito, demorei pra me assumir, me assumi com 23 anos, mas para mim foi como se fosse uma liberdade, né? Demorei me aceitar como pessoa, mas hoje eu posso considerar uma pessoa realizada, feliz. (Pausa) Tem pouco tempo que eu tô na cidade, adaptando ainda. Tem muito que falar de mim, extrovertida, adoro fazer amizade, adoro conversar sou faladeira para caramba, espontânea, acho que

é basicamente isso. Não tive oportunidade de conhecer ninguém no meio que tentou suicídio. Agora eu posso contar um pouco da minha história. Eu já pensei em me suicidar, tá! Quando eu tinha para meus 14 para 15 anos eu comecei a ter esse lado meu da minha condição sexual eu entrei num conflito muito grande, porque? Porque eu trabalhava, já trabalhava, trabalhava com algumas amigas, via as pessoas de uma forma diferente, principalmente as pessoas que trabalhavam comigo e isso confundiu muito a minha cabeça e então eu já quis partir pro suicídio (Pausa). Eu assim, eu cheguei numa fase que eu, eu fiquei tão, perdida assim confusa com o que eu estava sentindo, com tudo que estava se passando com minha pessoa que eu quis realmente se suicidar, com medo, sei lá, achei que eu tava ficando doida, louca, sei lá, mais ou menos assim, eu já quis. Mas eu acredito que realmente é uma estatística muito ruim do suicídio. E as pessoas que estão se suicidando hoje, no nosso meio, são pessoas que eu acredito que tenha passado pela mesma situação que eu passei, que quando a pessoa está se descobrindo, é tão difícil pra ela, porque ela tem ela tem tanto medo do que a sociedade vai pensar, do que a família vai pensar e até em questão do trabalho porque a gente fica assim, mas nossa mas como que isso vai ser? Isso começa a incomodar a gente, isso começa a mexer com o nosso eu interior, entendeu? Principalmente em questão da família porque quando você é criada dentro de uma de uma estrutura familiar principalmente religiosa você fica num conflito muito grande, porque você acha que é coisa da sua cabeça, você acha que você pode estar pecando, você acha que pode tá ficando doida, né? É um monte de situações que você vive dentro de você ali, que você não sabe muito bem o que fazer, né? Então assim, eu acredito que é preocupante, porque muitos jovens hoje, da nova geração hoje, passam por isso e eles não tem o apoio da família, eles não têm o apoio de ninguém, eles ficam até com medo de falar com os amigos, com a família. E se eles estão na igreja, eles ficam com medo de falar com o padre, com o pastor, porque eles têm medo de ser recriminado, eles têm medo das pessoas não entenderem o que eles estão vivendo, entendeu? Porque hoje, infelizmente o preconceito ele é grande, as pessoas falam: ah, não existe! Hoje existe uma liberdade muito grande no meio GLS, existe né? Tive a oportunidade de morar em São Paulo muitos anos, morar no Rio muitos anos, existe; mas em Minas, principalmente em cidades pequenas, você pode perceber o índice de suicídio, existe em cidade grande, mas em cidade pequena existe muito mais, porque? Porque o conceito da cidade em si, a formação das famílias é uma questão, vamos dizer assim, como que eu posso explicar melhor? As famílias são conservadoras, tá! A mãe e o pai: a eu tenho

um filho, ele vai se casar! Quando a família venha descobrir isso, eles não aceitam, eles querem modificar a criança, a criança não, o adolescente ou a pessoa naquele momento; eles falam, eles recriminam aquilo; aí vem a questão dos amigos, a questão da igreja, tudo isto são fatores que fazem com que esse adolescente ou essa pessoa não queira ficar mais aqui, que queira ir embora e achar que o suicídio é uma saída para tudo isso, entendeu? Eu não sei se eu tô me expressando corretamente? Mas eu penso dessa forma, a gente precisa de um apoio muito grande da família. Tem gente que fica, por exemplo eu fiquei muitos anos fora, morei muitos anos fora, então assim, quando eu voltei, que minha família soube, para mim foi muito difícil. Porque eu fui chegando aos poucos, eu fui explicando aos poucos, né? Para que eles pudessem entender essa mudança minha, mas é muito difícil também, foi muito difícil mesmo, então é complicado.

A prevenção do suicídio é informação porque assim como que eu te expliquei no começo, a gente não se entende primeiro e o primeiro preconceito parte primeiro da gente porque faz medo, porque a gente não entende o que tá acontecendo. Então você fica com medo e você se esconde então assim, informação acho que é importante. A família em si acolher naquele momento porque às vezes a pessoa não é nem gay nem lésbica, ela só tá passando por um período de se conhecer e acaba nem sendo mas também a pessoa passa porque aquele período de se conhecer e ver que realmente é, de ver que realmente é aquilo que a pessoa quer pra ela. Então acho que a informação, o acolhimento da família, o acolhimento da sociedade é importante nesse momento porque a pessoa fica tão perdida que a pessoa quer partir para uma situação como o suicídio; a pessoa fica perdida, fica sem saber o que tá acontecendo com ela mesmo, entendeu? Eu tive esse processo e o medo ele atormenta a gente no dia a dia porque e você fica com tanto medo, tanto medo do que a sociedade, do que a família, do que a igreja, do que várias situações do nosso cotidiano vai acontecer com a gente que acaba se perdendo como muitos adolescentes, muitos jovens hoje em dia se acaba.

Hoje eu posso falar para você assim: eu tenho uma filha, ela tem 21 anos hoje, ela é lésbica por incrível que pareça, nossa! A mãe é lésbica, a filha é lésbica! Acho uma das razões maiores da minha vida é que ela encontre uma pessoa boa, que ela se profissionalize, que ela estude, que ela cresça como pessoa para que não passe metade do que eu já passei na minha vida porque é muito difícil nosso meio e assim eu quero crescer também como profissional, eu quero progredir, eu quero fazer muitas coisas na minha vida ainda.

Eu gostaria que as pessoas pudessem nos ver como pessoas com conflitos, com dificuldades, com defeitos; que às vezes a pessoa fala assim: nossa é gay, é lésbica e eles cobram muito da gente, eles acham que a gente tem que ser perfeita e quando a gente erra as pessoas utilizam a nossa opção sexual, a nossa condição sexual, como sei lá, como se a pessoa errou porque é lésbica, porque é gay e não é nada disso. Antes de tudo, da gente ser gay, da gente ser lésbica, da gente ser transexual, da gente ser esse novo gênero que a minha prima é (Pausa). A gente é ser humano e nós vamos falhar como qualquer pessoa, a gente tem os nossos objetivos de vida, a gente também quer ter uma família, a gente quer também ser respeitado no trabalho, a gente quer ser respeitado pela sociedade, a gente quer ser respeitado pela família, a gente quer que a família tenha orgulho da gente também porque a gente também perguntar, como que eu posso dizer? Para o nosso crescimento profissional, pela nossa família a gente também quer ser acolhido então, eu queria pedir muito para as famílias, da nossa geração hoje, que nos respeite, que nos aceite, que nos acolha, que nos apoiem nos nossos objetivos de vida, nas nossas escolhas porque às vezes as pessoas esquecem que nós também temos sonhos, nós também temos objetivos, nós também queremos crescer profissionalmente, mas também queremos nos formar na faculdade, ensinar outras pessoas, né? Igual eu tenho minha prima que quer seguir uma carreira de ensinar as pessoas, eu acho que ela tá passando por um processo tão difícil na vida dela pelas pessoas não aceitarem o fato dela ser trans. Elas acham que isso vai interferir na cabeça de uma criança! As crianças de hoje são muito mais inteligentes do que a gente imagina, eles conseguem visualizar a nossa condição sexual muito melhor do que a própria geração antiga, você sabia? A nossa geração. Então assim, as pessoas não precisam se preocupar achando que a gente vai interferir na cabeça da criança, vai modificar porque ela conviveu com gay ou com a lésbica (Pausa). Assim numa sociedade hoje, que tem a internet, a comunicação é muito grande, a criança hoje ela tem uma facilidade muito grande de lidar com algumas coisas que às vezes na nossa geração, quando a gente era criança, a gente não entendia muito, então a sociedade não precisa se preocupar em relação a isso, mas é claro que a gente tem que proteger as nossas crianças! Ao longo da minha pouca vivência eu tenho percebido isso e eu volto a dizer a isso, a família hoje precisa apoiar os gays, as lésbicas, os trans e eles precisam de uma ajuda, precisam de uma conversa, precisam de um apoio para que a parte do suicídio não cresça mais no nosso país, não afete tantas famílias porque eu acho que no fundo no fundo a mãe e o pai também sofre quando o filho tira a vida, quando perde um filho, perde uma filha mas a mãe e o pai precisa perceber, tem

que ter a sensibilidade de perceber o momento que o filho também tá passando (Pausa). Às vezes o filho tá ali se escondendo, tá com medo porque o pai é muito conservador, a família é muito conservadora, é toda cheia disso e daquilo; e o pai e a mãe não consegue perceber a mudança do filho ou da filha naquele momento então assim, a família tem que se voltar para isso, tem que se voltar um pouco para dentro de casa porque as vezes naquele corre-corre, trabalho, escola, tudo, o dia a dia, pagar conta, pagar isso, pagar aquilo; a família se esquece de olhar para os filhos e quando eles se dão contam, eles já se foram porque a família não prestou atenção. Então esse é o recado que eu dou para as famílias (Pausa). A igreja também eu acho que não tem que discriminar a pessoa por uma questão de opção sexual, eu acho isso um absurdo, né? A igreja também teria que apoiar, claro não é todas, mas tem muitas igrejas aí que hoje apoiam, ajudam, não criticam mas tem algumas ainda que infelizmente colocam isso como se fosse um tabu, uma coisa tão horrenda que a pessoa acha que tá pecando de uma tal forma que não merece não merece nem viver, que não merece nem fazer parte do mundo e é um caminho que a pessoa acaba escolhendo o suicídio, basicamente é isso.

Rad,49 anos, moreno, gay, união estável, ensino fundamental incompleto, comerciante, à tarde na câmara municipal em abril, 7 min 40 segs.

Bem eu sou uma pessoa que veio ao mundo pra poder ajudar as pessoas. Nasci de uma família católica, tem meus pais que me amam muito; já fui casado e tenho um filho maravilhoso, trabalhei muito e continuo trabalhando muito, luto muito, tem um lado espiritual muito forte. É onde que eu tinha que praticar meu lado espiritual, mas não pratico, guardo para mim mesmo, e sou uma pessoa lutador, pelos meus sonhos, onde que quero, luto e consigo. Conhecer alguém que morreu por orientação sexual não, mas que se matou, sim. É que há pouco tempo que eu tô conhecendo esse lado LGBT, vou me envolvendo há pouco tempo com as pessoas então, tô em conhecimento ainda. E pelo pouco tempo que eu conheço, é muito difícil, eu que estou vivendo, não é fácil você estar enfrentando todos os preconceitos de todas as pessoas que está ao seu redor. Então você tem que ter um lado bem definido do que você quer e ser bem forte e acreditar em Deus, que Deus está do seu lado, né? E quando as pessoas tiver fraco, procurar conversar com alguém, procurar ajuda, não se deixar ficar sozinho, abandonado, porque assim será pior. Eu tentar não, mas já pensei.

Hoje é meu companheiro que luta pelas causas LGBT. Eu tô conhecendo muitos trabalhos e em prol de ajuda as pessoas. Então eu penso que é você está ajudando com

conversas, palestras e batalhar; como eu tô batalhando, dando de mim e participando das palestras, conhecendo mais o lado LGBT e não ficar escondido; como se diz: no armário. É você chegar e se abrir. E a ajuda dos pais é muito importante para que isso, né? Para não aconteça o suicídio. Hoje é 24 de Abril (Choro). E estou completando 49 anos e o meu motivo de viver é meu filho, minha mãe e muitas pessoas que eu gosto que está do meu lado. Gostaria de deixar uma mensagem que hoje eu até pensei, de agradecer a todos as pessoas que estão do meu lado, que hoje me mandou muita mensagem, que gosta muito de mim, que eu transmito muitas coisas boas pra eles. E eu quero falar para todas essas pessoas, que nunca deve se esconder, né? De se abrir principalmente para as famílias, não deve ter medo. Eu tive muito medo de chegar esse ponto de conversar com meus pais, eu tinha medo do que que eles ia achar, que que eles ia pensar, que eles ia me abandonar, mas foi muito pelo contrário. Eu busquei apoio do meu filho, eu contei para ele, ele diz: “pai eu te amo do jeito que você é, seja feliz”; depois eu contei para minha mãe, pros meus pais e pensei que eles ia me abandonar, mas não me abandonaram. Eles estão do meu lado e todo momento eles me mostra que me ama, que eu sou muito importante para eles. Então é isso que eu queria falar, que muitas vezes a gente tem medo de falar para os pais, que a gente faz parte, né? Dessas palavras LGBT, mas que que eles me deram todos os apoios: “eu te amo do jeito que você é”. Então que a gente tem que se amar do jeito que a gente é. E eu busco sempre a força em Deus, na minha religião; sou católico, busco força em Nossa Senhora da Medalha, que ela está sempre do meu lado, e está sempre me apoiando. E hoje eu sou muito feliz por ter um filho maravilhoso, uma família maravilhosa e um companheiro que está do meu lado sempre.

Doca, 54 anos, branco, gay, solteiro, ensino superior completo, cabelereiro /psicólogo, à tarde no salão de beleza em maio, 12 min 04 segs.

Sou um cidadão normal (risos) trabalho, pago meus impostos, tenho sonhos como qualquer outra pessoa, me considero uma pessoa, socialmente falando, do bem, cumpro com meus deveres, minhas responsabilidades, enfim sou homossexual e sinto atração por homem. Conheço duas pessoas, dois ex-relacionamentos que tentaram suicídio. Olha! Eu acredito que primeiro as pressões sociais, que não são poucas, né? Principalmente, hoje, a pressão no sentido religioso, eu acredito que seja a que pressiona mais, a que leva mais esse sujeito, né? Que busca um espaço na sociedade e nem sempre é aceito por causa da sua orientação. E a igreja evangélica, não estou

generalizando, mas a maioria das igrejas evangélicas fundamentalistas exercem uma pressão muito grande para que esse sujeito se anule, né? E essa anulação, não raro, leva esse sujeito ao suicídio. Eu nunca pensei em suicídio e acredito que essa questão do suicídio está diretamente ligada a questão cultural. É muito mais raro em termo de estatísticas, uma pessoa mais bem formada, uma pessoa que consegue ter um nível de ensino superior no caso chegar a esse ponto. Claro que acontece, não define uma regra, mas o conhecimento livra muito a pessoa disso e faz com que ela é seja mais autêntica, consiga lutar e de alguma maneira criar mecanismo que se defenda disso. Eu acredito que o suicídio numa classe mais baixa financeiramente numa comunidade onde esse poder religioso, esse poder de pastores ou até mesmo de líderes religiosos tem uma influência maior sobre essa população, eu acredito que o suicídio é cometido com mais frequência.

Assim a prevenção do suicídio entre a população de LGBT é uma questão muito complicada porque essa busca é por direitos, né? E a questão também da comunidade LGBT, eu vejo como um uma tribo urbana que acaba que dentro dessa própria comunidade existe o preconceito. No sentido de que o gay que transforma o corpo, que faz musculação, que aparenta ser homem talvez seja por causa dessa pressão. Ele é o mesmo que tem o preconceito de um travesti, que é um homossexual que se travesti de mulher, ele também é homossexual, a diferença é que ele procura se travesti de homem para ser aceito. Então eu acredito que, em primeiro lugar a própria comunidade LGBT trabalhar mais no sentido de conscientização e menos no sentido de festa. De transformar por exemplo, uma parada gay de São Paulo, considerada uma das maiores festas ao ar livre do mundo, em termos de participação, mas eu creio que a grande maioria das pessoas que estão ali não estão lutando por direitos, elas não estão lutando, elas estão fazendo um dia de lazer. E essa exibição do corpo, essa questão da ditadura do corpo perfeito, eu acho que leva muito para essa discriminação entre os próprios homossexuais, entre a própria comunidade LGBT. E acredito também que as opções demais em relação a orientação sexual, as vezes também leva o sujeito a não saber o que ele quer. Hoje ele quer ser homem, amanhã ele quer ser mulher, aí ele que quer fazer uma cirurgia de mudança de sexo, aí ele muda de sexo, mas quer ser mãe, no caso da homossexual feminina; então eu acredito que essa divulgação demais sem procurar um conhecimento real sobre isso acho que causa um adoecimento também. Então eu acredito que seria a questão da informação mesmo, de mais acesso ao estudo, ao conhecimento para esses que estão chegando. A vida em si é uma grande razão de viver,

eu acredito muito no hoje, no aqui e agora, porque dentro da minha formação que é a psicologia (Pausa). Claro que nós somos um constructo do nosso passado, desde a nossa concepção até os dias de hoje; mas a minha razão de viver é o dia de hoje, é o acordar bem, é o estar bem, acordar hoje com saúde, poder comer, poder trabalhar, poder viver o dia de hoje porque na verdade o futuro é só uma perspectiva, né? E o passado? Ele é imutável, então na verdade o dia de hoje me define, então eu acredito que é o dia de hoje, só pelo dia de hoje.

Eu penso que eu sempre tive vontade de falar e até agradeço pela oportunidade, né? Essa questão mesmo da liberação demais, a questão da atualidade, da contemporaneidade confunde um pouco liberdade com libertinagem. Às vezes o próprio sujeito LGBT, ele cobra muito e as vezes oferece muito pouco seus deveres. Na questão social por exemplo eu acredito que não acrescenta em nada um casal gay por exemplo sair de mãos dadas pela rua, dar beijos calorosos na boca em público. As vezes lutam por isso, eu creio que isso não oferece vantagem nenhuma, não acrescenta em nada na humanidade, na sociedade, inclusive posso citar dois ícones LGTB: um já faleceu, o Clodovil Hernandez, que foi deputado federal e era mais tradicionalista; ele era homossexual, era assumido e tinha posturas de respeito dentro da época dele, que ele viveu, porque a educação era diferente, né? E hoje, outro ícone é o Pablo Vitar que se coloca a frente como uma representatividade homossexual, LGBT e não tem conhecimento de nada em suas entrevistas, é apenas o uso do corpo, da imagem e isso não me representa. Então é só isso eu tinha vontade de falar: se dentro do assunto que é suicídio se a maioria buscar o conhecimento, ao invés de buscar distração; buscasse também a responsabilidade de estudar, de fazer um projeto de pesquisa, uma faculdade, um mestrado, um doutorado, uma coisa assim mas provar de outra forma através de conhecimento, não através da imagem, da mídia. Sabe! Uma grande maioria tem na vida o sonho de ir para um reality show, se tornar celebridade e não busca o estudo, mas glamour, sucesso, né? Isso também, esse sucesso instantâneo também traz uma frustração e essa frustração pode se transformar em uma melancolia, e a melancolia caminhar para uma depressão e essa depressão pode levar a um suicídio.

Feliz, 53 anos, negro, gay, solteiro, ensino médio completo, funcionário público, à tarde na prefeitura no final de maio, 17 min 59 seg.

Eu sou funcionário público há 27 anos e venho de uma família humilde que lutou pra gente ter uma educação não só de estudo, mas uma educação interna em casa,

e que me ajudou muito na minha formação até pra chegar onde eu estou. Porque desde pequeno uma coisa que me ensinaram foi abrir portas e saber fechar as portas, né? Independente do que seja, já tinha o preconceito da cor, né? E mais tarde veio a questão da opinião, né? Não só a opinião sexual, mas a opinião mesmo que tem uma vibração muito forte dentro de mim. Então, o mundo me ensinou a me impor no que eu sou, no que eu faço, no que eu posso fazer, mas de tudo isso eu procurei trazer para o lado bom da coisa, comecei a dividir tudo que eu tinha: talento, inteligência, força de vontade. Eu passei a dividir com quem estava a minha volta por isso eu acho que estou onde estou hoje. Olha tem muita divergência no mundo, né? (Pausa) Minha identidade de gênero, por gostar de pessoas do mesmo sexo, é definida, mas e como que eu defino minha orientação? Eu não falo orientação, eu não gosto desse termo, eu falo opinião. Porque orientação é quando você cresce e é orientado pelos pais, professores ou quem for, a sociedade “você vai ser menininho, você vai ser menininha. Isso é uma orientação. Agora a opinião eu sou isso (bateu na mesa) e quero ser assim (bateu na mesa) ou me transformo nisso (bateu na mesa) é uma opinião que se forma. Ninguém vira da noite pro dia, a pessoa depois de 30 anos de idade, 40, fulano virou isso, ou fulano virou aquilo não é. Ela já tem essa opinião desde pequeno, mas ela só não pode expressar. Então a orientação é quando seu pai te fala você vai ser menininha ou você vai ser menininho, isso é uma orientação. Agora a opinião, minha opinião é que se formou com o tempo desde pequeno. As vezes a gente comenta isso fulano virou agora, não, não é. A opinião dele está formada desde criança ou estava no ventre da mãe, né? Que eles estão tentando provar isso, né? Mas, então eu não gosto da palavra identidade ou orientação é opinião, porque nós temos opinião, e a opinião que é livre, né? O livre arbítrio de cada um. Infelizmente o suicídio tá na nossa porta, né? Hoje em dia a pessoa não consegue emprego é porque quando você define, por isso que eu falo é escolha, é opinião, mas quando você escolhe esse caminho, muitas das vezes as pessoas não têm um estudo, não tem um emprego, não tem a orientação, aí já é a orientação que família deveria ter, aceitar aquela opinião. Então tudo vai somando para aquela pessoa começa a desmorar. Desmoronamento interno, né? Porque uma pessoa pra tentar tirar sua própria vida, é porque a cabeça não funciona, já está com aquilo tudo embaralhado (pausa). A gente já conviveu com muita gente assim até que diminuiu muito, mas houve alguns casos. Tinha um que era muito amigo meu e quando nós ficamos sabendo ele havia se suicidado. Ele era uma pessoa que, dentro dessa orientação, opinião, ele era travesti, porque não havia trans na época. E ele, ao mesmo tempo tinha época que

voltava a vestir de homem, então era uma pessoa que não sabia qual que era a opinião certa; e também as cobranças é que faziam esse vai e vem, inclusive foi muito novo, foi um dos primeiros que eu vi acontecer isso. Outros que discutia com o pai por causa que não aceitava e tentava cortar os pulsos, né? Tem um que já tentou umas três vezes, mas eu acho que depois caiu na real e descobriu o que era que ele queria. Tem um outro que mora na Itália hoje, que namorava, levava uma vida normal e quando viu que não era aquilo que queria, não aceitava o outro lado também, cortou o pulso; mas depois conseguiu estudar, lutar, venceu e hoje mora em Milão há muito tempo e tem um dos maiores patrimônios de gente do meio que eu conheço daqui da cidade. Então assim a gente viu sim, conviveu com muita gente assim, né? Mas parece que agora com essa abertura que tá tendo, apesar que o preconceito ainda existe, mas é, essa modernidade, essa abertura, a auto aceitação, ela deu uma melhorada. Porque quando uma pessoa tá nesse meio uma das coisas que todo mundo começa a fazer é procurar um emprego, é ter posses, é comprar um carro, é estudar, é vencer, porque tudo começa a caminhar junto, porque a sociedade não aceita o derrotado, se você cair na sociedade com cara de coitadinho, de derrotado, você não passa no teste. Porque nós nascemos para ser primeiro sempre, o ser humano nasceu para ser o primeiro tanto que você luta com milhões e milhões pra você ser um óvulo, né? Pra você chegar a ser o que você é hoje, então quer dizer você venceu milhões na primeira batalha. E aí é isso, a gente nunca pode ser o segundo, nem o último. Porque? O vice ninguém sabe quem é. Você sabe quem é o vice do presidente do Brasil? Então é o vice nunca aparece, o segundo nunca aparece, o último nunca aparece, pra sociedade ele e nada é a mesma coisa. Então a gente tem que tá sempre em evidência, lutar para ser sempre o primeiro. E quando a gente luta para ser o primeiro a gente alcança muita coisa, principalmente o respeito, porque eles olham com outros olhos, com olhar de vencedor, porque se você parar pra chorar, eu sou gay, eu sou negro, eu sou isso, eu sou aquilo, ou até funcionário público chorar por isso, e enquanto você tá chorando a roda do mundo tá girando, e aquela turma que estava rodando com você, ela já passou na sua frente e tá lá longe. Aí eu acordei e porque que eu tô chorando agora? Eu vou tentar correr atrás pra alcançar, que é a hora que a gente acorda pra vida, aí eu vou ter que correr pra alcançar porque eles já tão lá na frente. Então não é assim, a gente começa a lutar desde o início, se é isso que eu escolhi, eu tenho que saber as causas, principalmente os prós e os contras. E os contras são muitos, né? Numa sociedade que não aceita, numa família que não aceita, nos amigos que vão distanciar, e tal. E aí você tem que reconquistar isso tudo e ser

vencedor porque a partir do momento que você assume uma coisa, e eu sou e eu vou vencer, você consegue mais, por isso que eu acho que a cabeça das pessoas tá bem mais aberta, em termos do que a gente via na década de 90 e 2000 diminuiu muito. Posso até tá errado, mas com essa abertura eu sinto que deu uma melhorada. Graças a Deus nunca pensei nem tentei não e nem quero.

Olha! A primeira coisa que a gente tem que fazer para prevenir é dentro do nosso meio porque quem discrimina mais são os do próprio meio. Aí vou usar um termo chulo aqui: uma bichinha tá aqui e uma bichinha ploc ploc tá ali. Eu acho que tem é que valorizar aquela pessoa que tá no seu entorno, né? E valorizar não só o lado profissional dela, mas valorizar o interior da pessoa, né? Porque na verdade eles não cometeram crime nenhum. E nós estamos com tanto bandido a tira colo. Então eu acho que o que a gente tem que começar a fazer no geral é abraçar aquela pessoa, que tá chegando, que tá ali no nosso convívio e que resolveu ter essa opinião, então é aceitar e abraçar como gente como a gente. Porque somos todos iguais, vamos todos para um lugar só, e incentivar para que ela possa futuramente se formar, ter uma profissão, ter uma casa própria, a vitória profissional de cada um a gente tem que torcer, a gente tem que incentivar pra que as pessoas possam crescer. Aí eu acredito que diminui muito. Porque a gente tem que lembrar de uma coisa que é numa família de três, quatro filhos, o pai ou a mãe que discrimina aqueles LGBT, eles esqueceram todos aqueles outros três filhos vão casar e quem vai ficar pra salvar, cuidar e tomar conta na velhice são esses. Eles são discriminados todo dia, toda hora e Deus é prova disso, ele faz isso pra mostrar pra pessoa que estão no caminho errado. Então o recado vai pra todos os pais que tem filhos que ser gay não é doença, e lembrar que eles é que vão cuidar do seu futuro, no final das suas vidas. Pra mim sentido de vida a humildade, caridade sempre e alegria, porque um rosto com sorriso não tem rugas durante o dia (risos). Meu coração é minha casa, meu coração é minha igreja. A casa da gente tem que limpar e varrer todo dia, aí eu procuro varrer as magoas, as tristezas, as coisas mal resolvidas, as perdas, isso são as coisas que a gente tem que tirar de casa todo dia. Abrir a janela e deixar o sol entrar; tirar a poeirinha que ficou lá em cima. Então quando eu tiver com o coração limpo e tranquilo, viva e deixa viver, só isso. Não quero acrescentar mais nada. Eu acho que eu falo demais eu vou mais para o lado profundo do sentimento, todas as pessoas são sensíveis, né? E essa classe LGBT é a mais sensível de todas, é sensível pra arte, é sensível pra música, pra dança, pra caridade, entendeu? E a gente tem que usar essa sensibilidade sabe, em prol do dia a dia de cada um, mostrar o que cada um tem de melhor e ajudar a

e levar esse grau de potencialidade que tem. Eu acho que é isso humildade sempre e aceitação porque antes de esperar que você me aceite, eu tenho que me aceitar, e é onde vem a questão do suicídio; porque a pessoa que tira sua vida por causa que meu pai não me aceita, fulano não me aceita, ela mesma não se aceitou ainda, entendeu? Eu acho que é por aí.

Narrativas dos participantes geração Baby Boomers

Resiliente, 63 anos, parda, lésbica, solteira, ensino médio completo, cantora, de manhã início de maio em sua casa, 14 min 5 segs.

Uai! Como que eu vou falar de mim? É difícil (risos) mas eu sou uma pessoa assim que tem uma personalidade forte, entendeu? Aquilo que eu acredito, eu vou atrás, entendeu? Eu sou persistente, então pode demorar muito tempo. E gosto muito do ser humano, sou apaixonada com o ser humano, tenho um ciclo de amizade muito grande, graças a Deus. Cada vez chegando mais gente, e a energia que eu recebo das pessoas me alimenta muito. E eu faço questão também de vibrar para as pessoas, mesmo que eu não conheça, eu faço mentalmente (risos) o pensamento vai onde a gente quiser, né? É assim que eu gosto, sou popular. Não tenho discriminação com nada, entendeu? Classe social, se tá limpo, se tá sujo; tô abraçando o andarilho eles também chega pede pra tirar foto comigo eu tiro, entendeu? E isso me faz muito bem me alimenta muito. Então minha maneira de ser é essa, simples, não tenho ostentação com nada. (Risos) com 5 anos de idade antigamente brincava de casinha, né? Fazia guisado, negócio e sempre eu era o pai (risos) mesmo as pessoas que tava comigo falava: você vai ser o pai, entendeu? É uma coisa assim automática, na minha vida. E eu sempre, eu nunca mudei minha atitude desde criança, eu sou do mesmo jeito, nunca ninguém me impôs ser de uma maneira, porque eu nunca aceitei, nunca deixei, né! Não conheço nenhuma pessoa LGBT que se matou (Pausa). Assim, eu sempre fico sabendo, tem notícias, alguém comenta, mas assim conviver, conviver mesmo, nunca convivi com ninguém. Só que a gente conhece todo mundo, né? Tive bar durante 28 anos, então era frequentado e também era considerado até um bar LGBT, apesar de não ser. Era um bar eclético, né? Ia todas as classes sociais e todas opções então era um bar que era frequentado por pessoas, por gente. A gente sempre fica sabendo, né? Motivos diferentes, né? Muitas vezes faz isso até porque não consegue, alguém assim, principalmente o lado masculino, ele é mais difícil de ter um casal. Hoje já melhorou bastante, mas é uma relação não muito longa.

Não deixa de ter sexo, o sexo masculino quer várias pessoas ao mesmo tempo; mas às vezes se apaixona, mas não consegue ter aquela pessoa (Pausa). Às vezes seja até a falta de Deus na vida, sabe? Eu acho que quem tem Deus na vida não tá desamparado em momento algum. Também é mesmo pela falta da fé, de acreditar que aquilo vai passar; tem pessoas que absorve tanto aquilo (Pausa). Eu falo assim eu sou uma pessoa que tem inteligência emocional, eu já tive vários relacionamentos, relacionamentos longos, outros com menos tempo, eu não sofro (risos). Sofri uma vez por causa de um que foi o grande amor da minha vida, a grande paixão da minha vida. E assim, a gente não ficou junto por que ela não teve coragem de assumir, entendeu? Foi falta de coragem. Então, sofri nessa época mas depois não. Aquilo que eu não posso mudar, eu não sofro por isso, se eu posso ter, eu vou lutar pra ter, se não puder: eu vou ficar malhando em ferro frio? Eu não vou, entendeu? Sou eu, né? Nem todo mundo tem esse conceito. Se eu tiver no meio de gente (risos) pra mim tá bom demais, eu gosto de ficar rodeada de gente (risos). Eu nunca pensei em me matar, eu sou a pessoa que mais me ama na vida (risos) primeiro eu (risos), primeiro Deus, depois eu. Assim, é questão do outro, da gente ouvir mais as pessoas, entendeu? Ser mais solidários, dispendir um pouco do tempo da gente, não custa nada, para você, ouvir uma pessoa, às vezes a pessoa precisa ser ouvida. Eu por exemplo sempre que estou ouvindo alguém, eu odeio quem reclama. Sabe eu não reclamo de nada, tudo que me acontece na vida de bom ou de ruim, eu agradeço. Quando é de ruim, eu falo? Perdoa aí velho (risos) Devo ter sido carne de pescoço demais na outra vida para passar por isso mas vou melhorar, entendeu? É dessa maneira, mas nem todo mundo tem esse conceito não (risos). Mas a minha família, é uma família muito bonita, assim todo mundo respeita, ninguém se me mete na vida de ninguém, você pode fazer o que quiser, se alguém fazer alguma coisa contra vai tá todo mundo junto, entendeu? Às vezes eles são contra sua opinião, mas eles respeitam, então assim a falta de respeito pelo que o outro quer, porque cada um quer uma coisa, você gosta de uma coisa, eu gosto de outra, eu não vou brigar com você porque não gosta da mesma coisa que eu. Ninguém é obrigado, somos pessoas diferentes. Deus criou cada um diferente, a gente pode ser semelhante, mas igual não tem ninguém. Isso é o que precisa ser enfatizado, sabe? Assim através de palestras, né? Na área da psicologia (risos) o meu sonho era ter feito psicologia, né? Mas as condições financeiras, né? Na minha época não tinha nada de graça, era só o primário, então até o segundo grau a gente foi levando, minha mãe, meus irmãos ajudavam a pagar. Mas então é a falta de atenção muito grande que se tem com outro. Se ele tiver triste assim, eu vou cortar volta

dele porque ele vai parar pra conversar, num é? E eu não, graças a Deus e pode conversar comigo um dia inteiro, uma noite inteira, porque tem a minha atenção e eu sempre procuro fazer a minha parte de falar, sabe? (Pausa) Assim não reclama da vida não; porque vai lá no hospital do câncer, vai aí no carrapateiro, vocês não sabem o que é sofrimento não, tem saúde vamo procurar uma coisa pra fazer, tem várias opções pra fazer muita coisa. Agora reclamar, eu não aceito, sabe? Não aceito ninguém reclamar, não reclamo de nada, tudo que me acontece me serve, pra eu ficar refletindo. Eu sempre fico refletindo sobre as coisas que acontecem comigo e que acontece com os outros, observo. As vezes estou em um lugar assim, mesmo no palco, sabe? Eu cruzo o olho com muita coisa, com muita gente. E eu consigo fazer isso. Por exemplo, tem uma música que eu canto e toda vez que pego meu violão e vou tocar numa farra, que vou fazer show, é a primeira que eu canto: Como é grande meu amor por você. E quando eu tô cantando essa música eu tô vibrando, eu olho pro céu, eu tô num lugar aberto; então que eu tenho a oportunidade de olhar pro céu, eu busco energia e é incrível como ela toca as pessoas. Porque ela toca as pessoas pela letra maravilhosa, pela melodia e pelo sentimento que eu vibro, entendeu? Eu faço questão de fazer isso. Nossa eu tenho todos sentidos para viver! A vida é uma maravilha! Eu acho 24 horas pouco pra aproveitar a vida (risos). Eu não tenho nada pra pedir pra Deus, eu só tenho pra agradecer, sabe? Isso aqui tá bão demais e eu não preciso nada mais que isso. Ah! Tem gente que fala “você não tem um carro, você tem condição. Eu falo: gente, eu não sou boba, se eu tivesse condições financeiras eu teria um carro, entendeu? Eu não quero fazer conta, pagar parcela? Eu não quero ficar fazendo dívida por causa disso. Se eu conseguir um dia, se for da vontade de Deus, porque eu trabalho e muita gente acha que eu ganho muito dinheiro, que é rica porque aparece na televisão então eles acham que a gente recebe para aparecer na televisão, recebe é a propaganda de graça (risos). Então é interessante eu vou em vários lugares, dou entrevista pra todos lugares, mas o ganho é outro, né? É o reconhecimento, né? É o alcance da divulgação do meu trabalho, mas financeiramente não é fácil não, você tem que comprar muita roupa, apesar que eu não sou muito disso não, mas eu tenho que comprar porque existe uma rede social hoje que você está com uma blusa, e se for com a mesma semana que vem ou mês que vem com ela: Ah tava com a mesma blusa, sabe como é? (risos). Não que isso me incomode intimamente, entendeu? E pra evitar, então tenho que comprar, compro, pago. Vou lá compro o que eu quiser, pago do jeito que eu quiser, entendeu? Eles estão sempre preocupados, mas já conhece meu estilo (risos). Aa mulher que vai em São Paulo, já traz, ela vem, as vezes

me liga e fala: eu trouxe uma coisa pro cê aqui! E quando chego lá é tranquilo, então isso aí. Mais é mais pelo meu trabalho, não pela minha pessoa, entendeu? Que não sou disso não.

Wanderléia, 61 anos, branco, gay, solteira, ensino médio completo, funcionária pública, fim de tarde numa igreja em maio, 39 min.

Olha eu sou uma pessoa que aos sete anos começou, desde cedo começou a imitar e tudo. Já imitava a Rita Pavone com quatro aninhos de idade e então apanhei muito nessa época. Na minha época, em 57, era uma época muito difícil. Então eu fui estuprado com nove anos por uma pessoa de 18 anos. Então assim pra mim deu uma identidade e sempre que eu era muito franco, eu apanhava, minha mãe me batia porque eu dançava, porque ia as festas; eu era solto. Igualzinho eu sou hoje graças a Deus, nunca mudei minha personalidade por nada, nem quando eu passei no concurso do estado. Quando eu fui assumir a escola, com 18 anos, a minha diretora não quis deixar eu assumir, falou que eu era gay que eu não podia assumir; aí eu assumi e tudo e trabalhei 23 anos, numa escola estadual e depois 20 anos em outra escola estadual para aposentar. Então depois de 43 anos, aposentei com esse tempo de serviço e tem 4 anos que estou nesta escola como amigo da escola, então sábado e domingo eu abro a escola para os meninos. Graças a Deus eu tive opções, trabalhei aqui na igreja católica 25 anos com a semana santa, com a Palmeação de Santo Antônio; eu fiz teatro, eu trabalhei no teatro fazendo dublagem da Wanderléia nessas cidadezinhas todas pequenas aqui ao redor.

Aqui na cidade eu participo muito com miss gay, parada gay e frequento as boates gays daqui até hoje. Graças a Deus eu tenho amizade total nas boates, eu não pago pra entrar, você entendeu? Nunca paguei para entrar, frequentava boate gay e boate normal também, frequentava sambão de todo tipo, né? A gente tem que saber entrar e sair em qualquer lugar e Graças a Deus fui amigo de muita gente, gente da alta sociedade. Para não cair na bebida, no álcool, nas coisas eu procurei ser, evoluir através das pessoas que tinham uma graduação, um porte melhor, então minha amizade a vida inteira foi essa. Eu tenho muita amizade com os freis daqui, com os padres, com o bispo, então a gente tem um diálogo muito franco, e o que eu tenho que falar eu falo mesmo e tudo. Hoje com 62 anos a gente tem mais liberdade ainda, e na minha escola eu fui paraninfo 20 vezes, fiz colação de grau da primeira turma de formandos de professores que é a Diretora que faz, mas os alunos falou que era eu que tinha que fazer,

que eu que vivia dentro da escola com eles. Então assim, minha vida é mais dentro da escola e igreja (Pausa). Hoje tem 11 anos que infelizmente minha mãe cumpriu a missão dela (Pausa). Também mexi com carnaval desde os nove anos de idade até quando teve carnaval aqui na cidade. Agora eu mexo com reinado, então acabou o carnaval eu passei para o reinado onde eu sou mordomo da bandeira de Nossa Senhora das Mercês com sete coroas, o Rei da Coroa Grande, o Rei Perpetuo. Eu dancei reinado quase 25 anos, fui capitão do mato, fiz teatro lá com o pessoal negro falando sobre a escravidão na época. Inclusive aqui na igreja fizemos apresentação e tudo (Pausa). Eu sou Rei da Nossa do Rosário, então tem na faixa de sete coroas que sou coroado mesmo, coroas na cabeça. E me defino como uma pessoa que Graças a Deus assim (pausa). Tive um pouco de depressão, mas eu acho assim pela perda da mãe, nós ficamos 22 anos juntos, a gente estava acostumado a ficar agarrado, quer dizer a vida inteira, né? Desde que eu nasci até ela falecer, ela teve que ir embora, cumpriu a missão dela, eu fiquei com ela, eu tenho 10 irmãos vivos hoje e dois falecidos. Então assim, eu tive uma infância muito difícil porque meu pai ficou na cama 30 anos, eu tive uma irmã deficiente que ficou 26 anos na cama, então eu que cuidava, eu que lavava, eu que arrumava. Então as coisas eram muito difíceis, hoje não, Graças a Deus as coisas hoje são muito práticas, né? Mas sou feliz. Não me incomodando, eu sou sozinho, eu fico sozinho, se eu quero sair, se eu quero ir para a boate, eu me arrumo, coloco meus shorts curtos, voltei a colocar meus shorts curtos de novo, com essa idade toda, né? Todo mundo fica abismado de ver, cada dia com uma fantasia, ponho me enfeito, invento, corto roupa, ponho shorts, sabe? Eu sou divertido, apesar da depressão, mas quando eu tomo minha cervejinha eu solto o bicho que tá aqui dentro (risos). É só isso mesmo, eu sou feliz Graças a Deus. Nós estamos fazendo a entrevista, mas já passei na escola e já fiz café, já servi, acho que minha missão ou função nesse mundo atual de tanta tecnologia, de tanta coisa, é ajudar o próximo. Eles têm tantas coisas e não sabem mexer com quase nada, a única coisa é a tecnologia, só a tecnologia, mas pra fazer um café, pra comprar um pão, tudo tem dificuldade, aí não posso sair agora e então quero dizer que tenho disponibilidade qualquer hora, qualquer dia, qualquer minuto, eu tô pra ajudar os outros, eu deixo de ajudar eu pra ajudar os outros, minha felicidade é a felicidade dos outros, se Deus quiser a gente vai levando a vida.

Minha orientação sexual é um pouco machucada, né? Porque depois do estupro com nove anos, eu nunca tive relação sexual antes dos nove porque lá em casa era uma educação muito severa e eu fui conhecer o sexo quando eu fui dar banho no meu pai

com sete anos de idade. E o rapaz que eu trabalhava de empregada doméstica, o filho da dona tinha 18 e eu tinha nove, eu tinha o que? Eu não tinha mais que 80cm de altura, e como eu era pequenininho demais e coisa, ele aproveitou, abusou de mim com nove anos de idade. Então pra mim não conta nós ficamos quase nove anos juntos, mesma coisa de namorado, eu já tinha queda pra sexualidade, né? Só que nunca quis colocar busto, essas coisas não, minha vida sempre foram roupas de homem, tudo de homem. Então nós ficamos namorando quase nove anos, aí ele engravidou uma menina e queria que nós fôssemos embora, mas com 18 anos eu não queria largar minha família, que agora que ia ter um emprego melhor, ajudar a sustentá-la, então assim o que eu fiz? Larguei, deixei ele ir, eu disse não e ameacei de contar para a polícia o que tinha acontecido comigo, até que Graças a Deus, até da polícia eu sou muito amigo, mas muito amigo mesmo, porque todo mundo me conhecia aqui na cidade. Eu mexia com carnaval, mexia com isso, mexia com aquilo, mexia com teatro, cantava nos bar, punha música no violão, só bebia uma cerveja, uma pinga e eu tava cantando pra todo mundo e contando piada, então eu era muito conhecido. No quartel no dia da polícia, eles me levavam pra fazer show, pra dançar, pra fazer graça pro povo. Então, a minha vida foi triste assim quando eu completei 19 anos, até aí eu levava tudo na brincadeira, tudo na palhaçada, que eu achava que eu ia casar com ele, ia ter um montão de filhos, eu sonhava quando via aquelas mulheres barriguda, nossa eu quero ter um filho! Ai eu com 11 anos de idade ele me deu nenenzinho e eu levei pra casa, pensando que era boneca. Então assim, eu achava a coisa mais linda do mundo gravidez, a mulher gravida, minha mãe com aquele montão de filhos. Então quando caiu a ficha mesmo, eu estava com 18 anos, ele estava com quase 28, nessa faixa, ele casou com a moça e eu fiquei sozinho (Pausa). Aí veio a tristeza, a bebedeira, as coisas e aí logo passou; eu arranjei dois namorados, mas que não deu certo, aí eu larguei e resolvi tocar minha vida porque eu tinha passado no concurso. Ficava com vergonha dos meninos da escola me ver na rua, então eu fui pra escola, fui dedicar aos alunos, então minha vida era ocupada, eu tinha amizade com gente de idade, eu tinha na igreja, eu tinha que correr pra tudo enquanto é lado, uma irmã excepcional, eu tinha que correr pra todo lado para dar conta das coisas. Então não pensava em sexo, em homem não; eu vivi minha vida sozinho mesmo, mas nunca deixei de defender a homossexualidade, sabe como? Eu apanhava, eu apanhei muito pra mim ter uma pose que eu tive e que eu tenho hoje, se eu sou querido hoje agradeço a mim, por eu não ter mudado de personalidade; personalidade muito forte, se eu quero usar dois brincos eu uso, você entendeu como? Quando eu fui reprimido na

escola para não trabalhar, eu procurei os meus direitos e provei que eu era digno daquele cargo que eu tinha passado, onde eu ocupei meu cargo e fiquei lá 23 anos na escola, em 43 anos de aposentadoria, que eu aposentei com 43 anos de trabalho eu tenho até 12 anos de férias prêmio que eu não tirei, eu não tirava nem férias prêmios. Então quer dizer assim eu era muito querido e respeitado dentro das escolas, perante aos alunos, a família, que é uma coisa muito difícil você ter o respeito de pai e mãe de aluno, até hoje aqui na escola a gente é respeitado. Os alunos, se a gente chamar a atenção deles, e eles tiverem de uniforme, eles obedecem a gente. Então é maravilhoso, a história assim e até já me perguntaram porque que a prefeitura nunca me deu um prêmio? Alguma coisa assim. Eu nunca ganhei nada! Gente é bobagem (risos) é lata pra ficar enferrujando na minha casa, eu não queria. Igualzinho eu falei com meu diretor hoje, que o dinheiro não é importante, eu acho que a importância da pessoa está na dignidade, na alegria que ela passa para os outros, no desejo que as pessoas sejam felizes. Nós estamos vivendo num mundo de tecnologia, aonde o povo tá ficando burro, eles estão virando animais e os animais estão virando gente. Eu venho aqui na escola buscar comida e dou pra três cachorros do homem do lava jato, e o homem deixa os cachorros passar fome, então eu venho todo dia buscar comida e por pra eles. Os cachorros me defendem na rua, ficam igualzinho doido, se me pôr a mão na rua, os cachorros avançam na pessoa. Meus passarinhos cantam pra mim ir colocar comida pra eles, avisando que eu esqueci de colocar comida de noite pra eles comer de manhã cedo. Cê já pensou assim, gente já levanta alegre com passarinho cantando, eu tenho um canarinho, ele assobia o tempo inteiro, porquê? Porque tá tampado o pano e eu não levantei e são seis horas da manhã pra tirar o pano dele, pra ele ficar ao ar livre e cantar, cê entendeu? Eu ligo o rádio, tá no padre Manzoti, e tudo ele tá quietinho caladinho, quando tá passando coisa católica, quando tá passando música da minha de boate, de discoteca, de dançar, ele assobia que nem um doido, ele sabe muito bem definir o que é a reza e o que é dança, então eu chego perto dele e ele assobia, fica pulando de lá pra cá, mas eu não posso soltar eu fico com medo de perder ele. Eu ganhei ele pititinho, então os passarinhos, o pardal e um sabiá amarelo, fica tudo na minha varanda lá, cê pode ir lá, cê morre de rir, fica tudo assoviando enquanto eu não vou pôr comida pra eles, eles não param de cantar, sabe? Então ponho água, comida todo dia, pão esfarelado. Então assim pra mim é alegria. Agora ser é que é a questão. Os jovens hoje, as pessoas hoje, não sabem ter um comportamento que deveria ter, cê entendeu como? Eu sempre fui a vida inteira ninguém desconfiava entendeu? Não precisava, porque num precisa contar.

Eu acho assim a maior tristeza do mundo, é hoje em dia as pessoas vestirem de travesti e sair na rua, por exemplo elas tão tirando, os jovens os meninos hoje estão nascendo, já tão crescendo com uma acessibilidade muito grande. É pai casando, morando com outros homens, então assim, a gente tem que ter uma definição na vida pra você não casar com uma mulher, não ter filhos, porque eu acho que futuramente afeta a sexualidade dos meninos. Isso eu sou contra, vestir de travesti, vestir de mulher na parada gay né nada demais, mas todo mundo tinha que ter seu trabalho, cê sabe como? Hoje em dia a homossexualidade virou prostituição, ganhar dinheiro sabe, ganhar dinheiro com isso. Então minha tristeza maior minha é essa, rivalidade entre o homossexual feminino e o homossexual masculino, então virou aquelas coisas, aquelas brigas na boate, sabe? Apesar que eu não tenho dificuldade nenhuma com essas partes, nem nada. Mas eu acho que a gente podia rever está questão de a pessoa ser mais sincera na sexualidade dela. Eu vejo muito homossexual beijando e abraçando na boate, quando ele sai, ele tem namorada, uma mulher mesmo, e vai beijar ela, vai abraçar. Quer dizer ele faz sexo com um homem e fica com a mulher, com a esposa, com a namorada. Então eu acho isso, não acho isso certo, é a minha opinião. Assim eu explico muito para os meninos, meus amigos, que me contam as coisas: gente não queira ser um padre, uma pessoa que você esconde a sua sexualidade, porque tá acontecendo isso. Todo mundo tá virando padre, virando bispo, virando pastor, coisas de Deus para esconder a sexualidade dele. Então assim a gente fica triste com isso, porque a gente foi criado, eu fui criado debaixo do chicote de cana, porque minha mãe cortava a cana e batia até sair sangue, igualzinho escravo, batia, amarava a gente e batia, pra gente a educação que a gente tem. Eu morei praticamente dentro da zona boemia, a minha juventude, a minha vida inteira, eu saí de lá tem quatro anos, da rua que nasci e praticamente eu ia morrer lá, eu saí de lá por causa de ladrão, por causa dessa falta de humanidade, do ser humano porque tudo virou animal virou bicho. Porque não pode ver um celular, não pode ver um computador, não pode ver nada dos outros. Todo mundo tem a oportunidade de trabalhar e conseguir aquilo que eles querem. A minha vida eu nunca olhei aquilo que a pessoa tem, eu tenho que trabalhar para conseguir aquilo que eu quero.

Já conheci vários, vários casos de suicídio. Infelizmente e eu vou te contar uma coisa muitos não estão preparados para ser homossexual, eles são homossexual por causa que o outro amigo é, ou porque é chique, ou porque ele vai em uma festa. Então essa questão de homossexualismo é uma coisa que tem que ser trabalhada muito,

colocar nas escolas, eu acho que é bem-vindo, não o sexo igual banheiro homem e mulher, usar o mesmo banheiro dentro da escola não. Porque meninos, de cinco, seis eles não estão preparados pra isso, nem os de 15 anos, nem os de 18 anos, não estão preparados para ser homossexual. Eles podem pegar uma AIDS e eles acham normal, eles falam de AIDS como se fosse normal, uma doença normal. E não falam para os companheiros e não falam pras pessoas. Então assim, essa coisa tem que ser trabalhada; eu fico com dó porque hoje em dia focam no que? No celular, nas coisas, igualzinho eu tô falando com você, nas coisas modernas; e estão esquecendo o ser humano que eles são, eles não são máquinas; então eles acham que podem fazer tudo, tudo que eles vê, eles podem fazer, que num afeta; afeta sim, afeta o ser humano. Nós estamos caminhando pro fim do mundo, porque hoje em dia você não sabe quem que é homossexual, quem que é padre, quem que é bispo, entendeu como? Tá numa mistura onde que acaba o suicídio porque vem a velhice, as rugas; e ninguém aceita, porque eu já tive esse problema, de aceitação de envelhecer, até que quando eu cheguei aos 25 anos eu pensei, eu vou suicidar porque eu não quero ficar velho; eu não quero ficar que nem minha mãe, eu não quero ficar velho que nem meu pai, eu não quero isso, eu não quero aquilo; eu não quero morrer pros bichos me comer. Então essas coisas vêm tudo na cabeça, com 25 anos, até que era esticadinho, arrumadinho, surgiu os cabelos brancos, ficou pior, Nossa Senhora! Aí ficou bonito, nossa gente quero chegar aos 40, chegou os 40 quero chegar aos 50, agora chegou os 60 eu não recebi minha herança, eu não recebi nada, só juntei dinheiro pra passear quando aposentar, só que até agora tem quatro anos que eu aposentei e não recebi o dinheiro, meu dinheiro está tudo empregado por causa das minhas irmãs. Eu quero viver até os 100, a ruga não faz nada, sabe? Eu quero viver até 100, 110. Eu era apaixonado com a Dercy Gonçalves, eu fico apaixonado de ver os velhinhos com seus 70; eu não quero ficar carrancudo, eu quero beber, eu quero arrumar meus dentes, quero arrumar tudo, pra tomar minha cervejinha ir pro boteco, dançar, não quero puxar nada, de primeiro queria juntar dinheiro pra puxar as rugas, tanta gente morrendo com esse trem de puxar, não quero não. Eu quero é viver, uma vida sadia, alegre; uma vida cheia de paz. E passar essa paz para os outros, onde a gente pode passar alegria. Eu quero que Deus me dá, nós estamos na casa de Deus, então eu quero que ele me dá esse dom de alegria, igualzinho eu tive até agora, pra mim passar pras pessoas, pra mim acompanhá-las, pra mim transmitir essa alegria, coisa que hoje em dia não tem, porque hoje em dia, por exemplo as pessoas estão largando o celular pra conversar comigo, eles estão na boate, eles largam os namorados

pra conversar comigo, pra divertir, pra contar piada, pra eles rir, sabe? Porque você é uma máquina, você não para, então assim, é uma coisa que eu queria ter saúde, porque quem me fez eu ficar dentro de casa com depressão foi o próprio ser humano que tentou me matar dentro da minha própria casa e eu panhei medo de tudo, mas se Deus quiser, eu vou voltar. E sobre o suicídio, eu conheço vários, eu conheço duas travesti que suicidou porque por causa da idade, por causa disso que estou falando com você, de envelhecimento, de ruga, entendeu? Foi entrando em depressão, não tinham os amigos que tinham, e foi tomando remédio, remédio, até o remédio, tomar mais do que precisava, e suicidar. Porque vem a droga, né? Da maconha já passou pra cocaína, da cocaína já passou pro crack, do crack passou pra aqueles remédios pra crescer o busto, tomando remédio pra esticar a pele, aplicando aquelas injeções aquelas coisas, onde quando murcha? Hoje só te falando uma coisa, quando chega a idade você tem que assumir. Vou ser padrinho de casamento, agora dia 25, do meu sobrinho, primeira coisa que ele me perguntou sabe o que que foi? Se eu vou tingir o cabelo, falei: que isso tá ficando doido menino? Onde já se viu isso tingir o cabelo? Ele falou: ele tá meio esbranquiçado. Pois ele vai ficar assim meu filho, manda pôr mais holofote nele pra ele brilhar, porque tinta não tem não. Sabe assim a gente assume por completo porque tem que ser do coração, tudo que você faz na vida se não vem do fundo do coração não sai bem feito.

Não só na comunidade LGBT, hoje em dia é igual eu tô falando com você é a tecnologia, eu não posso ter um celular, um carro do ano, eu não posso ter, mas o fulano tem, então eu não posso ter, eu prefiro morrer. Vai entrando no álcool, na droga, na depressão, isso, vai roubar, pra ter aquilo, infelizmente eu tenho isso na minha família. Ele não é LGBT, mas ele só quer coisa boa, sem ter. Eu paguei tudo pra ele estudar e ele não quis estudar, porque hoje tem as escolas onde você faz em 6 meses uma serie. Você tem estudo quase de graça, coisa que não tinha, né? Nunca teve, quer dizer eu fui estudar com 50 anos. Eu procurei pra poder aposentar melhorzinho, então hoje eu moro sozinho, com Deus e feliz da vida. Lá em casa tem cerveja, tem tudo, mas eu não vou beber não, se eu não quero sair eu não vou beber, vou deitar na minha cama vou rezar meu terço, vou rezar, cê entendeu? Agora o problema de nós homossexuais, nós pensamos que somos melhores que as mulheres, melhores que tudo, e no fundo os bonitos, que realmente são bonitos, eu por exemplo tiro por mim, nunca fui bonito (risos) fui bonito graças a Deus, Deus me deu a beleza por dentro, que ninguém vê. Então assim, elas maquiagem ficam maravilhosas e tudo, mas elas esquecem que elas vão

ficar feias, veia, e talvez ficar mais feia do que a gente que já é feio, a gente já está acostumado com a feiura, então quando elas ficam feia elas quer morrer. Mas é mesmo, é verdade, porque despenca tudo não adianta você colocar, os ossos não aguenta, a nossa matéria não aguenta, nós somos criados para certo tempo. Tem uma certa idade pra aguentar. Hoje por exemplo eu tô com 62 anos, eu calçava 12, 15, 17cm de salto eu já pus, pra desfilar no carnaval. Hoje cê imagina eu tô pondo, eu vou fazer um show, eu tô custando aguentar pôr aquelas rasteirinhas, com 62 anos quer dizer, e olha que eu sou vaidosíssimo, pode ir na minha casa que eu tenho sandália de tudo quanto é, salto de toda altura, e não dou conta de colocar mesmo, não dou. Eu uso mas se andar dois passos já quero tirar então, tá me incomodando, então imagina nós por exemplo querer achar que aquilo ali tá bonito (Pausa). Hoje em dia tem muitas mulheres, não vou falar do público LGBT, que quer tirar as rugas, que quer tirar banha, quer tirar pneu, tão tudo morrendo aí. Então nosso LGBT, eles não tem muito dinheiro, porque o rapaz quando ele é assim, ou ele vai ser padre ou ele casa com uma mulher. Quando ele chega a uma certa idade, quando ele é homossexual que acha mesmo que é mulher põe mama e acha tudo maravilhoso. Ele não sabe que está estragando o corpo dele porque vai despençar, não tem jeito, pois se na mulher que já nasce com aquilo despenca, imagina você aplicando aquilo ali tomando remédio, tomando comprimido, não adianta, a idade chegou as pessoas tinham que acostumar com a idade. Nós que fazemos parte desse movimento gay, tanto faz o masculino, quanto o feminino nós temos que aprender o seguinte: a idade e a morte é a única certeza. No suicídio eles antecipam a morte deles, por causa, pra não ficar velho, pra não ficar cheio de ruga, pra não ficar barrigudo, pra não ficar muxibento, pra não ter pneu. Porque tem muitos, eu por exemplo me considero um homossexual de classe média, não pobre, porque hoje em dia eu tenho meu salário, de quase dois mil reais, tenho dinheiro no banco cê entendeu? Então eu tenho uma estrutura boa, eu por exemplo, eu saio da porta da minha casa que eu moro de aluguel, eu entro no uber e saio da boate e entro no uber e ele me deixa na porta da minha casa. Eu já tenho ele programado pra me buscar todo dia na porta da minha casa, então assim eu já tenho consciência daquilo que eu não posso ter, exemplo vou comprar um carro, colocar na minha garagem porque quando eu precisar me levam onde eu quiser, não! Então o suicídio é cometido sabe por quê? A inveja¹⁵, é ter as coisas dos outros, é querer ser mulher a vida inteira, e não fui porque não pude fazer cirurgia. É porque o

¹⁵Substantivo feminino singular utilizado no Norte, Noroeste e Nordeste de Minas Gerais que significa ambição e ganância.

busto tá caindo, as olheiras tá aparecendo. Então o que acontece? Eu tenho quatro amigos meus que morreram por causa disso. Não queriam ficar velhos, eles me contaram. A mãe deles me chamou lá e eu fui e eles eram muito bonitos e morreram. Suicidaram! Ficaram tomando remédio, remédio, droga, remédio e droga, remédio e aí foi até morrer. E ainda juntou com a AIDS e eles começaram assim a tentar passar pros outros, só que a gente é muito esperto, eu quando fico sabendo eu tento avisar as pessoas. A gente conta e usa camisinha ou não conta que tem o vírus, cê entendeu? Eu tô até batendo num que faz ponto, sabe? Ela falou que tem AIDS e fica passando. E passa carrão, não é pobre não, é rico, isso pra passar pros outros gente, é uma tristeza, então eu acho assim oh, eu tenho uma opinião se morreu é porque ia fazer maldade com os outros e Deus passou na frente. Porque eu acho que é uma covardia, eu ter uma relação com uma pessoa, passar pra um pai de família, passar pras pessoas, é triste de mais cê saber que tem aquela doença e passar para os outros.

Meu sentido para viver? Eu ainda acho que vou ficar com o ser humano (risos). Sofrendo com tudo, tudo que já passei com eles, eu acho que eu ainda fico com o ser humano. É Deus, né? Acho que a gente vive por ele, e por ele deixar a gente viver para o ser humano, a família, os sobrinhos que eu tenho, que eu tenho mais de 250 sobrinhos, eu já tô na quinta geração, o meu da quinta geração tem 12 anos, já tá pensando em casar em namorar, você entendeu? Então assim é uma glória pra gente ter esse encaminhamento, e esse respeito que todo mundo tem, ainda não apareceu ninguém pra competir comigo não (risos). Eu não sei se tem algum enrustido dentro do guarda roupa não, mas se tiver será bem-vindo, não tem preconceito, nossa família não tem. Porque eu sou padrinho de batismo de um dos filhos deles de cada um dos meus irmãos, então quer dizer não tem preconceito. Quando eles têm 15 anos eu sou padrinho de crisma, padrinho de não sei o que lá mais, padrinho de casamento de todos que casam. Então que não haja preconceito eu acho que é melhor viver é isso e feliz, né? Com as coisas de hoje você não é feliz completamente, porque não existe 100% completo feliz, sempre tem um pra beliscar, sempre tem um pra alfinetar. Pra mim, na minha opinião a felicidade é ter Deus, amor no coração pra dar e sorrir bastante. Mais tá bão. Vai indo e se Deus quiser acabar com esse restinho de depressão, vou voltar pras boates, vou dançar, vou aprontar e não devo nada a ninguém, Graças a Deus. Só devo a Deus por ter me dado a minha mãe, por ter me dado uma educação, e me ter trazido no mundo, eu sou apaixonado com minha mãe e assim, até hoje não tem substituição. Porque eu acho que os filhos deviam amar demais as mães, porque a perda; primeiro Deus que é uma

pessoa muito boa; mas a perda da mãe é uma luta constante. Não tem dia nenhum nesses onze anos que eu não choro, na hora que eu vou fazer uma comida diferente, na hora que tô recebendo alguém diferente na minha casa, porque ela era a mesma coisa que eu. Eu sou a cara dela, eu sou o tamanho do meu pai que tinha um metro e meio e a cor, o cabelo, a negritude da minha mãe. Que minha mãe era morena escura, então assim eu sou a cara da minha mãe, o gênio tudo, tudo, que até com 84 anos ela foi desfilar no carnaval, morreu com 84 anos, ela chegou na quarta feira e morreu no sábado, 10:40 estava saindo as campeãs do Rio de Janeiro, soltou foguete e ela estava morrendo. Então quer dizer assim, era uma pessoa de Deus, uma pessoa que gostava, e tudo que eu queria fazer ela ia também atrás, vou fazer teatro, ela ia ficar lá assistindo. Mãe eu quero vestir de mulher, ela dizia veste e coloca salto, ela ficava preocupada, me ajudava bordar as fantasias, as capas de reinado. Então assim, ela tá em tudo, em tudo que eu tenho tem um pouquinho dela. Nos shortinhos curtinhos, as meninas xingavam mãe, mas ele vai só na boate, ela vai só de taxi pra boate, da boate ele vem pra casa, não tem importância não ele tem as pernas bonitas deixa ele mostrar enquanto é jovem, que quando murchar, ele já teve vontade, já mostrou as pernas bonitas que ele tinha. Então é isso ela me ensinou ser gente, ser humano sabe?

La Borba, 72 anos, branco, gay, solteiro, ensino fundamental completo, sapateiro, fim de tarde na sua casa no final de maio, 39 min 41 segs.

Eu sou La Borba, filho de J.P. que foi sapateiro e que não chegou a formar a contador devido um acidente de caminhão; mais filho de M.C.F., natural de Pitangui, mas veio pra Divinópolis muito cedo e casou aqui. Eu sou muito caseiro, não bebo, não fumo, nunca bebi e nem fumei. Sou muito caseiro, muito família, já amei, fui amado, também tive muito desamor, também sou muito romântico entendeu? A maioria dos que não são machões, né? Todos têm muito amor a dar e pouco a receber. Mas eu sou essa pessoa que está conversando com você, sou eu do jeitinho que estou aqui agora. Sempre, feliz, alegre, tranquilo. Sexo pra mim não existe pra mim, tanto homem, quanto a mulher a diferença vem através do povo. Porque nós todos viemos de um lugar só e vamos voltar para um lugar só. Isso é todo mundo já nasce com um tipo de escolha, já é preparado pra vir assim. Eu não casei, não pretendi casar, eu não curto a parte do casamento. E também não levo vida desregrada, apenas sou gay, se eu assumi pra minha mãe eu assumo pro mundo. Eu não desrespeito ninguém, mas acho que tudo tá certo, porque nós somos partículas de Deus, nós somos todos pedacinhos de Deus, porque

Deus está em mim em você, naquele que se fala homem, talvez eu seja mais homem do que ele, né verdade? Porque as vezes, eu faço muito mais, e outros fazem muito mais do que eles. Sendo machões que as vezes olham pra gente com olho de lado de rabo, tá entendendo? Não tô falando de todos não mas é que muitos são bem assim inferiores, entendeu como? Eu digo assim talvez um que é gay faz muito mais do que um que fala que é machão, entendeu como? Então eu não sei você concorda? Mas nós todos somos iguais, o sol que brilha pra ele, brilha para mim, o ar que eu respiro é o mesmo, o Deus é um só, foi ele que nos fez, então ele é que sabe o motivo, aqui na terra ninguém tem o direito de julgar ninguém, aqui não, o julgamento é lá no alto, entendeu? Então levo uma vida tranquila, nunca tive problemas, já vi muitos problemas na rua, já vi muito gay apedrejado quando eu era criança ainda; eu sei que um que tomou muita pedrada e ganhou muitos palavrões por ser um homossexual ainda é vivo aqui na cidade. E acho que, todo mundo é igual. Não existe diferença a diferença vem através do povo mesmo.

Suicídio já sim, conheço duas pessoas, não tô lembrado o nome, um casal inclusive. Separadamente, eu tinha um bar e essas duas pessoas, frequentava o meu bar uma eu acho que chamava, muito novinha, bonitinha e ela era também dessa parte, e ela suicidou devido a família não aceitar, ela suicidou. E o outro rapaz, ele era um professor, muito legal, muito gente boa, suicidou porque a família não concordava, não aceitava, ele era muito taxado dentro da casa dele, pela própria família. Que a família é a primeira a ter que aceitar, é a primeira a abrir os braços, e lá casa dele não, era o contrário. Lá ele não era aceito, bem querido, ele sempre era jogado pra um lado, e um dia ele não suportou, ele suicidou. Olha eu acho que é muito é ... pelo preconceito do povo é uma parte né? Outra família não aceitar, talvez também por amor, eles suicidam por amor, muitos que eu já caso, já ouvi comentários suicidaram por amor, outros por família que não aceitava, outros casam pra dar satisfação a família, porque a família dentro de casa ter um gay, casam fazem o papel deles de machão e debaixo do pano não. E não é machão e nunca será, porque quem nasce já é, isso vem lá de cima. Então assim o suicídio é uma fraqueza, é uma depressão da pessoa, porque a gente tem até um limite pra poder suportar as coisas, passou daquele limite a pessoa não aguenta, não tem com quem desabafar o que fazer, ajuda, não tem ninguém pra ter uma conversa. Então a pessoa ela enlouquece, tipo de uma loucura, uma coisa repentina que vem e faz aquilo, porque se tivesse uma pessoa pra orientar talvez a pessoa não fizesse, mas é onde acontece muito caso é esse. Eu não posso dizer o mesmo, eu vou te contar uma coisa, eu tive bar no centro da cidade 20 anos, eu nunca tomei um tapa dentro do meu bar, eu

nunca fui assim insultado em rua, porque a gente tem que viver bem pra não o direito pro povo né? Porque se eu desrespeitar uma pessoa eu tô dando o meu direito, pra pessoa me taxar. Eu sempre procurei o meu caminho, meu caminho é esse eu vou seguir ele, se eu vim assim no mundo eu sou eu. O povo gosta de mim, eu gosto do povo, não tenho nada contra ninguém, sempre sou elogiado, eu sempre fui muito querido. O meu bar era frequentado não só por pessoas do sexo diferente, porque o povo é que julga isso, era casais de namorados, eram homens sozinhos, eram moços namoradores com as meninas, todos largavam as meninas em casa e iam pro meu bar entendeu? Quando iam com as namoradas, as vezes iam em casa voltava, então ali era um ponto de encontro pra qualquer tipo de pessoa, eu fiz amizade com muitos, fui padrinho de casamento de muitos, tenho muito afilhado de casamento, sabe? E até hoje a amizade conservou, graças a Deus, eu não tenho pra falar. Fui batista muitos anos, frequentei e ainda frequento igreja batista, não sou assíduo não, eu frequento também. Mas eu sei muito o que é o caminho certo e o que não é, e como devo viver, e como não devo viver, eu procuro a minha vida assim de um modo natural, e não me considero gay não, eu me considero uma pessoa comum igualzinho os outros. Porque não existe, não existe ninguém melhor que ninguém. Olha assim, vou citar pra você, um padre, um pastor se preparou pra aquilo, mas não é melhor que eu nem você, porque nós somos pedacinhos de Deus. Nós somos iguaizinhos a eles mesmos, porque o mesmo Deus é o meu e o dele. Porque Jesus quando veio ao mundo ele veio ensinar pra nós o caminho, porque antes o mundo estava em perdição, porque Deus é todo o universo, Deus não é minha imagem não é a sua ou de outra pessoa, Deus é um foco de luz. Ele é que rege tudo, ele comanda tudo, ele está em mim, está numa planta, no mar, no ar, no animal, numa formiga porque todos têm vida. Tudo que tem vida é Deus, eu tenho um pedacinho você também tem, ele também tem então nós todos temos. Mas acontece que o mundo no velho testamento era só perdição, era só muita coisa errada, tinha muita coisa certa, mas só que tinha muita coisa errada muita coisa que não dá certo, e Deus mandou o filho dele não foi? Jesus Cristo pra salvar a humanidade pra mostrar o caminho pro povo né? Veio mostrou o caminho tirou os demônios do corpo do povo, porque Jesus era um espírito ele não era espirita, ele era um espírito santo e nós todos somos espíritos, nós não somos espiritas, muita gente confunde. E nós viemos, nós somos matérias, nós somos eternos, o nosso eu é eterno. E o que eu quero dizer é o seguinte que Jesus veio ele não condenou ninguém por ser gay ou não ser, Deus não desceu do trono onde ele estava para condenar uma pessoa. Deus é amor, e acho que ninguém vai pro inferno,

Deus prepara casa pra cada um, na casa do meu pai há muitas moradas. Então ali existe caso pra cada um que vibra igualmente né? Mas acho que Jesus veio pra salvar e querer o bem de nós todos, eu tenho certeza que eu vou ganhar a minha salvação, que eu sou uma pessoa que já fiz muita caridade, já olhei muita gente, pessoas doentes, cuidei de muita gente nos últimos tempos, e nunca sai fora da minha linha pra prejudicar ninguém. Então eu não tô seguindo a risca não, quem sou eu nós todos somos pecadores, mas eu acho assim se Jesus veio ele veio pra salvar, se acreditarmos e pedirmos perdão daquilo que já fizemos nós somos perdoados, dali pra frente a gente tem que seguir aquele caminho que a gente pediu perdão. Mas o que eu fiz no passado eu vou ter que prestar conta lá em cima do outro lado, entendeu como? Não é que perdoou aquilo não, pra mim na minha concepção de pessoa não. Aquilo que eu fiz lá traz ainda vou ser julgado, Jesus vai voltar, Deus vai fazer o julgamento de todos. Então eu acho que o que eu fiz eu vou ter que responder, não é só assim né? Deus perdoa, Jesus perdoa, a gente fica sem saber, porque o paraíso, o céu é o paraíso, não é verdade? Os dois ladrões estavam na cruz, Jesus estava no meio dos dois um não pediu perdão o outro pediu, hoje mesmo estará comigo no paraíso então ele foi salvo ali, não sei mas vai ter o julgamento ainda, Jesus voltando a terra vai ter que devolver o que ela comeu né? Eu quero falar, então eu tô provando pra você que não tem diferença, que o mesmo que nasce vai pro mesmo lugar que o outro vai também é um homem, uma mulher, um gay seja quem for, o animal, nós todos somos pó, viemos do pó e ao pó vamos voltar né? Então não sabemos, eu não pedi pra nascer assim, como outro não pediu, muitos virão, e são muitos debaixo do pano também, entendeu? Então nós todos somos iguais, a diferença é o povo que faz.

Não tentei suicídio porque eu tenho a cabeça muito no lugar, desde pequeno eu entendi. O meu pai tinha uma leve desconfiança por a gente não é bobo, na minha família o que menos corre voa, e o que menos enxerga concerta relógio no escuro, todo mundo é esperto, meu pai ele mais ou menos imaginava mas nunca deu um toque pra mim, nunca me falou nada, quando ele foi embora eu tinha 22 anos. A minha mãe ficou sabendo eu tinha 29 anos, quando ela ficou sabendo, eu nunca bebi, nunca fumei e um dia eu gostei de uma pessoa, esta pessoa teve um romance comigo, só que sumiu uns dias, desapareceu do pedaço, eu fiquei sem saber o que eu fazia, eu sai de bar em bar, porque o povo dizia quem quer esquecer um amor, quer esquecer um problema bebe que esquece. Bebe que você vai esquecer, eu então não sabia nada sobre isso, sai de bar em bar pedindo uma dose de conhaque, e fui bebendo, bebendo, bebendo, cheguei em

Niterói encontrei um, baixei na casa de uma família minha ali, família não amigos meus ali, ai um amigo meu não vou te levar pra casa, vou te levar de taxi e tal e coisa, nem vi chegando em casa. Quando foi mais tarde uma irmã me deu uma xícara quente de café sem açúcar, pra mim acordar, pra mim poder ficar mais alerta né? E esse meu amigo que me trouxe aqui chamou minha mãe em particular e contou pra ela, a minha vida, que minha vida era assim, assim, assim, que eu tinha esse e esse motivo pra isso. A minha mãe não falou nada, conversou com ele o que tinha que conversar, eu não vi ele indo embora porque eu tava daquele jeito, quando foi no outro dia a minha vai no meu quarto, se joga em cima de mim e fala assim comigo, preciso falar com você, você é meu filho, você vai fazer da sua vida o que quiser, você tem toda liberdade, você é você, eu sou a sua mãe, tô do seu lado pro que der e vier, só não aceito bebida dentro da minha casa, mas você pra mim não muda em nada, você é o mesmo filho que eu tenho. E ai levei minha vida normal, não bebi, não fumei, uma que eu não tinha vontade, outra que eu agradeço a ela também, é ... tive bar esses 20 anos não bebi também, as vezes eu provava um golinho não sentia bem, não gosto, até hoje não bebo nada, e então minha vida foi essa. Minha descobriu com 29 anos, mas eu com 5 anos de idade já sabia que eu era, com 5 anos eu sabia que eu não gostava de meninas, eu não sentia bem, assim em matéria de atração, eu já tinha atração pelo outro lado. E acontece que namorei muitas meninas, muitas apaixonaram comigo na época eu não era muito feio não sabe? Mas acontece que elas davam de cima, e com o meu pai me forçando não namora com ela, namora com ela, eu namorava, eu namorei com fazendeira, namorei com muita gente importante, mas não era o meu fraco né? Ai deixei o tempo passar, até hoje sou procurado por mulheres, já sai com mulheres também, até sexo eu fiz com mulheres só que por fazer, cada um tem atração e vontade da sua vontade. Da sua maneira né? É o seu sentimento, que tá em jogo, então pra casar pra fazer uma pessoa infeliz, é preferível eu ficar na minha, por filho no mundo pra depois ouvir na cara alguma coisa não quero. Porque muitos casam e muitos tem filhos, eu conheci um moço um senhor, que frequentava meu bar durante o dia, porque meu bar abria três horas da tarde, as vezes abria mais cedo pra dar limpeza, teve um local que eu tinha que abrir cedo pra servir café pras outras pessoas. Então eu conheci essa pessoa, essa pessoa tinha sete filhos, sete filhos chegou conversou perguntou se podia conversar comigo, tudo bem, ele disse olha eu te admiro, porque você assume a sua vida não publicamente igual o pessoal é, você é você respeita as pessoas e é respeitado, eu queria ter a sua vida, e eu fui privado por conta da minha família, eu fui obrigado a casar tenho sete filhos, gosto amo meus

filhos mas não sou feliz, porque eu não sou feliz na minha vida, e assim várias vezes ia lá, e sai com pessoas de baixo do pano. Outro eu conheci uma pessoa já idosa, duas, também da mesma forma, um casado tinha filhos, mas não era feliz, o outro já era viúvo também procurava rapazinho, no tempo trabalhava numa firma aqui de Divinópolis, era mais o povo não aceitava, então ele representava um papel que era o papel do macho, pra não ser taxado e ser mandado embora do serviço, sofreu muito. A minha vida já foi diferente eu vim em uma outra época, e não dei muita satisfação ao povo, eu segui a minha cabeça dentro do meu limite dentro da minha classe, então eu segui um caminho certo sabe? Eu não casei pra não fazer uma mulher infeliz, pra ser infeliz. Então eu na minha maneira de ser eu sou feliz porque eu tô na idade que eu estou, e não tenho satisfação a dar a ninguém, eu tinha aos meus pais. Se a mãe me aceitou, como aquele que agora deu uma entrevista na televisão aquele Hipólito ele declarou para o mundo inteiro, então se a mãe aceitou o resto não tem que dar satisfação a ninguém e ele tá certo. Porque eu já tinha isso na minha cabeça, se minha mãe me aceitou eu não tenho que dar satisfação da minha vida a ninguém né? Eu tenho que dar satisfação pelo que vivi eu tenho minha família ainda, então eu respeito minha casa, respeito minha família, mais não faço nada errado. Acho que muitos sofrem também, sofrem muito, muitos entregam a bebida, as drogas, a vida, largam família, sem condição nenhuma as vezes vai morar sozinho, as vezes vence na vida mais do que a família, e eles vencem e ainda vem pra ajudar a família, que pos ele pra fora entendeu? Muitos vão lá fora e são tocados de casa, são taxados pela família, chega lá fora vence ganha seu dinheiro, fica rico, fica bem de vida e volta pra ajudar a família entendeu como? Ai ele é bem aceito, porque quem tem dinheiro pro povo, pra maioria tem valor, os que não tem é um zé ninguém é isso é aquilo é aquilo, não vale nada é aquilo, apesar que o mundo, agora vou te contar uma coisa, tem muita cobrança no mundo, mas tem muito pagamento porque quem fala, eu conheço muita gente que tá pagando língua, mais é muita porque lá cima não brinca com ele lá do alto não. Porque conheço pessoas que gostava de taxar os outros, eu via e ficava calado olhando aquilo, hoje dentro da casa dessa pessoa tem dois, quando não tem três. Lembro de uma vez que existia o cine popular, maior cinema de Divinópolis tinha camarote eu frequentei muito na minha infância e juventude né? Era ele e o Divinópolis, onde é a casa de baile ali, depois veio o cine arte no final da década de 50, sendo inaugurado com o filme Marcelino pão e vinho. Então o cine popular era o mais frequentado, porque depois do cinema vinha o seriado que passava logo em seguida do filme, então passava um pedaço na outra semana continuava, aquilo pro

dono do cinema ganhar também né? E ali eu frequentava e via muita coisa, e quando eu ia pro cinema, que começava 19:30, já via um bando que não era os machões, não era nada, era gente como nós somos todos iguais. Vinha aquela turma deles passando naquela alegria, que eles sempre foram muito alegres né? Uma turma que trabalhava na primeiro de junho um deles falava assim: lá vem a turma de, falava palavrão, de viado gente. Ai todos ficavam calados e eu olhando eu era menino, olhando eles mexer com esses que já eram mais velhos: oh fulano, oh viado, oh vagabundo, oh isso, oh aquilo. E ai eles não aguentavam pegava pedra jogava neles, eles retrucavam, os outros não, olham era os taxistas ali da equina da sinuca na rio de janeiro com a primeiro de junho. Ali todos eram taxistas, um mexia com o povo, um chamava, apelava, falava tudo pra eles, e eles uma hora saiam xingando, outra hora pegavam pedra e jogavam e ria e debochava. O tempo passou né? O filho do taxista hoje é travesti, só que ele não conversava com filho por ele ser travesti, mas a língua foi paga entendeu? Então tudo que faz aqui é aqui que se paga, e quando não tem um dentro de casa, tem dois, tem três, antigamente era muito raro, aparecer isso na cidade tinha fama, hoje não ninguém põe nome em ninguém, evoluiu tanto, porque cada casa quase que tá tendo um, quando não é um é uma né?

O sentido para viver é como você tem outro tem, não é porque você casou pode ter filho, ter seu marido não. Porque viver a vida é uma dádiva de Deus pra nós todos, que porque vou falar uma bobagem mas uma bobagem certa, porque num esperma que vem, vem milhões pra ser um pra chegar, ou dois, ou três que são gêmeos né? Nós tivemos a grata felicidade de chegar, mas porquê? Não foi eu quem quis, foi lá em cima que escolheu. Porque todos viemos de um pó, nós somos feitos de um pó, de areia da terra o Adão e a Eva né verdade? Então nós viemos todos iguais, então você é feliz, por ser você, por ter você, ser uma moça bonita, ter seu marido, ter seu lar, vai ter filhos ou tem filhos que eu não sei, pode querer. Eu também vim pra uma missão, porque eu não casei, mas eu nessa vida sirvo a muita gente porque eu tomei conta de muita gente na cama, gente idosa que precisava de mim. Sou muito procurado por pessoas idosas tanto homem, quanto mulher, pra isso não existe sexo nem pra homem nem pra mulher, quando chega a certa idade, isso é mais pra juventude. Que as vezes julga assim, assim, assim mas no final da vida, porque nós nascemos somos crianças, temos juventude, maturidade e velhice entendeu? Na velhice é a gente mais entende as coisas, porque na velhice já viveu tudo que passou por várias etapas. Hoje eu tenho 72 anos, eu tô na velhice, tô na taba da berada, mas acontece que a minha infância foi muito boa,

igualzinho a da meninada, porque menino pra eles tudo é bom. A juventude foi boa, porque eu vivi uma época de felicidade. Gostei de uma cantora famosa Emilinha Borba, dediquei o bar a ela, corri atrás durante anos e anos, a família inteira, Divinópolis inteiro sabe, sabe do meu amor e paixão por ela. E ainda mais que tive a honra e felicidade de recebê-la dentro da minha casa por duas vezes. Coisa que não é pra quase ninguém né? Mesma coisa de receber hoje, um que você gosta que é da sua época né? Então ela foi a maior cantora mais popular do país tá! Na época, só em capa de revista foram quase 500 capas, gravou quase 1000 músicas, fez sucesso romântico e foi a maior cantora do carnaval do país. Todo mundo conhece: chiquita bacana, se a canoa não virar, mulata bossa nova, esse tipo de marcha de carnaval. Então eu fui feliz na minha infância e na minha juventude, na minha maturidade eu passei a entender melhor a vida, vendo que a vida, eu não casei mas eu tive amores, nunca tive amor tive amores. E hoje não tenho, também não procuro mais não, né que eu tô vivendo do passado não, mas é que a gente cai na real, que a vida tem que ser assim, tudo é a época. Tudo tem seu tempo, tem o tempo de plantar e de colher. Então eu sempre fui feliz, só sou infeliz por um motivo porque a morte pra mim é uma coisa muito estúpida, é uma coisa que veio de Deus, pra nós todos, nós todos vamos embora, isso aqui é uma passagem é só um conhecimento uma escola, nós estamos aprendendo. Mas é que a mãe ela é tudo na nossa vida nós viemos através dela né? É o maior amor do mundo. Mais, perdi. A mãe é o maior amor mundo, então aprendi com a vida, não sou feliz porque não tenho a minha mãe, ela foi o meu amor da vida. Amo as pessoas, amo minha família, amo meus amigos as pessoas, porque todo dia conhecemos pessoas, tô te conhecendo hoje e passei a gostar muito de você né? Como eu gosto de todo mundo, eu não tenho inimigo se tenho eles são inimigos de graça, as vezes você ganha uma taxada, alguma coisa porque tem pessoas que não gosta da cara da gente né? É o santo que não bate como se diz né? Mas são muito poucos, muito poucos, as vezes familiares que não são tão próximos mas você nota alguma coisa. Mas dos de fora não, as pessoas de fora também são muito amorosas, eu sempre falo como eu sou querido. Onde eu piso eu faço amizade e todos me procuram, telefonam, hoje a internet né? Que todos me procuram pela internet, ou por telefone mesmo, então onde eu vou eu sou muito querido até pelas crianças. Fui agora a casa de um pessoal muito conhecido que era do Sargento Siqueira, então são parentes. Então eu fiz uma amizade muito grande com a família, uma delas trabalhava na Santo Pecado, que é a ... então toda vida eles gostavam muito de mim, e falavam, vai na minha casa, vai na minha casa fui. Fui tão bem recebido, como sou bem recebido nas

casas graças a Deus, tô tendo sempre convite pra ir aqui e ali, aconteceu o seguinte que cheguei lá uma menininha de 9 anos chamada ... falou assim: vovó você nunca me falou desse moço? Ela disse: não ele é amigo da vovó da família e nós gostamos muito dele, ele é uma pessoa que gostamos há muitos anos, ele é amigo da vovó, da sua mãe. Ela falou: nossa vovó gostei muito dele. E a menina me abraço, foi buscar churros pra mim, em frente, esse eu trouxe pra você e trouxe outros que quando terminar é pra você, gostei demais de você, quero que você volte e vou lá na sua casa. Então quem é que não fica feliz, se uma criança te enxerga com bons olhos, porque que um jovem um adulto mais velho não enxerga? Vai me enxergar pra velhice pra ajudar as pessoas não! Então eu me sinto feliz, eu me sinto feliz, infeliz porque eu perdi a minha mãe, maior amor do mundo, meu pai foi embora muito cedo num acidente senti muito, eu tinha 22 anos entendi, porque eu tava com minha mãe, minha mãe não casou mais porque ela era muito apaixonada com ele, e ela dedicou muito pra família, e pra casa e era da igreja batista e cantava no coral, foi crente até o ultimo dia, cantou até o ultimo dia que foi de enfarto. Mas a vida continua estamos aqui de passagem sou feliz, não sou infeliz por ser assim, e queria que todos fossem assim também. Mas infelizmente não porque as famílias são diferentes né? O povo é que faz a diferença, mas tem que ter um pouquinho de cabeça né pra entender e aceitar, porque é difícil a vida que eu vivo que eu vivi, e que muitos vivem. Porque não é uma vida pra casamento, o que vai casar é ali é o tal, a que vai casar tá preparada é uma moça e tal. Eu não nasci pra casar, mas você mesmo tem seu preconceito dentro de você, só que você não quer colocar pra fora pra não satisfazer o gosto de muita gente. Eu não dou o gosto pra não ser cobrado, então acho que a vida é tudo igual, nada diferente só muda o comportamento do homem porque tem filho, tem filho, tem que cuidar da casa, o homem tem que sair cedo pra trabalhar. Cuidar dos filhos é a mãe que cuida mais, porque é a mãe que trouxe, é mais amorosa, ela é mais dedicada, e o pai mais severo né? O que põe respeito dentro da casa, que quer tudo certinho. Mas a mãe é o amor, a mãe é o próprio amor o símbolo do amor na terra é a mãe, concorda? Porque a mãe de Jesus foi Maria, é Maria ela não salva o mundo, quem salva é Deus e Jesus Cristo, Maria intercede por nós lá em cima. E Nossa Senhora tem vários nomes, Aparecida, de Lourdes, Fátima, das Graças, mas todas é uma só é Maria na minha concepção. É Maria respeito todas porque é uma só, mas ela não salva o mundo quem salva é Deus e Jesus que veio pra salvar o mundo pra mim. Agora pros demais, religião não se discute. Então acho assim então não tem diferença, não existe diferença porque o moço veste de mulher? Deu vontade de vestir, veste. Deu vontade de

calçar um salto, calça que que tem? É um sapato, é um vestido não está nu. Que todos já fomos nus, nós viemos nus, e vamos deixar aqui na terra as roupas também, nós viemos e vamos voltar do mesmo jeito. Porque lá em cima é quem sabe, lá que é o professor, lá que é o mestre. E então não existe diferença, quem faz a diferença é nós mesmo, então a vida é isso aí.